



IFITEG

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS

CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

RENILDO BELARMINO SILVA

**A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA DA CRUZ: ELE SE FEZ  
CAMINHO**

GOIÂNIA-GO

2022

RENILDO BELARMINO SILVA

**A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA DA CRUZ: ELE SE FEZ  
CAMINHO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), como requisito final para obtenção do título de bacharelado em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pereira Nolêto.

Goiânia-GO

2022

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedico este trabalho a Deus e a Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil que acolheu minha vocação e me ensinou o modo franciscano de Ser no mundo, a minha família que sempre me apoiou em todas as decisões e ensinou a servir e a amar a Deus, a família e ao próximo, enfim a todos que encontram na vida e espiritualidade franciscana o solo fértil para seu desenvolvimento intelectual e/ou espiritual, contribuindo para formar o *homo viator* no encontro com Deus e o outro seguindo o exemplo do Poverello de Assis, pobre e apaixonado da cruz.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças e saúde para passar por todas as dificuldades.

A todos os professores e amigos pelo carinho e ajuda dispensados em especial ao professor Frei Flávio Nolêto, OFM, que abraçou este projeto e me ajudou com conhecimento e acima de tudo coragem e perseverança para realizar este TCC, quantas mensagens cobrando e me incentivando nos momentos de paralisia criativa e as muitas mãos que me ajudaram a confeccionar, não citarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas coloco todos em minhas orações.

À minha fraternidade provincial e local por entender meus momentos de dificuldades, por vezes de quase surtar e ajudar em tudo que era necessário desde auxílio financeiro, didático e acima de tudo espiritual para conseguir concluir meus estudos constituindo o meu Ser Franciscano.

À minha família pelo amor, incentivo, preocupação e apoio em todas as horas. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação.

A minha gratidão e o meu muito obrigado!

“Conheço o Cristo pobre e crucificado e isso me basta”. **(II Cel. 105,5)**

“Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo o mundo, e vos bendizemos, porque, pela vossa santa Cruz, remistes o mundo” **(Test 5)**

Ó São Francisco, estigmatizado do Monte Alverne, o mundo tem saudades de ti qual imagem de Jesus crucificado.

Tem necessidade do teu coração aberto para Deus e para o homem, dos teus pés descalços e feridos, das tuas mãos traspassadas e implorantes.

Tem saudades da tua voz fraca, mas forte pelo poder do Evangelho.

Ajuda Francisco, os homens de hoje a reconhecerem o mal do pecado e a procurarem a sua purificação na penitência.

Ajuda-os a libertarem-se das próprias estruturas do pecado, que oprimem a sociedade de hoje.

Reaviva na consciência dos governantes a urgência da Paz nas Nações e entre os Povos.

Infunde nos jovens o teu vigor de vida, capaz de contrastar as insídias das múltiplas culturas da morte.

Aos ofendidos por toda espécie de maldade, comunica, Francisco, a tua alegria de saber perdoar.

A todos os crucificados pelo sofrimento, pela fome e pela guerra, reabre as portas da esperança. Amém.

**Oração de São João Paulo II a São Francisco.**

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título é “A Espiritualidade Franciscana da cruz: Ele se fez Caminho”, tem como objetivo os encontros de Francisco de Assis com a cruz que o levou a seguir Cristo mais de perto e a partir destes, ocorreu o desenvolvimento de uma espiritualidade da cruz e dos valores de minoridade e fraternidade norteadores da vocação e missão da Família Franciscana. O tema é apresentado a partir da problemática de como compreender no processo do santo de Assis, de encontrar-se consigo mesmo, com Deus e finalmente, com o crucificado no próximo, por meio dos quatro encontros com a cruz, se dá o nascimento do tripé da Espiritualidade Franciscana: Presépio, a Cruz e a Eucaristia, dando forma a vida e a espiritualidade Franciscana, nos debruçaremos sobre a temática da cruz. O método deste trabalho é realizado a partir de alguns relatos do santo de Assis, a partir de estudiosos e biógrafos franciscanos que refletem sobre a vida, teologia e espiritualidade franciscana, e ao mesmo tempo percorrerá pelas narrativas sob o viés do chamado ao encontro com o crucificado criando um caminho de seguimento de Cristo pobre e crucificado. A pesquisa é concebida a partir das dimensões do “escutar”, “discernir” e “propor”. É possível notar que São Francisco de Assis, como um santo singular, que de forma profunda e misteriosamente marcado pelo sinal-da-cruz, que sendo arrebatado e inflamado de amor em seus encontros marcantes com o crucificado e ao ponto de se tornar marcado pela cruz recebendo os estigmas de Jesus Cristo. Dá aos seus seguidores um ardente amor pelo crucificado e sua paixão, ao ponto de dizer que por meio dela se dá a perfeita alegria e torna símbolo da missão de evangelização dos frades no mundo, norteando sua vocação e missão dimensão esta, tão cara a Família Franciscana.

**Palavras-chave:** cruz. Encontros. São Francisco de Assis. Espiritualidade Franciscana.

## ABSTRACT

The present Course Completion Work is entitled: "The Franciscan Spirituality of the Cross": He made himself the Way", aims at the encounters of Francis of Assisi with the cross that led him to follow Christ more closely and from these, emerges the development of a spirituality of the cross and of the values of minority and fraternity that guide the vocation and mission of the Franciscan Family took place. The theme is presented from the problem of how to understand in the process of the saint of Assisi, of meeting himself, with God and finally, with the crucified in the next, through the four encounters with the cross, the birth of the tripod of Franciscan Spirituality: Crib, the Cross, and the Eucharist, shaping Franciscan life and spirituality, we will focus on the theme of the cross. The method of this work is carried out from some reports of the Saint of Assisi, from Franciscan scholars and biographers who reflect on Franciscan life, theology, and spirituality, and at the same time it will go through the narratives under the bias of the call to meet with the crucified, creating a path of following the poor and crucified Christ. The research is conceived from the dimensions of "listening", "discerning" and "proposing". It is possible to notice that Saint Francis of Assisi is a unique saint. In a profound and mysterious way, he was marked by the sign of the cross. He was carried away and inflamed with love in his remarkable encounters with the Crucified and to the point of becoming marked by the cross - receiving the stigmata of Jesus Christ. He gives his followers an ardent love for the Crucified and his passion, to the point of saying that perfect joy is given through her. He becomes a symbol of the mission of evangelization of the friars in the world, guiding their vocation and mission in this dimension, so dear to the Family Franciscan.

**Keywords:** cross. Encounters. Saint Francis of Assisi. Franciscan Spirituality.



## SIGLAS/ABREVIATURAS

### Escritos de São Francisco

2Fi = Carta aos Fiéis (2ª Recensão)

Adm = Admoestações

BnL = Bênção a Frei Leão

CC = Cântico do Irmão Sol

ExL = Exortação ao Louvor de Deus

LD = Louvores Ao Deus Altíssimo

Le = Carta a Frei Leão

LH = Louvores de Deus nas Horas Canônicas

OC = Oração diante do Crucifixo

OP = Ofício da Paixão

PN = Paráfrase ao Pai Nosso

RB = Regra Bulada

RnB = Regra não Bulada

SM = Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria

SV = Saudação às Virtudes

Test = Testamento

## **Biografias de São Francisco e Santa Clara**

AP = Anônimo Perusino

CSE = Considerações sobre os Estigmas

1Cel = Primeira Vida, de Tomás de Celano

2Cel = Segunda Vida, de Tomás de Celano

3Cel = Terceira Vida, de Tomás de Celano

1 EP = Espelho da Perfeição (menor)

LM = Legenda Maior, de São Boaventura

LTC = Legenda dos Três Companheiros

TestC = Testamento de Santa Clara

AtF = Atos do Bem-aventurado Francisco e Companheiros

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	<b>FRANCISCO O CONVERTIDO PELA CRUZ DO SENHOR, OS QUATRO ENCONTROS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS</b>	16
1.1	PRIMEIRO ENCONTRO: COM O SENHOR DE APÚLIA	17
1.2	SEGUNDO ENCONTRO: NA IGREJINHA DE SÃO DAMIÃO	24
1.3	TERCEIRO ENCONTRO: NA VONTADE DE DEUS NOS EVANGELHOS	31
1.4	QUARTO ENCONTRO: NO MONTE ALVERNE COM O ESTIGMATIZADO	36
2	<b>O SEGUIMENTO DE CRISTO POBRE E CRUCIFICADO FONTE DA PERFEITA ALEGRIA NA VIDA FRANCISCANA A DEVOÇÃO À CRUZ</b>	42
2.1	DA DEVOÇÃO A CRUZ À PAIXÃO DE CRISTO: O CAMINHO DA IMITAÇÃO PARA O SEGUIMENTO	45
2.2	A VERDADEIRA E PERFEITA ALEGRIA	53
2.3	DA ORAÇÃO AO SENHOR	57
3	<b>A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA DA CRUZ FONTE PARA A VIDA DE MINORIDADE E FRATERNIDADE NA VOCAÇÃO E MISSÃO FRANCISCANA</b>	64
3.1	A CRUZ QUE ABRAÇA O UNIVERSO	66
3.2	O HOMEM NOVO QUE NASCE DA CRUZ	70
3.3	A FRATERNIDADE E A MINORIDADE FRANCISCANAS: EIS QUE SE FEZ CAMINHO	73
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	86

## INTRODUÇÃO

A vida é feita de encontros e desencontros, e nestes momentos únicos e singulares que se forma um ser humano, fazendo parte dessa dimensão da vida. Logo, as relações são forjadas, experiências vividas, formam o “*Locus*” próprio de cada um, seu jeito de ser. Nesta pesquisa, tentaremos apresentar estes momentos na vida de um personagem da história e da Igreja, que conheceu em sua vida vários encontros e nesses encontros descobriu sobre si mesmo, em particular com outros, com a criação de modo todo especial com o Senhor que se mostra na cruz. Sendo, Francisco de Assis, fundador de um carisma religioso no século XIII, admirado por mais de oitocentos anos, justamente por seu estilo de vida, seu despojamento e em especial pelo modo de seguimento a Cristo. Além de modelo de santidade na Igreja, é modelo de relações humanas, de encontros com o outro na sociedade, pelo seu modo de proceder simples e humilde.

Já no ano de 1206 é considerado central no processo de sua conversão, pois foi a partir desse momento que ele teve suas experiências encontrando o Senhor de Apúlia, o crucificado, o Evangelho e mesmo com a chegada dos companheiros para aderir ao plano de vida idealizado e depois de muito viver um completo abandono na vontade do Senhor que o chamou, se plenifica em sua conformação com a Paixão do Senhor na estigmatização no Monte Alverne. E em meio a tudo isso, encontrar Deus e outro no leproso, seu despojamento da paternidade de Pedro de Bernadoni pelo “Pai Nosso”, o isolamento em uma caverna e nos campos para meditar, contemplar e orar, no cuidado e serviço com os irmãos menores e abandonados, no vestir o hábito de eremita e começa a restauração da Igreja de São Damião e outras Igreja procurando fazer a vontade do Senhor.

Estes são os primeiros momentos da vida de uma figura que marcou a história, não só da Igreja, mas também da sociedade do seu tempo e que hoje está tão latente especialmente quando um Papa escolhe seu nome para lembrar do Santo da paz, da criação, dos excluídos, dos menores e abandonados de seu tempo e dos nossos. Foram estes e tantos outros encontros importantes na vida do *Poverello* de Assis, tanto que ficaram registrados como um legado em seu testamento para as futuras gerações de irmãos menores. Ao citar sua experiência do encontro com o leproso: “E

afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo; e depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (Test 3). Dessa maneira é compreensível que os encontros relatam um nível de importância que apresenta consequência direta para a vida de Francisco e não só, também, das outras pessoas e realidades que passam a ganhar um novo sentido e significado cultivando o seguimento de Cristo que culmina com o modo próprio de viver a espiritualidade.

Levando em conta todo o processo, o objetivo geral será de apresentar os encontros de Francisco com a cruz e como se desenvolveu a Espiritualidade Franciscana da cruz, norteando a vocação e missão da Família Franciscana pelos valores da minoridade e fraternidade. Para atingir este objetivo geral se buscará num primeiro momento refletir sobre os encontros de Francisco, identificando nestes, os quatro encontros de Francisco com a cruz. Em seguida analisar e investigar, o surgimento e desenvolvimento da Espiritualidade da cruz na vocação franciscana, a partir do seguimento de Francisco a Cristo, que se torna fonte de perfeita alegria, culminando na oração tão peculiar deste nascidas dessa intimidade, e por fim apresentar que em Francisco a cruz se torna o centro do seu viver, e com isto abraça todo o universo, dando a totalidade do sacrifício feito, a partir disto se vê o nascimento do novo homem convertido pela cruz e todo este processo dá o surgimento dos valores franciscanos de minoridade e fraternidade motivadores da vocação e missão da família franciscana até os dias atuais.

Se fará uso da seguinte metodologia no desenvolvimento deste trabalho teológico, compreendendo dois momentos: o analítico e o sistemático. Num primeiro momento será de leitura de textos pertinentes ao tema, e análise de seus argumentos. O segundo será a elaboração e apresentação de sua análise e de sua própria contribuição para a questão. Desta, maneira a presente pesquisa se orientará para o desenvolvimento a partir do “identificar”, “investigar” e “apresentar”. O primeiro capítulo, a saber, o “identificar”, isto é, escutar a história, aquilo que está dito pelos biógrafos, hagiógrafos e até o que próprio santo escreve de si, acerca, das narrativas da história dos encontros do santo de Assis. No primeiro capítulo identificará os encontros e como Francisco se confrontou, lançando sobre si mesmo para se conhecer, se descobrir a partir dos enfrentamentos, e nas nestas dificuldades que obteve no caminho, começou a abraçar e os confrontos nos encontros vividos, consigo e com os outros, com o Senhor em Apúlia. Em seguida, se refletirá sobre o encontro

com a vontade de Deus no Evangelho, e sobre o encontro com o Cristo, no crucifixo de São Damião que norteará e conduzirá todo o percurso de sua vida, por onde começou a questionar-se e compreender qual a proposta de Deus para sua vida, ao abraçar o Amor que não é amado. Por fim, as consequências desta paixão que resultam na inquietude sobre si mesmo, o confronto com o “amargo” e encontro com o Altíssimo, na caminhada da Ordem nascente e que como ao encontrar o Estigmatizado no Monte Alverne, deu-se sua conformação com a vida, não é simplesmente uma questão de olhar ou prestar atenção em algo que foi feito ou se faz, como se viveu ou se vive.

Como vimos, Francisco se tornou um homem que na vida encheu-se do divino para tornar-se mais humano, e que cuidando do humano tornou-se mais divino, transparecendo por sua devoção a cruz, compreendendo o que quer dizer se gloriar na cruz. Esta profunda força do amor de Francisco por Cristo, que de amante transformou-se na imagem do seu amado, o levava a possuir Jesus de muitos modos. Por isto, começaremos por onde ele, iniciou e nestes encontros transparece algo de salutar que toca a espiritualidade e a vida Franciscana o seguimento de Cristo, sua imitação onde os cristãos se realizam em Cristo em virtude de sua chamada para imitá-Lo e segui-Lo como uma pessoa inteiramente consagrada à vinda do reino de Deus, eis o feito de Francisco, carregou em si este tão grande amor.

Tendo em vista este primeiro capítulo, o segundo visará o “investigar”, isto é, como na caminhada do Poverello de Assis, estes encontros com a cruz, se refletirá, no seguimento de Cristo pobre e crucificado, fonte de perfeita alegria na vida franciscana culminado com a devoção a cruz e conseqüentemente a paixão de Cristo. Primeiramente se estudará a descoberta de si como um irmão desapropriado, que para viver as relações é preciso estar desprendido de tudo que retira a paz e a alegria, em seguida, refletir-se-á o Francisco que se encontra na *kenosis* de Cristo, a dimensão do esvaziar-se para ser e estar inteiramente para o outro a partir dos encontros. No segundo capítulo se procurará compreender a plenitude dos encontros, o Francisco que se transforma em um irmão universal, ou seja, que vai para além de si mesmo, e se encontra em Cristo no outro e se torna fonte de oração a todo momento. O Tudo se torna o todo de Francisco, fonte e cume da perfeita alegria se convertendo em oblação de vida e oração.

E como proposições, no terceiro capítulo se apresentará a espiritualidade Franciscana da cruz fonte para a vida de minoridade, fraternidade na vocação e missão franciscana, pois, da cultura dos encontros com a cruz fonte que culmina na perfeita alegria do seguimento do Cristo pobre e crucificado, que se compreende a dimensão da alteridade, o outro é simplesmente o outro. E pela cruz que abraça o universo, que nasce um novo modo de vivenciar e cultivar os encontros nas relações humanas. E esta cultura do encontro, de forma muita sucinta e breve, terá como embasamento para dois grandes valores franciscanos o ser menor (minoridade) e a fraternidade, que assentados no seguimento de Francisco ao Cristo pobre e crucificado da cruz, norteia a vocação e missão da família franciscana.

## 1 FRANCISCO O CONVERTIDO PELA CRUZ DO SENHOR, OS QUATRO ENCONTROS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

De início apresentamos a pergunta que pretende conduzir a construção deste capítulo a saber: quais são os quatro encontros de São Francisco com a cruz e sua importância para a Espiritualidade Franciscana? Para tanto devemos identificar estes encontros, e como seu chamado foi moldando o seu modo de seguimento a Cristo crucificado que de sua experiência nasce o tripé da espiritualidade franciscana, segundo Gomes:

O carisma franciscano nos leva a viver o tripé de nossa fé: o Presépio, a Cruz e a Eucaristia. O Presépio lembra-nos do ser pequenino, menor. A Cruz lembra-nos do aniquilamento e do abandono à vontade do Pai. A Eucaristia lembra-nos da vida, do sustento, da humildade, do silêncio (GOMES, 2022, p. 34).

Para tanto, usaremos do primeiro capítulo que se propõe a mostrar, como São Francisco de Assis, sendo reconhecido pela Igreja como “homem católico e todo apostólico por Deus enviado” (CFFB, 2022, p. 668), demonstrando sua condição de um homem que tornou sua vida em Evangelho vivo e como místico soube infundir em seus frades tal dinamismo, criando um estilo peculiar de viver, e habitar no mundo, e interpretar a própria vida e o que acontece nela, e isto se passa pelo tripé e em especial pela Cruz a segunda perna deste tripé que se dá por seus encontros com o crucificado.

Assim a vida de Francisco foi assinalada desde o início de sua conversão por muitos encontros, mas especialmente no seu tempo de conversão e do seguimento ao Senhor como este fez em várias passagens do Evangelho: a vocação dos primeiros Apóstolos (Jo 1,35-47), a conversão de Zaqueu (Lc 19,1-10), a fé de Bartimeu (Mc 10,46-52), a Hemorroíssa (Mt 9,20-22), a mulher adúltera (Jo 8,1-11), um jovem rico que não se converte (Mc 10,17-22), Jesus e a samaritana no poço (Jo 4, 1-42), o etíope, eunuco, ministro da rainha Candace (At 8, 26-39) e a Conversão de São Paulo (At 9, 1-22), entre outras tantas visitas de muitas e variadas formas.

A partir dos vários modos do Senhor se mostrar e se dar a conhecer nos dá o itinerário vocacional daqueles que Ele chama. E não foi diferente com Francisco, verifica-se que está intimamente ligado com o seu modo de se relacionar com Deus e



o próximo para se descobrir, para viver de maneira tão plena e transcendente. De acordo com Ferreira Leite, Francisco “encontrou seu caminho. Seu ideal formoso, feito de renúncia, de trabalho, oração e pobreza. Uma vocação singular. Que lhe ensinaria ensinar a paz, a fraternidade entre os homens, numa linguagem nova” (FERREIRA LEITE, 1976, p. 7).

Por encontrar seu caminho compreendemos o porquê São Francisco, com seu modo de vida, agregou tantos homens e mulheres que foram e são tocados pelo Evangelho que é o próprio Cristo pobre, crucificado, vivo e ressuscitado. E a força desse chamamento que vai requerer dele uma transformação de vida. São Francisco de Assis, sendo “um santo singular, profunda e misteriosamente marcado pelo sinal-da-cruz, sendo esta tanto um símbolo como uma realidade” (ERNESTO, 1999, p. 128), que como ouvinte atento responde "seja feita a vontade do Senhor" (At 21,14). E assim, o Senhor foi se dando a conhecer nos quatro encontros que iremos apresentar a seguir.

### 1.1 PRIMEIRO ENCONTRO: COM O SENHOR DE APÚLIA

Temos em Francisco um jovem “folgazão e generoso [...], dotado de excepcionais qualidades, fez-se querido e admirado de todos os habitantes de sua poética cidade” (FERREIRA LEITE, 1976, p. 13). Ao analisar todas as hagiografias de Francisco se percebe que desde cedo ardia em seu íntimo o desejo de tornar-se grande, ilustre, conhecido e valioso para si, sua cidade e sua gente. E neste interim começa a jornada de Francisco, Sabatier nos diz:

Francisco de Assis foi o santo por excelência da Idade Média. O mais bonito de sua vida é que foi realíssima, radiosa; mas é nela que vemos os escolhos<sup>1</sup> e precipícios colocados em seu caminho, que foram motivo de tão brilhantes vitórias. Ela foi verdadeiramente uma subida contínua; mas o Alverne com seus mistérios não é o seu ponto culminante, como o Tabor não é o ponto culminante na vida de Jesus. É ter tomado posse da voz interior, é a capacidade de perscrutar o horizonte e se reconhecer. Este caminho de perseverança dá à vida de Francisco sua beleza, mas também lhe acrescenta um elemento terrivelmente dramático (SABATIER, 2011, p. 10-11).

---

<sup>1</sup> A palavra “escolho” significa “obstáculo, dificuldade, embaraço, empecilho” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 524).

Foi neste contexto de vida que viveu em plenitude seu processo de conversão, que reconhece em si mesmo as fragilidades e busca perfazer, reconstruir e endireitar o caminho que leva ao Pai. Assim, se forma a espiritualidade solar de Francisco que se torna luz a irradiar virtudes sobre seus filhos, onde de pequeno se fez grande abraçando o Cristo despojado de tudo e de todos. Aqui começa o seguimento de Francisco ao atender o convite de Jesus para renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo (Mt 16,24-25), mas não foi um simples compreender; precisou passar por intenso processo interior para compreender que o chamava e, para que o chamava.

Mas seus planos mudam quando ele percebe que ser um cavaleiro não lhe traria a felicidade desejada. O que ele queria era algo muito mais inquieto nessa busca, o jovem Francisco sentiu-se no caminho oposto: para servir ao pobre e humilde Jesus Cristo crucificado. Ele fez esta descoberta após longos períodos de solidão em busca de descobrir o caminho que lhe indicava:

Celano vislumbra de alguma forma este mistério e assim intitula um dos capítulos de sua obra: “*De devotione ad Crucem et de quodam oculo sacramento*” (Devoção à cruz: um mistério oculto): “Quem pode contar, ou mesmo compreender como ele queria gloriar-se a não ser na cruz do Senhor? Só pode compreender quem pôde experimentar [...] que o silêncio fale onde a palavra falta[...]” (2Cel 203) (ERNESTO, 1999, p. 128).

Assim, Francisco foi sendo formado pelo seguimento de Cristo Filho do Deus vivo que abraçou a cruz, que viveu o silêncio, a solidão como modo de se unir ao Pai, na oração e contemplação (Mt 14,22-36). Ele mesmo dedicou longos períodos à oração (Mt 4,1ss; Mc 1,35; Lc 5,16; 6,12; 9,18; 11,1; 22,43; Mt 26,36ss), muitas vezes a oração constante e perseverante (Lc 11,5-13; 18,1ss; 22,40.46) nem mesmo teve receio de recitar a mesma oração no horto por três vezes (Mt 26,39.42.44). O Deus de quem Jesus fala é tão original e surpreendente que “o que conta é Deus, e o silêncio é um ambiente próximo de Deus” (CARRETTO, 2018, p. 14) e tudo o leva a oração e contemplação.

Esta verdade na vida de Francisco foi se desenvolvendo aos poucos a partir de vários acontecimentos que firmaram o desejo de seguir mais de perto o Senhor que o chamava à conversão. Segundo Fassini:

A conversão de Francisco para Cristo e seu Evangelho passa pelo cultivo da nobreza humana, ou seja, que do humanismo, dos grandes princípios e valores que constituem a dignidade do homem [...]. Decisivo para isso será o

chamado e o seguimento de Cristo. Eis a veste com a qual mais tarde Francisco deverá vestir-se [...]. “Perfeita conversão” significa, portanto, uma busca ou modo de ser viver que não cessa jamais; uma conversão regada com a disposição firme e séria, assumida de corpo e alma, por toda a vida, do começo ao fim. Uma conversão que apesar dos fracassos, recuos, defeitos e imperfeições, leva sua decisão até o fim [...]. A conversão franciscana só mostrará sua identidade na medida que Francisco for perseguindo e percorrendo, capítulo por capítulo, os sinais de uma convocação maior e mais transcendente que os ideais humanistas de seu tempo (2009, p. 27-29).

Desta forma Francisco passa pelo caminho de conversão, sendo levado a reconhecer suas fragilidades e que Deus se relaciona com ele e se aproxima dele. No silêncio, na oração e contemplação o Senhor fez seu chamado para o seguir. Francisco começa a ouvir, como o que aconteceu no tempo de sua juventude, como que encantado pelas glórias do mundo e suas riquezas. Eis o que nos diz a Legenda dos Três Companheiros (LTC) em seu segundo capítulo, sobre estes dois primeiros encontros, a saber que:

No tempo em que houve a guerra entre Perúgia e Assis, Francisco foi capturado com muitos concidadãos seus encarcerados em Perúgia, mas, porque era nobre de costumes, foi colocado como prisioneiro com os cavaleiros. Num dia em que seus companheiros de prisão estavam tristes ele que naturalmente era sorridente e jovial, não parecia entristecer-se [...]. Por causa disso um dos companheiros o repreendeu como a um louco, porque, mesmo lançado no cárcere, se alegrava. Ao que Francisco respondeu com voz vigorosa: "Que pensas de mim? Ainda serei venerado por todo o mundo" [...]. Terminado o ano, e restabelecida a paz entre as mencionadas cidades, Francisco voltou a Assis com seus companheiros de prisão. Depois de poucos anos [...], um certo nobre da cidade de Assis se prepara com armas militares para ir à Apúlia, a fim de aumentar as conquistas em dinheiro e em honra. Tendo ouvido isto, Francisco anseia por ir com ele e, para ser feito cavaleiro por um certo conde de nome Gentil [...]. Certa noite, [...] é visitado pelo Senhor que através de uma visão, o atrai e exalta [...]. Naquela noite, quando dormia, apareceu-lhe alguém que o chamava pelo nome [...] e o conduzia a um belo palácio de formosa esposa, cheio de armas militares, a saber, de escudos resplendentes e de outros aparatos que estavam pendurados na parede, relativos à ordem da cavalaria. Ele, com grande regozijo admirando-se consigo mesmo em silêncio sobre o que seria isso, perguntou de quem eram estas armas que brilhavam com tanto esplendor e o palácio tão belo. E foi-lhe respondido que todas estas coisas, juntamente com o palácio, eram suas e de seus cavaleiros. Despertando, levantou-se de manhã, animado e alegre, [...] julgando a visão um presságio de grande prosperidade delibera empreender a viagem para a Apúlia, a fim de ser constituído cavaleiro pelo mencionado conde [...]. No entanto, no dia imediatamente precedente à mencionada visão, ocorrera nele um sinal de grande cortesia e nobreza; crê-se que este sinal fora uma ocasião significativa para a própria visão. Pois, todas as suas vestes que fizera recentemente, excêntricas e caras, ele as dera naquele dia a um cavaleiro pobre. Como tivesse empreendido viagem até Espoleto para encaminhar-se à Apúlia [...]. Preocupado, [...] com sua viagem, ao entregar-se a um sono profundo, ouviu, meio dormindo, alguém que o interrogava para onde

desejava dirigir-se. Como Francisco lhe revelasse todo o seu propósito, aquele acrescentou: "Quem pode ser-te mais útil? O Senhor ou o servo?" Como lhe respondesse: "O Senhor", de novo lhe disse: "Por que então deixas o Senhor pelo servo e o Príncipe pelo vassalo?" Francisco diz-lhe: "Que quereis que eu faça, Senhor?" [...]. Diz-lhe: "Volta para a tua terra [...], e ser-te-á dito o que deves fazer [...]. Pois é preciso que compreendas de outra maneira a visão que tiveste [anteriormente]" [...]. Logo que amanheceu, volta às pressas para Assis, alegre e exultando muitíssimo, esperando a vontade do Senhor, que lhe mostrara estas coisas, e o conselho que lhe seria dado pelo mesmo [Senhor] a respeito de sua salvação. Transformado já na mente, recusa-se a ir à Apúlia e deseja conformar-se à vontade divina (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 792-794).

O caminho de Francisco se deu na disposição de ser grande, glorioso e honrado pelos outros, jamais pensou que o Senhor começaria ali alquebrando sua altivez dando-lhe desejo de conhecer verdadeiramente aquele Senhor, não o vassalo, mas o rei que o chama. Você lança as fundações e começa a materializar o sentido de sua vida. Neste caminho nobre e cavalheiresco, desperta sempre valores de cuidar dos pobres, dos marginalizados, de educar, em missão, ou quem sabe, de poder dedicar-se melhor à oração, em silêncio (Cf. FASSINI, 2016).

Se começa a caminhar pelo desejo de ser grande antes do sonho ele precisou compreender o pedido feito da esmola pelo amor de Deus (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014), mesmo assim negou e como poderia negar, assim imerso no arrependimento e vendo o horizonte da graça:

Por amor de Deus (3,6)<sup>2</sup>, começa a nascer em Francisco o desejo de fazer-se cavaleiro [...]. O "*miles*" significa, antes e acima de tudo, o lutador ou, melhor, o militante engajado e comprometido num acordo de absoluta lealdade e defesa dos valores fundamentais da vida e da dignidade humana [...]. O cavaleiro, recusando e combatendo toda e qualquer corrupção, articular ou social, tem na deslealdade, injustiça e traição sua maior descaracterização [...]. Que Francisco não perdia nenhuma ocasião de merecer-se a nobreza da cavalaria aparece, igualmente, quando vê que certo nobre da cidade de Assis, "poucos anos depois, prepara-se com armas militares para ir à Apúlia, a fim de aumentar lucros em dinheiro ou honra" (LTC 5,1) (FASSINI, 2009, p. 79-85).

Pode-se começar a compreender o porquê e a importância desse chamado, onde "a visita do Senhor, em forma de sonhos, interpondo-se na viagem de Francisco, ansioso, buscava a glória da cavalaria, divide o capítulo em dois caminhos bem distintos: o caminho de Apúlia e o caminho de Assis" (FASSINI, 2009, p. 78). Como

---

<sup>2</sup> *In*: (FASSINI, 2009, p. 51)

imaginar estes caminhos onde por todos os abrolhos que iam aparecendo ficava cada vez mais nítido o querer do Senhor que vinha nos sonhos ao preparar-se com armas militares para lutar em Apúlia, pensando nas grandes honrarias e lucros Francisco cai por terra e descobre o verdadeiro caminho. Podemos conceber que:

O caminho de Apúlia [...] é formado por [...] um novo elemento importante e fundamental do processo de conversão, registrado com a afirmativa de que Francisco era "nobre em costumes" [...]. Em outras palavras, a conversão para a Vida evangélica passa necessariamente pela busca pelo cultivo do caminho da nobreza humana. [...] E do cultivo desta virtude, própria do homem nobre, que Francisco, aos poucos, vai sendo conduzido a um grande respeito, admiração, reverência e pudor para com o mistério da própria vida, pulsante, principalmente, nos pobres e leprosos. [...] Toda verdadeira conversão começa no e pelo espírito. Do contrário, cedo ou tarde cairá em desânimos e frustrações, quando não em desistências. [...] O caminho de Apúlia demonstra um [...] grande ideal precisa de alma magnânima, generosa, disposta a dar de si tudo o que possui, do bom e do melhor (FASSINI, 2016, p. 81-86).

No caminho de Apúlia, se vê a narrativa do sonho que Francisco tem, se vê aqui “como é bela e inteligente pedagogia divina” (FASSINI, 2009, p. 86), para que ocorra a conversão o Senhor vem através do sonho, em vez de censurá-lo, questioná-lo, criticá-lo ou rebaixar sua busca, ele acende ainda mais em seu coração o fogo do desejo e ambição por ainda maiores glórias. Mesmo assim, Francisco continuava preso aos seus projetos e sonhos. Eis que aparece o Senhor:

- De quem tens mais a esperar, do servo ou do Senhor? – perguntou a voz.  
 - Do Senhor – respondeu Francisco.  
 - E por qual motivo, então, corres atrás do servo, em vez de servires ao Senhor?  
 Ele então, perguntou o que deveria fazer.  
 - Volta à tua terra que te viu nascer, debes entender de outro modo a visão que tiveste. (SAMORA, 2018, p. 20)

Vemos aqui o ápice do caminho de Apúlia, onde o Senhor questiona seu desejo e o faz reconhecer que ainda não tinha conseguido o desejo do seu coração. Mas, antes de tudo, a sua busca pelo seu “ideal e projeto de vida, tão ambicioso e significativo como esse, não pode ser abstrato, vago e muito menos lerdo, deixando para amanhã qualquer chance que apareça para concretizá-lo, por menor que seja” (FASSINI, 2016, p. 89). E qual o projeto de vida de Francisco ser grande e reconhecido por todos, nisto o servo o poderia ajudar, custou esperar o amanhã. As grandes ambições fazem grandes caminhos e conversões:

Para isso é preciso que se agarre sempre toda e qualquer chance que possibilite realizar e concretizar o indispensável e necessário caminho da Apúlia, isto é, o caminho da largueza de coração e da magnanimidade da alma. Sem perfazer fielmente esse percurso, jamais se chegará ao promissor caminho de Assis (FASSINI, 2009, p. 89).

Portanto, o caminho de Apúlia é reconhecer toda chance do encontro do grande tesouro, o dom e missão dado por Deus (Mt 13, 44-52). Francisco começa o retorno ao caminho que fez, se despojando de tudo, buscando discernir o que seria de sua vida. Voltou apontado por alguns como desertor, covarde por fugir da guerra, porém ele não se preocupou, pois tinha algo em seu interior que mudara dando-lhe a certeza que estava no caminho certo. Mas para encontrar este tesouro deve empreender o retorno, assim, “mudado de espírito, não de corpo, desde então se recusa a ir à Apúlia e se esforça por orientar sua vontade para a vontade divina” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 202).

Logo, o caminho de Apúlia é empenhar-se na conquista e cultivo da nobreza humana, portanto o mínimo necessário e indispensável para perseverar. E se torna também o caminho vocacional franciscano que não será outro senão o da Apúlia, abraçado e vivido, agora dentro e a partir da nova dimensão apresentada pelo caminho de Assis (FASSINI, 2009, p. 89-90). E no caminho de Assis volta “sereno e alegre, e, tomando-se já modelo de obediência, aguardava a vontade do Senhor” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 556). Eis o caminho de Assis:

O caminho de Assis nasce a partir de uma nova visão. Sem esta, é realmente impossível acolher a iniciativa de uma nova dimensão que visita Francisco e, muito menos, entrar na dinâmica de sua operação transformadora. e continuar a ver, entender e saborear tudo como antes, dentro dos parâmetros do ideal humanista e da nobreza cavalheiresca. Todo esse processo de transformação, que no Cristianismo chamamos de conversão, tem sua origem quando Francisco começa a perceber e a intuir outra dimensão para além da dimensão humanista; quando começa encantar-se e a fascinar-se por outro senhor que está para além de todos os outros senhores até então conhecidos. [...] Por isso tem de voltar que voltar para Assis, sua terra natal, para seu novo nascimento. Se Apúlia era o caminho da grandeza humana nascida daqui debaixo (da terra), Assis passa a ser o caminho oriundo do alto, transcendente e de uma grandeza, embora desconhecida e misteriosa, muito mais promissora que a primeira. [...] Francisco responde à recomendação do seu novo Senhor e se compromete em retomar a busca do sentido da vida, retomando para sua terra natal (FASSINI, 2009, p. 91-92).

O caminho de Assis para Francisco é de conhecer, esperar e cooperar para pôr em prática a vontade de Deus, onde o caminho de Apúlia do humanismo

transformador, o de Assis nos convida a manter vivo a chama do amor, misericórdia, serviço, a busca de sentido, o ter compaixão, retornar ao bom propósito empreendido. Em sua cidade natal continua sua jornada um novo caminho, “retira-se [...] e vai amadurecendo na solidão a decisão de conformar [...] sua vontade ao que Deus quiser [...], embora não compreenda [...] claramente aonde o levarão os caminhos do Senhor” (FORTE, 2018, p. 17). Portanto, com o Senhor, Francisco se abre a contemplar e se aproximar dos caídos, dos marginalizados que o faz do distante um próximo e do próximo um irmão pela compaixão.

Estas mudanças deram a Francisco um novo impulso em seu caminho de conversão “como em toda história de conversão e chamado, há necessidade de escuta interior para reconhecer o verdadeiro tesouro e arriscar tudo para obtê-lo” (FORTE, 2018, p. 18). Com Francisco não foi diferente, mas sim o modo do Senhor tocar sua vida o torna singular:

Já antes da conversão, quando se preparava para a viagem à Apúlia e desejava ser armado cavaleiro, teve um sonho. Que o Senhor lhe fez ver um palácio cheio de armas. Segundo São Boaventura (LM 1,3) “estavam assinalados com a cruz de Cristo”, embora tal detalhe não tenha sido mencionado nem por Celano nem pelos Três Companheiros (ERNESTO, 1999, p. 128) .

Pensar nestes dois caminhos como sendo a marca indelével da cruz de Cristo como supracitado acima, e ver o agir de Deus de sua libertação em todos os aspectos de sua missão. Porque o caminho de Francisco e o caminho religioso sempre se dá por intermédio de uma visão nova, livre e transcendente que requer uma resposta da mesma forma já mencionada, assim para atingir o caminho de Assis, do nascimento novo e transcendente é vital rever e reinterpretar a visão e o caminho interior, enfim fazer nosso processo de conversão ou metanoia (FASSINI, 2009, p. 92). Este processo de metanoia se dá pela conversão Pois quem chama a missão é Cristo, que nos dá amor incondicional que não aterroriza, mas traz alegria ao ter a certeza de cumprir seu mandato, torna-nos mais próximos destes e mais humanos, como fez Jesus ao passar por este mundo. Desta maneira, Francisco continua a vida, e o Senhor vem ao seu encontro, mas agora para mostrar a sua vontade nos evangelhos.

## 1.2 SEGUNDO ENCONTRO: NA IGREJINHA DE SÃO DAMIÃO

O encontro de Francisco na igrejinha de São Damião é citado por seus biógrafos e em seus escritos (OC 1ss; Test 5; 1Cel 45, 2; 2Cel 123, 1; LM 2,1,2; LTC 37, 2; AP 19, 2), estes demonstram um caminho de busca sincero. Pois, ao retornar para Assis Francisco, interiormente mudado em espírito, mas não no corpo (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 202). Ele continuou seu modo de vida, mas não esqueceu aquele encontro como se comprova na narrativa a seguir da legenda dos três companheiros:

Depois que voltou a Assis, após não muitos dias, numa certa tarde, foi eleito por seus companheiros como senhor, a fim de que, segundo a sua vontade, fizesse as despesas. Mandou, portanto, que se preparasse um suntuoso banquete, como muitas vezes o fizera. Quando, já refeitos, saíram da casa e os companheiros todos juntos o precediam, indo pela cidade a cantar, ele, levando o báculo na mão como senhor, ia um pouco atrás deles, não cantando, mas meditando com mais diligência. E eis que subitamente é visitado pelo Senhor, seu coração fica repleto de tão grande doçura que ele não podia nem falar nem se mover, e nada mais conseguia sentir ou ouvir, a não ser aquela doçura que de tal modo o alienara dos sentidos corporais que - como ele disse posteriormente-, se naquele momento tivesse sido todo cortado em pedaços, não teria podido mover-se do lugar. Quando, porém, seus companheiros olharam para trás e o viram tão distanciado deles, voltando até ele espantados, percebem que ele já estava como que mudado em outro homem (cf. 1Sm 10,6). E interrogam-no, dizendo: "O que pensaste, de modo que não vieste atrás de nós? Pensaste talvez em desposar-te?" Ele lhes responde com voz vigorosa: "Dissestes a verdade, porque pensei em desposar a mais nobre, a mais rica e a mais bela esposa que jamais vistes". E riram-se dele (cf. Mt 9,24; Lc 16,14; 23,35) (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 794-795).

Eis o testemunho de seus grandes irmãos que de perto conheceram Francisco e passaram a partilhar sua vida e vocação, pois tendo iniciado seu processo de conversão a partir do encontro com o Senhor de Apúlia, o jovem Francisco se deixou mover pela vontade do Senhor que o chama. Segundo Forte (FORTE, 2018), tendo confirmado a necessidade de servir o Mestre e não o servo, o Senhor e não as glórias mundanas. Assim, ele se retira e busca amadurecer na solidão a decisão de conformar sua vontade ao que Deus quer dele, embora ainda não entenda claramente para onde os caminhos do Senhor o levarão. Francisco teve "o que na Bíblia se chama de uma visita de Deus, [...] uma forte *experiência de Deus* [...]. Na vida espiritual de *graça infusa extraordinária*. [...] A Presença plena apoderou-se gratuitamente de Francisco" (LARRAÑAGA, 2012, p. 35), e esta presença o levou a se aproximar cada vez mais



desta gratuidade que foi infusa admiravelmente em seu coração dando-lhe “claridade, clarividência, júbilo, paz, força, doçura, liberdade” (LARRAÑAGA, 2012, p. 35), e o Senhor continuou a agir.

Mas, pelo texto da Legenda dos Três Companheiros, percebe-se a luta interna e sua como que o Senhor lhe dá o dom da visitação, com doçura o guiou e o dá a experiência do enamoramento, no despertar do primeiro amor, este foi se afeiçoando cada vez mais e naturalmente começou a querer desposar esta bela dama. Fassini (FASSINI, 2016) expõe que Francisco se sente tocado um afeto nunca visto, muito menos experimentado, algo como o toque do primeiro amor, eis a vontade dos esposais anunciado da bela jovem aos seus amigos. É por isso que a doçura se tornará de agora em diante o elemento central e de tudo na vida de Francisco, uma estranha realidade misteriosa, cuja origem escapa ao poder dele e de qualquer outro, pois o Senhor visitou seu coração com admirável doçura.

Sobretudo, vê-se um passo crucial em sua vida desde o processo de saída do mundo tumultuado e acolher o real humano, seu novo Senhor prometeu fama, assim se mencionou a visão do caminho da Apúlia, o “vigor irresistível, que deixa Francisco profundamente enamorado: o vigor da doçura de um misterioso encontro” (FASSINI, 2016, p. 72). Todo este movimento, leva Francisco a se recolher em oração e solidão (cf. LM 4,1), assim um dia, enquanto atravessava a cavalo o trecho aos pés de Assis, encontrou um leproso, um encontro inesperado que o encheu de horror, e lembrando do desejo de perfeição e da doçura que lhe possuía, foi ao encontro, descendo do cavalo, o leproso estende a mão para ele como para receber alguma esmola, ao passo que Francisco lhe dá uma moeda com um beijo (cf. LM 5,1-4), retornando ao seu caminho o jovem de Assis dá mais um passo, pois ele não viu um leproso, mas o próprio Senhor.

O processo de se encontrar com o Senhor o levou a “começar a fazer penitência” (Test 1) e diz Francisco “o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E [...] aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 188). E foi neste afastar que Francisco se encontrou com o crucificado que o chamou, vejamos este relato onde pôr primeiro, o crucificado lhe falara e como o marcou por toda a vida o seu coração com a paixão de Cristo até o fim:

Certo dia, quando implorava mais fervorosamente a misericórdia de Deus, o Senhor lhe mostrou que muito em breve lhe seria dito o que deveria fazer. A partir de então, ficou *repleto de tão grande júbilo* (cf. SI 125,2) que, não cabendo em si de alegria, mesmo não querendo, proferia algo deste segredo aos ouvidos dos homens: Falava, porém, cautamente e por enigma, mas que faria na própria pátria muitas coisas nobres e grandiosas. Como seus companheiros o vissem já tão transformado – deles já distanciado mentalmente, embora corporalmente de vez em quando ainda se associasse a eles –, como que brincando, novamente o interrogam: "Queres desposar-te, Francisco?" Ele lhes respondeu de maneira enigmática, como foi dito mais acima. Transcorridos poucos dias, estando ele a andar nas proximidades da igreja de São Damião, foi-lhe dito em espírito que entrasse na mesma para a oração. Entrou nela e começou a rezar com fervor diante de uma imagem do Crucificado que piedosa e benignamente lhe falou, dizendo: "Francisco, não vês que minha casa está destruída? Vai, portanto, e restaura-a para mim". Tremendo e admirando-se, ele diz: "Fá-lo-ei de boa vontade, Senhor". Ele entendeu que lhe fora dito daquela igreja que, por causa da extrema antiguidade, ameaçava uma ruína próxima. Por causa desta palavra que lhe foi dita, ficou repleto de tanto júbilo e iluminado de tanta luz que na sua alma sentiu verdadeiramente que fora o Cristo Crucificado quem lhe falara. Saindo da igreja, encontrou o sacerdote sentado perto dela e, colocando a mão na bolsa, ofereceu-lhe certa quantidade de moedas dizendo: "Rogo-te, senhor, que compres óleo e faças continuamente arder uma lâmpada diante deste Crucificado. E quando este dinheiro para esta obra tiver acabado, novamente oferecerei o quanto for necessário". Assim, a partir daquela hora, seu *coração* ficou de tal modo ferido (cf. Ct 4,9) e enternecido que, ao lembrar-se da paixão do Senhor, sempre enquanto viveu, *levava em seu coração os estigmas do Senhor Jesus* (cf. Gl 6, 17), como mais tarde ficou patente de maneira nítida pela renovação dos mesmos estigmas admiravelmente impressos em seu corpo e muito claramente comprovados. (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 798-799).

Neste relato comprovamos o grande acolhimento de Francisco ao chamado feito no caminho de Apúlia e que perfazendo agora o caminho de Assis se coloca "mais atentamente à mortificação da carne para levar por toda parte também exteriormente no corpo a cruz de Cristo que trazia interiormente no coração" (LM I 6, 8). Todo o seu caminhar levou o homem de Deus, Francisco, constituir tudo isso, mesmo que ainda não estivesse separado do mundo por hábito e convivência (cf. LM I 6,8). Procurou restabelecer a identidade daquele que o chamou, e continua a se questionar para confirmar qual a vontade do Senhor e o que ele queria que fizesse (cf. LTC II 6, 7). E Jesus vem com sua aparição buscar destruir as últimas barreiras que foram construídas para que, livre, o jovem Francisco pudesse assumir plenamente a missão a ele confiada a reconstrução e restauração da Igreja do Senhor (cf. LTC V 13, 7).

Para tanto a inspiração divina que vem da fala do crucificado, é o meio "*sine qua non*" (FASSINI, 2009, p. 157) ou seja o elemento indispensável e essencial para a vida e espiritualidade franciscana. Pois, sem inspiração e o toque sobrenatural do

alto, ninguém pode trilhar o caminho de conversão e nascer do alto, como fala Jesus a Nicodemos (Jo 3,1-8). Para Fassini este nascer do alto é “nascer de Deus, [...] como um novo e verdadeiro nascimento, vindo não da ‘vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus’ (cf. Jo 1,13) (2009, p. 157), Larrañaga nos conduz ao coração deste Deus que é “(‘conhecido’, experimentado) é Todo Bem, Sumo Bem, Pleno Bem, o Único que vale a pena em comparação com ele, títulos nobiliárquicos e os senhores da terra não passam de fumaça” (2012, p. 36) e faz Francisco louvar, bendizer e contemplar em oração sua face bondosa.

E o nascer do alto, de Deus, Francisco se vê profundamente tocado pelo Senhor de Apúlia Francisco vai em busca de “possuir o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar” (RB 10, 9). Esser, bem observou que:

A doutrina sobre o Espírito do Senhor constitui o cerne da Espiritualidade Franciscana, pois: Em São Francisco não se trata apenas de um seguimento externo da vida de Cristo, mas antes de tudo tornar vivo e ativo, no seguidor de Cristo, o Espírito de Cristo. Nessa doutrina sobre o Espírito do Senhor (*spiritus Domini*), pode-se reconhecer o próprio centro do pensamento e do procedimento cristão de S. Francisco. A respeito d’Ele fala sempre nas suas Regras e Cartas, e nas Admoestações para os irmãos (1989 *apud* GOMES, 2022, p. 18).

E como não compreender que todo este processo de conversão de Francisco não vem senão deste mesmo Espírito que se torna medula e que o guia para este encontro, “Ele é presente (*donum*) do Pai e do Filho, e é comunhão (*communio*) entre ambos, [...] o fato de ser dom não representa uma inferioridade do Espírito, visto que esse presentear e ser presenteado estão inseridos na unidade do amor trinitário” (SCHENAIDER, 2012, p. 454). E não foi por meio deste presente e comunhão que o Senhor pelo Espírito, veio e por meio do “Crucificado *Ressurreto* une irmãos e irmãs consigo e uns com os outros” (SCHENAIDER, 2012, p. 428), este foi o culto que Francisco elevou ao Senhor, pois para reconstruir a Igreja, precisou passar por um processo de conversão e iluminação, que se fez prática à sua vida.

Passou de uma inquietação para uma conversão sincera, de uma vida que precisava ser visitada e reconquistada, para dar bons frutos, para ser o que Deus quer. Papa Bento XVI nos recorda:

Desde quando o rosto dos leprosos, amados por amor de Deus, lhe fez intuir, de certa forma, o Mistério da *Kenose* (cf. Filipenses 2,7), o abaixar-se de Deus

na carne do Filho do homem, desde quando depois a voz do Crucificado de São Damião lhe colocou no coração o programa de vida: “Vai, Francisco, repara a minha casa” (2Ce/I, 6,10: FF 593), o seu caminho não foi mais que o esforço quotidiano de se identificar com Cristo” (BENTO XVI, 2020, p. 504).

Como não se ferido de amor por Deus, este mesmo Francisco viu na *Kenosis* do Pai no Filho este grande sinal de amor e fez misericórdia (cf. Lc 10,25-37) como aquele samaritano, e com isto abraçou este modo de vida que, mais como restaurar, reparar e reconstruir exige movimentação, estar em ação colocar em prática, e foi o que ele fez, mas como fez necessitou de gastar-se como Senhor. E procedendo do que Deus queria, Francisco foi “entender e viver sua vida para concentrar-se naquelas ‘coisas’ prometidas no sonho (visão) e que o conduziram para um novo rumo e sentido de sua existência” (FASSINI, 2009, p. 103) e assim:

Saindo da igreja, encontrou o sacerdote sentado perto dela e, colocando a mão na bolsa, ofereceu-lhe certa quantidade de moedas dizendo: "Rogo-te, senhor, que compres óleo e faças continuamente arder uma lâmpada diante deste Crucificado. E quando este dinheiro para esta obra tiver acabado, novamente oferecerei o quanto for necessário" (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 799).

Este simples gesto revela o quanto Francisco foi tocado pelo Crucificado que lhe falou, pois, ao colocar esta lamparina acesa, isto parece indicar que o discurso e o chamado se tornaram tão esclarecedores, importantes e cativantes que Francisco nunca deseja, sob nenhuma circunstância, esquecê-los, muito menos perder. Ali, neste encontro com Cristo através do Crucificado, pulsa toda uma nova fonte de energia, toda luz que brilha ao longo de sua vida “aquele jovem, que trazia desde o berço a sensibilidade divina, começou a provar [...] a doçura de Deus, [...] sentia uma paz profunda e começos de sabedoria. Nesses momentos o caminho de Deus parecia mais luminoso” (LARRAÑAGA, 2012, p. 28).

E dar dinheiro ao humilde sacerdote para mantê-la acesa indica uma disposição de gratidão, vigilância e de boa vontade, para cultivar e estar sempre atento a este chamado que, doravante e para toda sua vida, fazendo todo o possível para se conduzir bem e cumprir a missão que o Senhor acabou de confiar a ele, de se deixar conformar com a vida de Cristo e se tornar sua paixão (cf. FASSINI, 2009). Portanto, se constata que Francisco “à medida que carrega a Paixão do Senhor, também entra

na dinâmica da identidade com seu novo Senhor” (FASSINI, 2009, p. 159), São Boaventura, nos diz que:

A memória da paixão de Cristo ficou tão profundamente impressa em seu coração dele que, a partir daquela hora, quando lhe vinha à mente a crucificação de Cristo, mal podia conter-se exteriormente das lágrimas e gemidos como ele próprio contou mais tarde familiarmente, quando se aproximava do fim. Na verdade, por meio disto o homem de Deus compreendeu que era dita para ele aquela palavra do Evangelho: Se queres vir após mim, renega-te a ti mesmo, toma tua cruz e me segue (Mt 16,24). A partir de então, revestiu-se do espírito de pobreza, do sentimento de humildade e do afeto de profunda piedade [...]. Aplicava-se mais atentamente à mortificação da carne para levar por toda parte também exteriormente no corpo a cruz de Cristo que trazia interiormente no coração. E o homem de Deus Francisco fazia tudo isto ainda não separado do mundo pelo hábito e pela convivência (LM I 5, 8-9. 6, 1.8 *apud* FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 557-558).

E assim, convocado pelo Crucificado para restaurar sua casa, (LTC V 13, 7), sendo iluminado pelo Espírito do Senhor, se põe a caminho da identificação com Cristo crucificado pelos homens e abandonado pelo Pai, se dá a conhecer no encontro de sua Paixão, onde na plenitude de Cristo e no auge da angústia de Francisco se dá o perdão, a graça, a fé e a vida. Logo, esta aparição vem justamente proclamar que “justamente ela a Cruz, é a via e o lugar do verdadeiro encontro de Deus com o homem, do homem com Deus e logicamente, do homem do homem consigo mesmo; que é ela a quinta essência do ser do Deus de Jesus Cristo e do próprio homem” (FASSINI, 2009, p. 153).

E esta proclamação deve ser contínua “e acima de tudo, como o modo de ser e de viver do próprio Deus e do próprio homem” (FASSINI, 2009, p. 153) e não de uma vida isenta de angústias e conflitos, mas antes de dom, pois, foi aí que veio o sim à vida, como tudo que ela pode nos dar, “desafios e provocações” (FASSINI, 2009, p.154), e poder compreender como Francisco que cheio de fé e amor, jamais se deixa abater, mas antes procurasse colocar por meio de “jejuns, abstinências, macerações corporais lágrimas, orações, esmolas e muitos outros exercícios e penitências” (FASSINI, 2009, p. 159). E assim, estava se pondo na vida de solidão e contemplação se vê chorando a paixão de seu Senhor, o Amor que não é amado (cf. LTC V 14, 4-8) e assim continua a se concretizar o propósito de Deus na vida de Francisco, pois não se envergonhava mais daquele que o chamou e começa a tomar a decisão que mudaria tudo, esta experiência da gratuidade de Deus, nasce uma bela

oração (LARRAÑAGA, 2012, p. 68) que será bem explanada no capítulo segundo, tanto quanto do seu modo de orar ao Senhor.

Portanto, nesta visita do Senhor no crucificado da Igrejinha de São Damião, vemos a doçura de Deus que vem até ele para se cumprir o enamoramento com a mais bela Senhora que o leva mais próximo do seu grande desejo, “Francisco fala da cruz. Nela venera o instrumento de uma vitória para a salvação do mundo” (SANTANER, 1993, p. 62). E podemos compreender como Santa Clara, em seu testamento, que “de fato, foi na igreja de São Damião que o santo ‘foi movido pela graça divina de tal forma que se viu impelido a abandonar totalmente o mundo (SÉCULO)” (TestC 3-4 *apud* FFB, 1999, p. 128).

No Crucifixo de São Damião é Jesus Cristo, a um tempo, o crucificado mornibundo com o sangue a escorrer e o ressuscitado vivo que sai do túmulo. Em nada exprime este Crucificado o sofrimento de uma pobre vítima torturada, nem pelo movimento do corpo nem pela expressão do rosto. Os únicos sinais de sofrimento que o Crucifixo deixa vislumbrar estão na dependência do olhar que lança em derredor. O Crucifixo de São Damião não sofre com sua cruz. Sofre com o que vê (SANTANER, 1993, p. 73).

Vemos assim que Francisco se sentiu transpassado por tudo que viu neste Crucificado que sofre, não pela cruz que poderia ser peso, mas por todos aqueles que sofrem olhando e se identificando. Logo, percebe-se que “todo acontecimento de sua vida, desde que se resulte num progresso, é sistematicamente reconhecido e contado como procedendo de uma iniciativa divina” (SANTANER, 1993, p. 63). Logo:

O acontecimento de São Damião ocupa lugar proeminente na elaboração do relacionamento que se há de estabelecer entre Francisco e Jesus Cristo. [...] Não é a capela de São Damião um lugar onde Jesus Cristo teria unido Francisco a sua pessoa concentrando o olhar de Francisco sobre seu sofrimento de Crucificado. Em São Damião desperta Jesus Cristo em Francisco um olhar que toma em consideração “a casa caindo em ruínas”. Aí está o conteúdo principal do evento de São Damião! (SANTANER, 1993, p. 64).

Como não perceber este ponto de viragem da vida de Francisco aqui começa a reconstrução de São Damião e de sua vida e onde o levará a reconstruir a Igreja do Senhor na sua santa vontade, como que partindo para uma nova vida, uma nova família e um novo modo de ser. Aqui se começa a firmar o próximo passo de Francisco, que descreveremos a seguir, que após começar a trilhar seu chamado

tendo renunciado a tudo se vê na iminência da chegada daqueles que querem partilhar sua vida e se confirma na vontade de Deus através dos Evangelhos.

### 1.3 TERCEIRO ENCONTRO: NA VONTADE DE DEUS NOS EVANGELHOS

Para encontrar a vontade de Deus, o jovem Francisco começa a pôr em prática o sair do mundo, já que sua conversão aconteceu pouco depois de seu encontro com os leprosos (Test 3), e logo após a experiência do acolher o pedido do Crucificado de São Damião, se conclui com o episódio da abjuração da família. Após Francisco usar dos bens do pai para iniciar a reconstrução da dita capelinha, e ser pródigo nas esmolas com os leprosos, pobres e mendigos e se restaurando da mesma forma (cf. LTC VI 16,1-19).

O pai volta e, não tendo encontrado o filho, [...] dirige [...] insultos contra a esposa. Em seguida, correu ao palácio da comuna, queixando-se do filho diante dos cônsules da cidade e pedindo que fizessem com que lhe fosse restituído o dinheiro que ele tirara da casa espoliada. Os cônsules, então, vendo-o tão perturbado, [...] convocam-no por meio de um oficial de justiça, para que compareça diante deles. Ele, respondendo ao oficial de justiça, disse que pela graça de Deus já se tornara livre e que não estava mais sujeito aos cônsules, visto que era servo do único Deus altíssimo. Os cônsules [...], disseram ao pai: "Desde que entrou para o serviço de Deus, saiu de nossa alçada". Vendo, portanto, o pai que nada conseguira de proveitoso diante dos cônsules, apresentou a mesma queixa diante do bispo da cidade. O bispo, discreto e sábio, chamou-o no devido modo para que comparecesse, a fim de responder à queixa do pai. Ele respondeu ao mensageiro, dizendo: "Ao senhor bispo irei, porque é o pai e senhor das almas". Dirigiu-se, [...] ao bispo e foi recebido por ele com grande alegria. Disse-lhe o bispo: Teu pai está perturbado contra ti e muito escandalizado. Portanto, se queres servir a Deus, devolve-lhe o dinheiro que tens, [...] por ser das coisas talvez injustamente adquiridas, Deus não quer que dêes para a obra da Igreja [...]. Filho, tem confiança no Senhor, *age de maneira varonil e não temas* (cf. Dt 31 ,6), porque ele será teu auxílio e te ministrará profusamente as coisas necessárias ao bem da obra de sua Igreja. Alegre e confortado com as palavras do bispo, levantou-se, [...] o homem de Deus e, trazendo diante deste o dinheiro, diz-lhe: "Senhor, quero restituir-lhe com espírito alegre não somente o dinheiro que é proveniente de seus bens, mas também as vestes". E, [...] despiu-se de todas as suas vestes e, colocando o dinheiro sobre elas, apresentou-se nu diante do bispo, do pai e de outros que estavam presentes, e disse: "*Ouvi todos e compreendi* (cf. Is 6,9). Até há pouco tempo, chamei a Pedro Bernardone de meu pai, mas, porque propus servir a Deus, restituo-lhe o dinheiro, pelo qual ele estava perturbado, e todas as vestes que obtive de seus bens, querendo agora dizer: *Pai nosso, que estais nos céus* (cf. Mt 6,9), não pai Pedro Bernardone" [...]. Levantando-se, portanto, seu pai, inflamado por excessiva dor e furor, recolheu as moedas e todas as vestes [...]. O bispo, considerando diligentemente a coragem do homem de Deus e admirando [...] seu fervor e constância, acolheu-o entre seus braços, cobrindo-o com seu manto. Pois compreendia [...] que os atos dele eram provenientes do conselho divino e reconhecia que as coisas que vira

continham um significativo mistério. E assim, desde então, *tornou-se seu auxílio* (cf. SI 29, 11), exortando-o e incentivando-o, dirigindo-o e envolvendo-o nas entranhas da caridade (LTC VI 18,5.19,1-11. 20,1-10 *apud* FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 803-804).

Como falar de um Francisco que sai do mundo, sem falar deste seu despojamento. Vemos um pai Pedro Bernardone, descontente com as condutas de seu filho, ao apresentá-lo no tribunal de Assis, diante do bispo, demonstra uma última tentativa de dobrar a vontade do filho pensando que ao retirar o dinheiro e tudo que possuía iria fazê-lo mudar de propósito, ledo engano. Francisco já tinha mudado interiormente com a visita do Senhor de Apúlia e abraçando de todo o coração a convocação do Crucificado de São Damião não seria agora que mudaria de ideia. Larrañaga explicita que:

É aqui neste momento, que se vai levantar a muralha divisória, alta e intransponível, que dividirá em duas a história de Francisco. Este despojar-se nasce de duas despedidas. Vamos assistir a duas despedidas e a dois esponsais, efetuados tão improvisadamente como todas as coisas do Irmão de Assis, e que teriam tão grandes consequências na história do espírito. Aqui morre e é sepultado o filho de Bernardone e nasce Francisco de Assis (2012, p. 72).

E como é difícil compreender este último passo de Francisco, vemos aqui as duas despedidas: do dinheiro e da família, onde a atitude de seu pai, Pedro Bernardone, não mais contente com as condutas de seu filho, decide colocá-lo em frente ao tribunal de Assis, diante do bispo. Este mesmo pai empenhava-se em nortear o filho da graça, já desapropriado do dinheiro, à presença do bispo da cidade para que pudesse renunciar aos bens paternos, e devolver tudo o que tinha. Como não poderia deixar de acontecer pois interiormente e exteriormente já tinha desposado a bela dama “a senhora santa pobreza” (cf. 1Cel19,51,4). Agora ele se torna o autêntico amante da pobreza, e ao chegar perante o bispo, e todo o povo, não hesita em entregar tudo ao pai (cf. LM 2,4,1-2).

Todos os biógrafos são unânimes acerca deste ponto de partida. Todos, porém assim que haviam narrado este encontro, evocam fatos relacionados com São Damião. Fazem da reconstrução da São Damião a causa que opõe Francisco a sua família e ao pai. Quando, diante do Sr. Bispo, Francisco se desfaz de todos os seus bens, restitui ao pai o dinheiro destinado às reparações da capela de São Damião esteja no âmago dos acontecimentos. O que, porém, é menos claro é a lógica à qual, a partir deste momento começa a obedecer. [...] Após o acontecimento de São Damião, Assis tem



Francisco na conta de louco, porque Francisco não se contenta mais com a existência razoável de Assis. [...] Doravante, nunca mais há de ser um homem que exclua ao construir; converteu-se num homem que se empenha em reconstruir, juntando todos os elementos existentes. Repudiou Francisco uma sabedoria humana que justifica loucuras homicidas. Têm-no na conta de louco. É normal. O Crucifixo de São Damião iniciou-o numa lógica diferente (SANTANER, 1993, p. 64-66).

Como não perceber o caminho tomado por Francisco, tudo leva a abraçar o convite, o chamamento de ser um com o Cristo, a tradição franciscana coloca estes fatos à luz do apóstolo Paulo (cf. 1Cor 1,17-26) (SANTANER, 1993, p. 66). Pois, podemos nos questionar sobre o que é maior a sabedoria do mundo ou a sabedoria cristã que vem do alto. Portanto, Francisco ao ser despojado de tudo e abraçar seu primeiro esponsal em praça pública, daquele momento em diante não tem Pedro Bernardone como seu pai, mas sim o Pai nosso que estais nos céus. Por meio deste mesmo Pai, que Francisco se entrega ao segundo esponsal, o servir ao Senhor pela Santa Igreja “visto que era servo do único Deus altíssimo” e por isso foi acolhido pelo Bispo em nome da Igreja (Cf. LTC VI,20,1-10), sendo este o que lhe concedeu grande auxílio após ser deserdado, e com esta conclusão, começa a viver um jeito diferente na condição de desapropriação, isto é, de viver sem nada de próprio (RB I,2) sem bens, mas o mais importante vivendo desapropriado de si mesmo.

Cumprindo assim o sair do mundo o sair de si, e se colocar inteiramente ao cuidado do outro, o que vemos na constituição da vida em fraternidade que começa a ser constituída a partir do fazer a vontade do Senhor no Evangelho. Trata-se, portanto, de um desapego total e assim corresponder a vontade do Pai Nosso que está nos céus (Cf. LM 2,4,3-4). Tudo isso acontece, para aos poucos ir assemelhando-se a Cristo crucificado. Leclerc, confirmando o que diz São Boaventura, aponta que:

Para assemelhar-se perfeitamente a Cristo crucificado, pendente da cruz, pobre, sofredor e nu, ele se despiu diante do bispo no início de sua conversão, e foi também nu que quis sair deste mundo no momento de sua morte [...] Este ato de Francisco é, pois, o ponto culminante da sua união e identificação com Cristo (1977, p. 124).

Este assemelhar-se se dará continuamente na vida de Francisco, e restituindo as vestes ao pai, rompe o cordão umbilical que o ligava a sua antiga vida, e na vontade e liberdade de Deus, se coloca com os mais necessitados e próximos dele. Entre os muitos encontros e desencontros Francisco foi reconstruindo sua identidade, e ela

sempre esteve ligada ao transcender sua vida. Vemos no jovem Francisco um homem decidido, pródigo em atitudes e que buscava ser fiel ao caminho traçado, como que mudado em espírito, agora se firma em fazer a vontade de Deus. Segundo Gomes:

Boaventura, por sua vez, já em 1262, interpreta o gesto de Francisco numa perspectiva eminentemente cristológica, ao afirmar que “o servo do Rei altíssimo foi deixado nu para seguir o Senhor crucificado nu que ele amava (LM II,4,7), passando, assim, do demônio nu contra o qual Francisco deve lutar, para o Cristo crucificado nu, a quem ele deseja seguir e imitar [...]. “Agora direi livremente: Pai nosso que estais nos céus, [...] Portanto, dirigime-ei nu para o Senhor” (2Cel 12,5; cf. LM II,4,4; LTC 20,3). Portanto, a interpretação de Francisco vai numa direção eminentemente teológica, no sentido de que o gesto de despojamento, para ele, representou uma tomada de consciência muito pessoal do significado profundo da paternidade de Deus. Desse modo, como constata Cesare Vaiani, tal gesto configurou-se como uma verdadeira experiência mística e espiritual, no sentido de que Francisco foi colocado num estado em que pode personificar, ou seja, tornar pessoal um enunciado de fé comum a todos os cristãos e cristãs: a paternidade de Deus (GOMES, 2022, p. 25-26).

E fortemente embebido do servir a Deus, se dispõe de tudo, como percebemos anteriormente se dá a conhecer pela paternidade de Deus que abraçou e viu no Cristo crucificado e nu o modo de viver e de ser. Este despojamento se tornará o modo de contemplar a via da espiritualidade franciscana, pondo em prática a paternidade de Deus e nosso total despojamento. Desta maneira, Francisco ao receber seus primeiros amigos e irmãos se vê na necessidade de entender o “seguimento de Cristo a partir do Evangelho, onde descobriu sua vocação, e se percebe como homem verdadeiramente livre, em posse da liberdade dos filhos de Deus” (ERNESTO, 1999, p. 931). Segundo o dicionário franciscano:

Um outro encontro, também dos mais significativos, foi aquele que se deu quando abriu o livro dos Evangelhos para conhecer a vontade de Deus a respeito do modo de vida que devia seguir com seus primeiros companheiros (LTC 27-29: cf. 2Cel 15; LM 3,3). Transcorridos dois anos de sua conversão, certos homens começaram a se animar por seu exemplo e penitência e, rejeitando todas as coisas, uniram-se nele. O primeiro foi Bernardo [...]. “Amanhã bem cedo, iremos à igreja, e pelos Evangelhos saberemos o que o Senhor determinou a seus discípulos”. E assim, “no dia seguinte, muito cedo, levantaram-se, e juntos com outro que se chamava Pedro que também desejava ser seu irmão, foram à igreja de São Nicolau, na praça da cidade de Assis [...]. Terminada a oração, o bem-aventurado Francisco, tomando o livro fechado e de joelhos diante do altar ao abrir a primeira vez encontrou este conselho do Senhor: ‘Se queres ser perfeito vai, vende tudo o que tens dá-o aos pobres etc. (Mt 19,21).’ O bem-aventurado Francisco ficou muito contente e deu graças a Deus. Mas como era verdadeiro adorador da Santíssima Trindade, quis que isso fosse confirmado com um triplice testemunho. E abriu o livro pela

segunda e pela terceira vez. Ao abri-lo a segunda vez encontrou o seguinte: 'Não leveis nada no caminho [...] (Lc 9,2); e na terceira, por fim: 'Quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me (Mt 12.24). Francisco "[...] depois de ver manifestada a vontade divina, confirmando seu propósito e desejo anteriormente concebidos disse aos já mencionados Irmãos Bernardo e Pedro: 'Irmãos, esta é a nossa vida e a nossa regra e de todos os que quiserem unir-se a nós[...]" (ERNESTO, 1999, p. 128-129).

Tocado desde o início de sua caminhada de conversão despojando-se de tudo se coloca e declara-se como o “arauto do grande Rei” (Cf. 1Cel VII 16,2) e vai ao mundo dando “testemunho do que viu e ouviu” (Cf. Jo 3,32), após o evento de seu despojamento se reveste com a veste eremítica (Cf. LTC VII 21,2) e continua a atender os leprosos, desvalidos, e a reconstruir a Igreja que o Senhor lhe pedira, fazendo da forma que compreendia. Com o passar do tempo vieram outros companheiros e vai buscar na Palavra daquele que o chamou a confirmação de sua vontade de acolher novos irmãos para viver seu modo de vida (Cf. LTC VIII), e agora não mais revestido da veste eremita, mas por um hábito criado por ele (Cf. LTC VIII 29,11). E pelo seguimento do Evangelho se forma e conforma a vida de Cristo, pois “o Senhor mesmo me revelou que deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho” (Test 14).

Neste terceiro encontro de Francisco com o Crucificado no Evangelho percebemos que toda a sua existência foi norteadada pela Palavra de Deus. Sempre buscando confirmar nela suas escolhas e seu processo de amadurecimento fortalecendo seu seguimento. Percebe-se que Francisco procura no Evangelho o seguimento perfeito de Cristo, e esta palavra ouvida sempre está ligada ao ouvir da Palavra na missa, juntamente com a comunidade reunida pela Eucaristia, se dá o encontro e o questionar-se com a Palavra, sendo assim, podemos perceber na vocação de Francisco importância eclesial e comunitária, lembrando sempre que o mesmo sempre se questionou se deveria viver o modo de vida eremítico, mas o Senhor sempre o conduziu para a vida missionária (Cf. AtF XVI), “[...] um modo de vida ainda mais original: a *forma vitae apostolorum*, isto é, a vida mesma de Cristo com os apóstolos” (GOMES, 2022, p. 42).

Tendo superado os percalços iniciais de sua busca e realização com o Senhor que o chamou do caminho de Apúlia para o de Assis, dando continuidade ao seu processo de conversão diária. Francisco adquire um novo olhar sobre o tudo, e forma para si e os seus o caminho dos penitentes de Assis por meio de sua “*forma vitae*” abraçada que os levam a ser instrumentos de paz e reconciliação, somente nesta

lógica poderemos compreender o nosso último encontro com o Cristo estigmatizado no monte Alverne.

#### 1.4 QUARTO ENCONTRO: NO MONTE ALVERNE COM O ESTIGMATIZADO.

Depois de começar a caminhar, Francisco constitui seu modo de viver, e vai ampliando o que se passaria a chamar movimento franciscano, e depois família franciscana. Eis o grande papel de Francisco aos seus seguidores posteriores formando grandes doutores nas ciências do seguimento de Cristo, logo seu movimento daria mais e mais frutos para a igreja e a sociedade, desde a espiritualidade até os grandes pensadores que formaram esta escola a partir do seguimento de seu fundador, e isto se dá em nossas frentes de missão, como bem lembrou o papa Paulo VI:

O Seráfico Patriarca São Francisco de Assis, em vida e depois de sua preciosa morte, atraiu não somente muitos para servirem a Deus na família religiosa que fundara, mas arrastou também numerosos leigos que, permanecendo no mundo, se agregaram às suas Ordens. Pois, para usarmos as palavras de Pio XI, Nosso Predecessor, “parece [...] que jamais houve homem algum em quem brilhasse mais viva a imagem de Jesus Cristo e em quem fosse mais semelhante a forma evangélica de viver do que em Francisco. Por isso, ele, que se havia denominado o “Arauto do Grande Rei”, foi com razão proclamado um “Outro Cristo”, por se ter apresentado aos contemporâneos e aos séculos futuros como um Cristo redivivo; como tal ele vive ainda hoje aos olhos dos homens e continuará a viver por todas as gerações futuras” (Enc. *Rite Expiatis*, 30.4.1926; AAS 18, 1926, p. 154). Alegremo-nos, portanto, porque o “carisma franciscano” conserva vigor ainda hoje, para o bem da Igreja e da comunidade humana, apesar do serpejar de doutrinas acomodáticas e do crescimento de tendências que afastam os homens de Deus e das coisas sobrenaturais (BECKHÄUSER, 2015, p. 15).

Eis o que a Igreja percebe em Francisco, e que sua família deve buscar esta força de vida restauradora e fomentadora a partir do caminho vivenciado e transmitido. Por isto a importância de se entender como o movimento franciscano fomentou a aplicação desta espiritualidade, através da essência da observância do Evangelho, significando a observância de valores como a humildade e a pobreza de Cristo, e a partir da contemplação e partilha desta humanidade, pobreza, caridade de Cristo que culmina em Francisco com os sinais da Paixão. Assim:

Finalmente encontramos um encontro altamente significativo com a cruz: o Alverne, precedido também por uma tríplice abertura dos Evangelhos. O bem-aventurado Francisco, conforme a narrativa de Celano (1*Cel* 91-93), "afastou-se das multidões [...] e procurou um lugar calmo, secreto, solitário (o Alverne) [...] Passado algum tempo neste lugar [...] repleto do Espírito de Deus estava pronto para enfrentar qualquer angústia do espírito, qualquer tormento do corpo, desde que lhe fosse concedido o seu ardente desejo: que se cumprisse nele a misericordiosa vontade do Pai Celeste. Dirigiu-se um dia ao altar da ermida e tomando um volume em que estavam escritos os Evangelhos, colocou-o sobre o altar com toda reverência. Depois, prostrou-se em oração a Deus, não menos de coração do que de corpo, e pediu humildemente que o Deus de toda consolação se dignasse mostrar-lhe sua vontade [...] Levantando-se, depois da oração, com espírito humilde e ânimo contrito, fez o sinal da santa cruz, tomou o livro do altar e o abriu com reverência e temor. A [...] primeira coisa que deparou ao abrir o livro foi com a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, no ponto que anunciava as tribulações por que deveria passar. Mas para ninguém pudesse suspeitar que isso tivesse acontecido por acaso, abriu o livro mais duas vezes, e o resultado foi o mesmo [...] São Boaventura precisa (LM 13,2): "Com fervorosa oração, pois, se preveniu e depois mandou um de seus companheiros, homem devoto e de grande santidade (Frei Leão) tomar o livro dos Evangelhos e abri-lo três vezes em honra da Santíssima Trindade. E como ocorreram as páginas em que se fala da paixão de Cristo, logo compreendeu Francisco que, da mesma forma como havia imitado a Cristo nos principais atos de sua vida, assim também deveria conformar-se com ele nos seus sofrimentos e dores da paixão" (cf. CSE 3) (ERNESTO, 1999, p. 129).

De quando do início do caminho de Francisco com os primeiros irmãos, vê-se juntamente com Frei Bernardo de Quintavale, Frei Pedro vai a Igreja de São Nicolau (Cf. AP III 10-11), ali abre o livro do Evangelho e encontra os três textos que descrevem a vida evangélica que assumiram a partir daquele momento. Agora, mais uma vez, Francisco abre três vezes o Santo Evangelho e como que para confirmar a vontade da Trindade pede a Frei Leão que abra e cai as três passagens ambas sobre a paixão do Senhor, este é confrontado com a consumação da vontade de identificar-se com o Crucificado. De que forma aconteceu este encontro significativo, Boaventura relata:

Portanto, como estivesse arrebatado em Deus por seráficos ardores dos desejos e por compassiva doçura se transformasse naquele que por *excessiva caridade* (cf. Ef 2,4) quis ser crucificado, numa manhã, na proximidade da festa da Exaltação da Santa Cruz, enquanto rezava num lado do monte, viu um *Serafim* que tinha *seis asas* (cf. Is 6,2) tão inflamadas quão esplêndidas a descer da sublimidade dos céus. E como tivesse chegado em voo rapidíssimo a um lugar no ar próximo do homem de Deus, apareceu entre as asas a imagem de um homem crucificado que tinha as mãos em forma de cruz e os pés estendidos e pregados na cruz. *Dois asas se elevavam sobre a cabeça dele, duas se estendiam para voar e duas cobriam todo o corpo* (cf. Is 6,2). Vendo isto, ficou profundamente estupefato, e o coração experimentou alegria misturada com tristeza. De fato, alegrava-se no aspecto

gracioso com que percebia que era olhado por Cristo sob a forma de Serafim, mas a crucifixão *traspassava a sua alma com a espada* (cf. Lc 2,35) de compassiva dor. — Admirava-se sobremaneira da forma de tão imperscrutável visão, sabendo que a dor da paixão não convinha de modo algum à imortalidade do espírito. Finalmente, compreendeu a partir disto, revelando-o Deus, que tal visão fora assim apresentada diante dele pela divina providência para que o amigo de Cristo conhecesse de antemão que deveria transformar-se todo na semelhança de Cristo crucificado não pelo martírio da carne, mas pelo incêndio do espírito. Desaparecendo, então, a visão, deixou no coração dele um admirável ardor, mas também na carne imprimiu a não menos admirável imagem dos sinais. — Pois, imediatamente começaram a aparecer nas mãos e nos pés dele os sinais dos cravos (cf. Jo 20,25), do mesmo modo como vira pouco antes naquela figura de homem crucificado. As mãos e os pés pareciam bem no meio traspassados pelos cravos, aparecendo as cabeças dos cravos na parte interior das mãos e na parte superior dos pés, e as cabeças dos cravos nas mãos e nos pés eram redondas e negras, e as pontas eram longas, retorcidas e como que rebatidas, as quais, surgindo da própria carne, saíam [como excrescência] da carne restante. Também o lado direito, como que traspassado por uma lança, era coberto por uma cicatriz vermelha e muitas vezes, derramando sangue, manchava a túnica e os calções (LM XIII 3,1-13. FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 636-637).

Na citação acima, contemplamos como se deu a estigmatização de Francisco, depois de tão grande preparação de uma vida de conversão e de seguimento se vê coroado com o mais doce flavos, sentindo as dores, as marcas e a paixão de seu amado a visão de todo o acontecimento com o Serafim que se torna a própria face do crucificado, levando a plenitude o caminho de Assis a tanto iniciado. Podemos olhar este momento pelos olhos de Samora, onde Francisco:

Agoniado com os problemas pelos quais passava sua ordem, pedia dia e noite que o Deus lhe mostrasse um caminho. Achava que, comparado a Cristo, não tinha passado por sofrimento suficiente e pedia para que pudesse sentir Suas dores. Francisco, viu o céu se abrir e de lá surgir um serafim. Ele estava crucificado, como Cristo, Francisco sente um misto de êxtase, amor e uma dor aguda. A visão some e em seguida ele percebe que estigmas se abriram nas suas mãos e nos seus pés. As descrições feitas mais tarde relatam que os estigmas pareciam pedaços de carne saltados, como machucados, lembrando os pregos que perfuraram Jesus. Uma ferida no lado direito do corpo, como um gole de lança, também é descrita. Com isto, ele é o primeiro santo estigmatizado que se tem notícia. Essas feridas acompanharam Francisco até sua morte, porém ele as ocultou durante todo o tempo que lhe restou na terra. Queria manter apenas para si as marcas em seu corpo (SAMORA, 2018, p. 107-108).

Como não compreender o desejo e sentido desta vida que se fez Evangelho, que culmina com a conformação com a Paixão do Senhor. Pois, “todo o seu discernimento, todas as suas escolhas e orientações partiram de uma escuta atenta do Evangelho, e sua vida foi inteiramente perpassada por ele, [...] o único referencial”

(SAMPAIO, 2019, p. 19). Este Francisco não está mais no projeto de seu Pai Pedro de Bernadone, mas no de Deus, por isto que o “ponto de partida é o ponto de chegada: caminhada para o monte Alverne” (SAMPAIO, 2019, p. 30). Francisco nesta caminhada demonstra que possuía Jesus de forma extraordinária, “a ponto de renunciar e desapegar-se de si mesmo de qualquer coisa para aderir profunda e totalmente a Jesus” (SAMPAIO, 2019, p. 31). Toda esta caminhada só coloca em relevo a constância do pobrezinho de Assis no seguimento perfeito de Cristo pobre e crucificado como comprova Celano:

O beatíssimo pai Francisco, que teve a imagem e forma do Serafim, realizou tudo isto de maneira mais perfeita e, perseverando na cruz, mereceu voar até ao grau dos espíritos sublimes. Pois, tanto quanto podia, sempre esteve na cruz, não se esquivando de nenhum trabalho ou dor, para cumprir a vontade do Senhor em si e com relação a si. Além disso, os irmãos que conviveram com ele sabiam quão cotidiana e contínua fora na boca dele a conversa sobre Jesus, [...] a boca falava da profusão do coração (cf. Mt 12,34), e a fonte de amor iluminado, enchendo todas as entranhas dele, jorrava para fora. Realmente, ele tinha muitas coisas com Jesus: sempre trazia Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus nos demais membros (1Cel IX 115, 1-5. FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 278-279).

Destarte podemos perceber como Francisco se deixou moldar por Cristo e foi transparecendo em todas as suas ações, ao vivenciar a cruz pode falar de tudo e viver tudo, pois para sair do sopé do monte e atingir o cume ele precisou se despojar, pois no monte Alverne, Francisco encontrou com Aquele que ele quis ser crucificado. Logo, este caminho se amplia porque ele está relacionado ao caminho que Francisco fez para o próximo, o irmão, e para todas as criaturas. Onde ele tem um olhar voltado para Deus representado pelo monte Alverne e aos irmãos pela fraternidade e que se faz relação de amor com toda a criação (SAMPAIO, 2019, p. 31-32).

Para concluir reflitamos sobre aquele segredo que Francisco quis guardar contigo, ele vem dos muitos encontros e momentos com o Senhor entre eles falamos do encontro em Apúlia, no crucificado de São Damião, na vontade do Senhor nos santos Evangelhos e finalizando falando do encontro com o estigmatizado no monte Alverne. Percebemos que todos estes singulares encontros se tornam o lugar dos encontros com o Senhor estes levaram São Francisco a um comprometimento e vivência evangélica, e dois momentos são de suma importância. Santaner afirma que:

Entre os fatos da vida de Francisco que falam de seu relacionamento com Cristo, ocupam os estigmas um lugar proeminente: sobre a montanha do Alverne foi Francisco marcado com as feridas da Paixão. [...] Na capela de São Damião, não muito longe das muralhas de Assis, Francisco teria ouvido falar-lhe um Crucifixo. [...] Iluminados reciprocamente, os dois acontecimentos do monte Alverne e de São Damião podem dizer-nos algo sobre o segredo da vida de Francisco (SANTANER, 1993, p. 57).

A partir destes dois encontros vemos em São Damião o despertar que Jesus coloca em Francisco para olhar que toma em apreço a casa em ruínas, ali vai se aumentado a intimidade de Francisco com Jesus Cristo. “Doravante, nunca mais há de ser um homem que exclua ao construir; converteu-se num homem que se empenha em reconstruir, juntando todos os elementos existentes. [...] O Crucifixo de São Damião iniciou-o numa lógica diferente” (SANTANER, 1993, p. 66). Já no evento da estigmatização no monte Alverne, tudo que foi vivenciado especialmente em São Damião preparara Francisco para receber a impressão das Chagas. Assim, podemos começar a entender qual seria este segredo, Frei Francisco sempre “teria o costume de dizer: ‘O meu segredo me pertence a mim!’” (Cf. LM 13,4 e 5. 1C 6,27,96; 2C 52,94, 135-135, *apud* SANTANER, 1993, p. 55).

Podemos perceber que Francisco sempre guardava a sutileza do toque de Deus em sua vida como que para preservar essa preciosidade que “trazemos, porém, este precioso tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,6-7.10). Refletindo sobre os estigmas São Boaventura compreendeu, qual o segredo vivido entre Francisco e Jesus, pois se vê como uma “prova da Sabedoria de Cristo gravada na carne de Francisco” (SANTANER, 1993, p. 75). E acrescenta ser merecedora de respeito e fé esta prova, por ser uma ‘obra do próprio Deus’. São os estigmas de Francisco um testemunho da eterna emoção de Deus e não psicologia religiosa de um homem, mas plenitude do toque de Deus.

O primeiro capítulo foi, efetivamente, mostrar o olhar do Senhor para Francisco e sua vida e conversão a partir dos seus encontros, percebe-se em todos estes encontros o encontro consigo mesmo, como ainda o encontro com Altíssimo Senhor tanto no crucificado, como no Evangelho e culminando no Monte Alverne com sua conseqüente estigmatização e como efeito deste caminhar se dá o seu seguimento perfeito de Cristo pobre e crucificado como um modo perfeito de se viver, que por fim se resulta no encontro com os irmãos na minoridade e na fraternidade. E



para finalizar é notável a capacidade de Francisco de guardar um grande segredo que vem a partir do encontro de sua finitude com o Altíssimo bom Senhor em toda sua criação.

## 2 O SEGUIMENTO DE CRISTO POBRE E CRUCIFICADO FONTE DA PERFEITA ALEGRIA NA VIDA FRANCISCANA A DEVOÇÃO A CRUZ

No primeiro capítulo foi-nos apresentado os encontros e a forma como Francisco se deixou tocar pela cruz em seus encontros que marcaram sua vida e vocação. Estas experiências vividas por Francisco de Assis, agiram de forma extraordinária, para o seu processo de encontrar-se consigo mesmo, e mais do que isso, encontrar-se com o próprio Deus. Desta maneira, tendo visto como Francisco foi sendo transpassado por este Senhor que o chamou. Iremos agora investigar como o Cristo pobre e crucificado se apresenta ao mesmo Francisco, e este se torna fonte de perfeita alegria a ponto de nascer um novo modo de vida Evangélico na Igreja. Para tanto, devemos inicialmente compreender o que se entende como espiritualidade, a mesma:

Aparece tardiamente no cristianismo. Já no século V, em uma carta na qual o Pelágio, contemporâneo de São Jerônimo, aconselhava, provavelmente um recém-batizado, a agir de tal modo a progredir sempre mais na espiritualidade (*age, ut in spiritualitate proficias*), vale dizer, na experiência de fé cristã iniciada no batismo (GOMES, 2022, p. 18).

Logo, podemos constatar que a espiritualidade é um modo de ser, de agir, de vivenciar no batismo progredindo diariamente, uma das faces do processo de conversão. Para Beckhäuser, “chamamos de espiritualidade o processo de busca de comunhão com Deus, animado pelo Espírito Santo, através de Jesus Cristo” e continua:

Esta busca de santidade, o ser semelhantes ao modo de ser de Deus a busca da perfeição, este processo do relacionamento no tu e a tu com Deus, realiza-se através de exercícios, também o conjunto destes exercícios é chamado de espiritualidade. Daí surge várias escolas de espiritualidade, que se distinguem conforme o modelo seguido. Temos, primeiramente, a espiritualidade cristã geral, centrada na prática de Jesus Cristo de se relacionar com o Pai, herdada pela Igreja. Seu centro está na escuta da Palavra de Deus, na vida de oração, na vivência dos sacramentos e na ação da caridade. Ela é necessariamente trinitária: Ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo; ela é litúrgica; ela tem aspecto secular, pois se realiza também através do próximo e através de todas as realidades criadas. Através dos tempos, surgiram vários modelos ou escolas de espiritualidade [...]. A franciscana, tendo modelo São Francisco de Assis, acentuando a dimensão fraterna, nesta busca de Deus (BECKHÄUSER, 2015, p. 90).

Ao confrontar o processo de conversão e de busca de santidade, visto em Francisco, percebemos como a graça de Deus age na vida de Francisco a partir do tempo em que se encontra consigo mesmo e com o próximo, nestes encontros que foram percebidos durante todo o seu tempo de conversão perfazendo todo um processo de busca. Assim, percebemos que estes encontros se tornam pontuais para configurar o seu modo de seguimento. Desta forma está se vislumbrando:

O ponto de contravolta do caminho de conversão de Francisco, que se deu no período de 4 anos entre os 23 e os 27 anos da sua vida (1204-1208): ele encontrou Jesus e aprendeu a amá-lo ternamente na sua condição de crucificado, a reconhecê-lo e a querer servi-lo nos crucificados da vida e da história. O amor que manifestou a esses últimos brota do amor ao filho de Deus, abandonado na Cruz. Daí tudo muda na vida de Francisco, porque tudo se torna expressão deste único e intensíssimo amor que de Cristo crucificado, se irradia no seu coração e o leva a reconhecer e amar Jesus em quem é mais abandonado. Sem esse amor total ao filho de Deus encarnado, nada se compreenderia de Francisco e de sua obra. Expressão deste amor apaixonado a Cristo é entregue à morte de Cruz por nós e de sua procura de sempre se assemelhar a ele, é a oração ao crucifixo de São Damião, na qual a adoração do abandonado. Quando se fazem vocação e testemunho da vontade firme de viver o segmento dele (FORTE, 2018, p. 30-31).

O encontrar-se com Cristo, para Francisco veio para manifestar sua adesão ao projeto que foi abraçado, no abandono total e no despojamento da cruz, instigou a ter atitudes que precisava fazer escolhas, como nos relatos de todos os encontros do sonho no qual fora questionado a quem servir: ao servo ou ao Senhor (Cf. LTC 6,5). E este mesmo Senhor, o ensinou a partir dos passos dados, decididos que o colocou no caminho do transformar-se, configurar-se a um outro estilo de vida diferente daquele que estava habituado. Segundo Gomes (2022), a experiência espiritual de Francisco se desenrola cada vez mais em direção a dimensão trinitária da fé cristã, tendo como cerne a mensagem de Jesus Cristo. Nessa perspectiva recorda-se que:

Francisco não usa o substantivo segmento nos seus *Escritos*, nem conformidade ou imitação. Aos substantivos ele prefere os verbos, o que revela o seu forte senso prático, o seu modo muito concreto de pensar. Francisco usa bastante o verbo “seguir”, por dezenove vezes, quase sempre num sentido cristológico. Por exemplo, logo no início da *Regra não Bulada*, o *Poverello* afirma que a forma de vida dos Frades Menores consiste em “viver em obediência, em castidade e sem propriedade e em *seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo*” (RnB 1,1), como que sugerindo que toda regra deve ser interpretada na perspectiva do seguimento de Jesus Cristo enquanto proposta de diferentes concretizações do mesmo. Em outras palavras, o que a *Regra* prescreve sobre a oração, o trabalho, o

relacionamento entre os irmãos, a missão e tudo mais tem sempre como razão de ser e finalidade última o seguimento de Jesus Cristo, visto uma vez que tudo deve ser observado por causa e em vista dele (GOMES, 2022, p. 38).

É a partir desta conformação e no encontrar-se, com o Senhor “Uno e Trino” que verificamos a confirmação do caminho que Francisco está trilhando na busca de realizar a vontade do Senhor e como este se faz instrumento. Ao percebermos o caminho da Espiritualidade Cristã vê-se que Francisco não faz aquilo que nós conhecemos como imitação, mas verificamos sim uma vida de seguimento. Este caminho que observaremos a partir de todo o seu amor pelo Senhor que o chamou e o conduziu a fazer penitência. Este Poverello nos ajuda a compreender o que seja este seguimento, e como este se torna fonte de uma verdadeira perfeita Alegria que se dá na vida e no modo de oração e de sua vida de intimidade, desnudando uma vida de despojamento das coisas e a expropriação de si mesmo, para que o Sumo Bem se torne o Tudo e Todo que há dentro de si.

Por fim, como vimos no capítulo anterior. Os encontros de Francisco com o crucificado no caminho de Apúlia, na Cruz de São Damião, nos Evangelhos e no Estigmatizado do monte Alverne, foi seguramente uma abertura para se deparar com o crucificado e os irmãos. A partir deles, percebemos a capacidade de se relacionar com os outros. Assim, Francisco de Assis foi capaz de deixar-se encontrar pelo Senhor com os mais necessitados. Essa relação de “*vivere sine proprio*” ou seja, viver sem nada de próprio nos mostra um caminho de conversão diária e do seguimento de Cristo pobre e crucificado numa fraternidade universal, respeito, diálogo, alegria, minoridade que se fundamenta na íntima relação e na vida de oração. Se ponderará sobre o desprendimento de si, bem como Francisco saiu da imitação para o seguimento perfeito do crucificado formando o que hoje conhecemos como Espiritualidade Franciscana da Cruz.

A seguir desta apresentação se tenciona conceber a relação entre o seguimento do crucificado e a altíssima alegria, para isso, será desenvolvido sobre a perfeita Alegria apresentada pelo próprio Francisco qualificando como a dimensão do despojamento, pobreza, obediência e castidade estão os valores de fraternidade e minoridade no olhar franciscano, estes valores serão apresentados no próximo capítulo. A partir desta fundamentação cristocêntrica que ocasiona em Francisco, portanto, no ser franciscano, a forma de se relacionar com Deus e o próximo que

culmina na vida do cristão convertido e nas dimensões da fraternidade e minoridade. Com efeito, ele foi um ser humano que convertido à cruz do Senhor buscou integrar de forma integral o imanente com o transcendente. Pois, ao reconhecer este caminho de seguimento se mergulha na graça de Deus que é fundamental para sair de si e fazer o encontro com o Senhor em direção aos mais necessitados, dando-nos uma fé que sai do centro de si mesmo para Deus, na alegria e pela vida de oração.

## 2.1 DA DEVOÇÃO A CRUZ À PAIXÃO DE CRISTO: O CAMINHO DA IMITAÇÃO PARA O SEGUIMENTO

Vemos nestes encontros a experiência de Francisco com Jesus que passa pela comprovação de que este se vê enamorado do Cristo pobre e crucificado. Daquele que encarnou e assumiu a nossa humanidade por amor a nós, exceto o pecado (cf. Hb 4,15), e que passa pela dor da cruz e do sofrimento diário, sendo este que Francisco procura encontrar o outro na sua essência. Inicialmente para entender este modo de vida de Francisco devemos considerar o que é imitação na espiritualidade cristã e como ela se tornou um caminho seguido por muitos a partir da idade média, e em face desta imitação como Francisco traça seu caminho de “*sequela Christi*”, ou seja, do seguimento de Cristo. Podemos entender que:

O caminho da imitação de Cristo, sublinha o Cristo da fé e suas virtudes divinas: sua entrega total ao Pai, sua humildade, sua capacidade de suportar sofrimentos e humilhações, sua paciência infinita e seu amor incondicional. Para com todos, mas especialmente para com aqueles que, desprezando as coisas do mundo, se entregam confiantemente a ele. Viver essas virtudes em nível pessoal deu origem a uma grandiosa espiritualidade, retratada na *Imitação de Cristo*, o Cristo fala à subjetividade e ao coração, para que a pessoa religiosa descubra todos os meandros da malícia humana, mas também toda a amplitude da graça divina e da atuação de Cristo que conferem ao fiel as possibilidades de conquistar alto nível de vida espiritual (KEMPIS e BOFF, 2016, p. 5).

Como vimos o caminho da imitação de Cristo, perpassa por todo o sofrimento vicário na cruz e de como sua oblação total de vida nos dá um novo caminho do imitar seus passos, logo:

Imitação de Cristo, obra-prima da *Devotio Moderna*<sup>3</sup> [...]. Vale dizer que [...], o Cristo da Imitação que “é aquele que fala a interioridade humana” ao Jesus do seguimento “que fala as multidões”, mesmo que com nuances diferentes, como afirma enfaticamente: Trata-se sempre do mesmo e único Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que nos acompanha em nossa caminhada espiritual, na viagem rumo ao próprio coração e no percurso pelo mundo na direção do Reino de Deus que já se realiza agora, mas cuja plenitude somente se concretizará na eternidade [...]. Melhor expressam e sintetizam o projeto de Jesus para a humanidade: a oração do Pai-nosso e o discurso das Bem-aventuranças [...], o que se entende por segmento: “seguir Jesus é assumir sua causa, viver seu exemplo de vida, participar de seus riscos e eventualmente aceitar o seu destino” (GOMES, 2022, p. 47-48).

Desta obra clássica podemos retirar a tônica da vida espiritual do tempo de São Francisco de Assis, do Cristo que fala, ao penitente, mas que não se relaciona com o outro, se busca caminhar solitário uma conversão de âmbito pessoal. Mas o que Francisco nos mostra com seu modo de viver e caminhar é uma realidade cristocêntrica, que atinge a alma das pessoas porque é tocada pelo mesmo Deus que o encontrou e se foi revelando pelo caminho. É precisamente por causa deste contato com o crucificado, e os crucificados deste mundo que Francisco encontra em sua vida, que começa a compreender tão bem o sofrimento da alma humana e consegue perfazer o caminho do seguimento.

O caminho do seguimento de Jesus enfatiza [...], sua saga e seu modo de ser concreto quando peregrinou entre nós [...]. Confere materialidade ao Cristo da fé e assim se origina o mútuo enriquecimento [...]. Valorizam-se seus comportamentos face às várias situações concretas de sua vida, sua crítica à ostentação religiosa e a falsidade da piedade oficial; sua compaixão entranhável para com os sofredores deste mundo, sua opção pelos últimos e pobres [...]. Mais do que tudo incendiou as multidões com uma menagem libertadora de todas as opressões interiores e exteriores: o Reino de Deus. Anunciou sua proximidade e a conversão como forma de sua concretização já agora no mundo. A proposta do *Seguimento de Jesus* sublinha particularmente o fato de o Mestre ter participado da condição concreta humana, como aquela que cotidianamente levamos. A epístola aos Hebreus diz claramente que *Ele passou pelas mesmas provações que nós* (4,15), *estava cercado de fraqueza* (5,2) e *aprendeu a obediência por meio do*

---

<sup>3</sup> *Devotio Moderna*: Trata-se de uma “corrente espiritual que predominou no final da idade média e no começo da Moderna; mais exatamente, por volta do século XIV, e prosperou nos Países Baixos. Ela recebeu o nome de *devotio Moderna* (Devoção Moderna), pois não se restringia aos religiosos e religiosos dos claustros, mas se difundiu largamente entre os leigos e letrados da época [...]. A *Devotio Moderna* se caracteriza fundamentalmente pela busca séria da vida interior, centrada no encontro e no diálogo com Cristo, focalizando especialmente sua cruz, paixão e morte. Essa espiritualidade separava fortemente Deus e mundo, espírito e matéria, tempo e eternidade, interior e exterior, vida secular e vida religiosa com forte depreciação do mundo, de suas atrações e de seus prazeres” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 6).

*sofrimento* (5,8) [...]. Jesus nos deixou um modo de ser, legou-nos um grande sonho, o *Reino de Deus* feito de amor, de misericórdia, de perdão, de fraternidade, a partir dos últimos e da dignidade de saber e sentir-se filho e filha de Deus. O seguimento de Jesus visa alcançar, pela prática e pelo compromisso, esses bens do Reino que Ele pregou e viveu (KEMPIS e BOFF, 2016, p. 7).

Como não reconhecer a “*sequela Christi*” no encontro com o Senhor de Apúlia, aqui ele percebe e reconhece a vontade divina e se conformar a ela, e deste modo, ao conformar-se com a vontade se deu e continua no modo de se empenhar para entrar no bem-querer de Deus, vivendo a gratuidade de Deus para com os pequeninos deste mundo. Porque isto tudo reflete “a pessoa de Jesus Cristo constituiu-se no centro dos afetos, pensamentos e práticas de Francisco de Assis” (GOMES, 2022, p. 46).

Portanto, trata-se de uma concepção muito concreta de seguimento, de uma prática expressa — pelo verbo seguir —, realizada sobretudo pelos santos, as verdadeiras “ovelhas do senhor”, vale dizer, os que seguiram com máxima coerência, o exemplo do Bom Pastor. Daí porque, querer receber Glória e honra somente por proclamar as obras deles, representa uma grande vergonha, pois significa, de certa forma, recair no pecado original, no desejo de ser como Deus (Cf. Gn 3,5), uma vez que o “louvor, a glória e a honra e toda a bênção” pertencem ao Senhor, e somente a Ele convém (Cf. Cnt 1-2; 1Ct 7; 2Fi 61; Ord 24; Exl 1-2; LH 2) (GOMES, 2022, p. 39-40).

Desta maneira, foi sendo formado por estes encontros e interiormente movido para encontrar este Senhor que veio até ele, Francisco continua o seu processo de escuta e mergulha no silêncio, na consumação do seu viver a compreender e empreender. O caminho proposto começa por converter seu modo de ser e agir, o Bom Pastor, exemplo dado por ele a todo momento. Vemos aí, “o místico, que passa pelo momento em que não existe coisa alguma, além de Deus, de certa maneira, contempla o começo sem começo em que, de fato, nada mais existia” (CHESTERTON, 2004, p. 86). Este novo modo de vida abraçado que:

Ouvido o Evangelho e a explicação do sacerdote, exclama “É isso que eu desejo cumprir com todas as forças”, assistimos à primeira promessa ou profissão franciscana. Francisco faz-se profissional do Evangelho do Envio dos Apóstolos. [...] Àquela energia de Deus, àquele espírito que aparece nas pessoas de seu Filho Jesus Cristo, enviado como revelador e anunciador do Pai e captada por Francisco. Ele, Jesus, é, pois, a glória, a doutrina do Pai. [...] Vem penetrando sempre mais na vida dos apóstolos e agora na de Francisco e em cada um de nós, seus seguidores. Doutrina, então, é a dinâmica da verdade e dos princípios fundamentais da fé; o vigor, a dinâmica, a quinta-essência, enfim, do próprio Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo

Crucificado. Por isso, [...] a força, o fundamento da Ordem não procede de Francisco. Este é apenas o beneficiado, a floração desta energia originária. [...] Esta energia começou a atingir também outras pessoas que uniram a ele pelo “hábito e pela vida”. Pelo hábito significa através dos elementos externos, como roupa, calçado, costumes, atitudes etc. Pela vida significa pelo espírito, pela inspiração originária, recebida do Senhor através do encontro com o Crucificado e com o Evangelho. Nascia, assim, uma nova Ordem na Igreja: a Ordem de São Francisco (FASSINI, 2009, p. 224).

Assim, a fonte originária de Francisco e de todo o processo de conversão o próprio Cristo, que visitando-o de diversas formas vai consolidando seu chamado e o propósito que deve ser abraçado. Ao externalizar o desejo do fundo de seu coração Francisco é conduzido a continuar o caminho de cumprir e abraçar a Santa vontade do Senhor e seu modo de agir o leva a trilhar o seguimento ao ponto de ser visto como “sendo um intermediário e um reflexo [...]. Misericordioso, espelho de Cristo [...]. São Francisco era como Cristo e Cristo, era como São Francisco [...]. Embora sempre tenha parecido natural explicar, São Francisco à luz de Cristo” (CHESTERTON, 2004, p. 131). Eis como podemos explicar esta luz:

A primeira luz é que não conta o ponto de partida não nascemos Santos tornamo-nos Santos! Não importa quanto nos afastamos de Deus; O que conta é o retorno a ele a seus braços de pai [...]. A segunda verdade que o chamado de Francisco nos ensina é que a conversão não é para qualquer coisa, mas para alguém para Cristo: é ele quem nos chama a si e nos pede que o amemos com todo o nosso coração. Toda escolha seguinte dependerá desse Encontro de Amor com o senhor Jesus crucificado e ressuscitado por nós. Enfim, a conversão de Francisco nos faz a entender que se responde a Deus ao confiarmos totalmente nele sem pactos nem condições sem nem sequer saber aonde ele nos levará ponto [...] “vem e segue-me”: é essa a lei do segmento, o fundamento e o início de toda a vida vivida para o senhor e com ele. Assim, Francisco nos oferece algumas luzes [...]. A primeira luz que nos vem de seu progressivo despojamento é que, uma vez entregue a Deus a nossa vida, nunca nos será lícito voltar atrás, apegando-nos a uma meta atingida, lamentar o passado ou querer hipotecar o futuro [...]. Uma segunda luz que resplandece na configuração cada vez maior de Francisco a Cristo é que os caminhos do Senhor não são os nossos e que ao primeiro chamado, percebido até no fascínio e no encanto, não poderá deixar de seguir um segundo purificado pela prova e até pelo fracasso [...] (FORTE, 2018, p. 25. 40-41).

Estas luzes nos mostra a experiência de Francisco que é, inicialmente, uma experiência do humano e de encontro com o humano, encontrando-se com o humano, aí encontra Deus, e é aí que Francisco quer ser o melhor por toda a vida. E mais não basta ser, é preciso ser o melhor, dando o melhor de si. Este modo de viver o seguimento começa a atrair outros irmãos e irmãs a desejar viver como ele, e como



percebe-se veem pelo hábito e pela vida, um despojamento do viver tudo como dom e graça, e dessa “inspiração originária”, vem tudo como a luz do encontro do Crucificado na cruz e no Evangelho um novo modo de viver o Santo Evangelho em fraternidade, os chamados “penitentes de Assis” e como deveriam se portar (Cf. AP V,19,1-12). Eis a gênese do que se tornaria a Ordem dos Frades Menores, “tendo optado viver segundo [...] o santo Evangelho, no seguimento das pegadas de Jesus [...], encontram-se [...] Francisco e seus irmãos ao lado dos excluídos, com Jesus” (SANTANER, 1993, p. 42) como fez por toda a vida.

O segmento de Cristo deverá ser sempre o critério por excelência do discernimento a ser feito pelos irmãos, especialmente nos momentos de dúvidas, como ele aconselhou frei Leão a fazer, na singela carta que lhe escreveu: “qualquer que seja o modo que te pareça melhor, agradar ao senhor Deus e *seguir suas pegadas e sua pobreza*, que o faças com a bênção de Deus e a minha obediência” (GOMES, 2022, p. 38).

Logo, mais perfeitamente vemos no encontro com o Cristo nas três passagens proclamadas que destaca o envio dos apóstolos e discípulos aos pobres “se quiseres ser perfeito vai, vende tudo o que tens dá-o aos pobres” (Mt 19,21), o despojamento de quem sai em missão “não leveis nada no caminho” [...] (Lc 9,2) e o renunciar a própria vida “quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 12.24), tudo isto tornando, o seguidor um perfeito mensageiro da paz “a paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21), como sendo o modo de perfazer o caminho do seguimento como se tornar um verdadeiro seguidor do Mestre Jesus. Por isto:

As dimensões fraterna e missionária expressas no mandato de anúncio do Reino e da paz que os apóstolos devem realizar não individualmente, mas dois a dois. Tais dimensões explicam por que desde a origem vigora, na Espiritualidade Franciscana, uma unidade indissolúvel entre vocação e missão, entre vida evangélica e missão evangelizadora. [...] Isto explica por que, já naqueles primeiros encontros com o Evangelho, Francisco pôde afirmar com tanta convicção: “Irmãos, esta é a nossa vida e regra e a todos os que quiserem unir-se à nossa companhia” (LTC 29,8; cf. AP 11,5; LM III,3,9) e, no final da vida, mantendo a mesma convicção, pôde declarar: “ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou a forma do Evangelho” (Test 14) (GOMES, 2022, p. 43).

Deste modo a vida franciscana colocou em prática aquilo que sempre foi o exemplo de sua mística e espiritualidade, ou seja, que Francisco de Assis perante o

estímulo e iluminação da Palavra de Deus se dedicou ao conhecimento do Evangelho e traçou metas para sua vida e de seus irmãos, tendo como referência o ensinamento e a vida de Jesus Cristo. Percebemos, que Francisco nos chama a atenção para que:

Irmãos todos, prestemos atenção ao bom pastor que para salvar suas ovelhas, suportou a paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade na tentação e em outras coisas mais; e, a partir disso, receberam do Senhor a vida eterna. Daí, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito as obras, e nós proclamando-as queiramos receber a Glória e a honra (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 98-99).

Inúmeras vezes Francisco alude ao tema a partir de sua experiência que se torna o ponto de partida para reconhecer a importância deste caminho que exige de nós comprometimento e vivência evangélica, buscar na Paixão do Senhor, seu modo de vida, que o seguimento exige comprometimento e não somente espalhar os feitos dos homens santos, mas fazer como e segui-lo.

Em praticamente todos os manuscritos e traduções dos Escritos de Francisco dá-se a esta Admoestação o título de a imitação de Cristo. Porém, como é sabido, os títulos das admoestações não lhes foram dados por Francisco, e sim pelos copistas. Ademais, no texto não encontramos nenhuma vez o substantivo imitação, nem o verbo imitar, mas somente o verbo seguir, de modo que o título mais apropriado para essa *Admoestação* deveria ser: *O seguimento de Cristo* (O que foi feito na última edição das Fontes Franciscanas em italiano, que traduziram como: “*La sequela del Signore*” (O seguimento do Senhor)<sup>4</sup>. Independentemente disso, o que nos interessa é o que Francisco ali entende por seguimento. Em primeiro lugar, chamando a atenção para a pessoa de Jesus Cristo apresentado na sugestiva imagem joanina do bom pastor, ou seja, como aquele capaz de dar a vida por suas ovelhas para salvá-las (cf. Jo 10,11), Francisco evidencia a iniciativa divina à qual o segmento cristão representa a resposta. De fato, assim como a salvação nos foi oferecida pela paixão e morte de Cristo na cruz. Para o Poverello, o seguimento dele se verifica sobretudo nas experiências humanas, de sofrimento e de provação, algumas das quais citadas na admoestação (cf. Ad 5,2) que, numa perspectiva de fé, são compreendidas como expressões da cruz de Cristo na vida dos seus discípulos e discípulas (Gomes, 2022, p. 39).

O que vemos a partir desta admoestação é que Francisco se torna um cristão radical no sentido de que ele abraça plenamente sua identidade cristã, seguindo o Evangelho de forma literal. Abraçando a cruz ensina-nos, portanto, que não temos

---

<sup>4</sup> C.f. *Fonti Francescane* (Ernesto Caroli (org.)). *Pádova: Editrici Francescane*, 2011, p. 111.

que fazer mais nada do que desejar a conformação e o seguimento de Cristo. Este é um dos elementos centrais da espiritualidade franciscana. Portanto:

Pôr-se, sem condições, ao serviço do Senhor crucificado transfigura todo o ser e modo de viver de Francisco e se irradia espontaneamente em relação aos outros, inspirados numa regra exigente, entendida em adoração aos pés da Cruz, meditando sobre o perdão oferecido por Jesus aos que o crucificavam: “Quem não ama um só homem na terra a ponto de tudo lhe perdoar, não ama a Deus”. É assim que o estilo de vida do Poverello começa a perturbar a lógica comum e a suscitar, junto com a admiração e a imitação, inquietudes e resistências. Francisco, porém, não se deixa perturbar por nada e por ninguém e vai adiante no caminho a ele indicado pelo crucificado (FORTE, 2018, p. 31).

Francisco desde que começou o caminho do seguimento soube que teria de pagar o preço exigido de se tornar amante de Jesus e ao entrar na escola de Jesus crucificado e de seu seguimento se vê num caminho de união crescente e profundo, aprendendo todos os dias de forma mais radical o princípio da humildade. Tornando-se cada vez mais não um imitador, mas aquele que respondeu o chamado “vem e segue-me” (Mt 19,21), e amigo dos infinitamente pequenos contemplados em Jesus. Portanto vemos em seu abandono humilde, amoroso e confiante ao Senhor, caminho de plenitude do seguimento de Cristo visto na confirmação dos votos Evangélicos abraçados por Francisco e seus irmãos. Assim:

O seguimento de Cristo através da prática dos conselhos evangélicos é elemento essencial de toda forma de profissão religiosa: que se torna mais autêntico e válido na medida que exprime a união sponsal entre Cristo e a Igreja: — Francisco realiza a “graça de começar a fazer penitência” dedicando-se inteiramente ao seguimento de Cristo: na linha de ação traçada pelo Evangelho, no que se referia à missão dos apóstolos: e que Francisco explicita como sendo “viver segundo a forma do Santo Evangelho”: — o seguimento é a motivação teológica fundamental da escolha dos três conselhos evangélicos, na escuta-obediência do seu convite; também, o celibato-virgindade existe por esta necessidade do seguimento e conformidade: o motivo é o fascínio por Cristo, que se torna desejo ardente em Francisco [...]: viver o seu amor ao ponto de doar a vida na cruz, para unir todos em Deus; — Para Francisco, a virgindade é também uma forma de pobreza para possuir e unir-se unicamente à Cristo [...] Francisco descobre o “caminho” de Cristo — O seguimento é a inspiração carismática que leva Francisco à conversão e constitui a sua verdadeira engrenagem, chega a entendê-la a partir do Evangelho, onde descobriu sua vocação e se percebe como um homem verdadeiramente livre, em posse da liberdade dos filhos de Deus; — e reconhecendo com alegria ao chamado ao seguimento da vida do Evangelho, coloca-se em atitude de completa escuta e de obediência, decidido a ser simplesmente servo do Senhor. Disposto a partir de então, a ter os mesmos sentimentos e a mesma paciência de Cristo pela Salvação das Almas (CAROLI, 1999, p. 931).

Vale enfatizar que Francisco não foi uma pessoa que abraçou o “*vivere sine proprio*”, casto e obediente para ser uma pessoa mortificada ou asceta. Mas, procurou viver os votos evangélicos como caminho de não apropriação para viver um caminho para a fraternidade e minoridade. Logo:

O seguimento de Cristo se revela a Francisco como a resposta-dom à sua incansável oração para saber “o que nele e dele poderia ser mais agradável ao eterno rei” e consiste na vontade de viver a verdade, que é Cristo, isto é, conhecer a verdade fazendo-a com espírito destemido, escolhendo Cristo como único Mestre, como o “caminho da salvação”. — Na oração que fazia preceder ao Ofício: “Onipotente eterno [...]”, Francisco manifesta qual fora a busca de todos os momentos da sua vida: “descobrir aquilo que Deus quer para poder seguir Cristo e chegar a Deus”: é a oração do seguimento, a oração daquele que quis em todo o momento, ser discípulo de Cristo. Para poder realizar o segmento, Francisco se despoja de tudo, enamorado da Senhora pobreza; e a pobreza o conduz a Cristo; — o seguimento se conclui com a libertação total, primeiro do mal e depois, positivamente na autodeterminação na direção do bem, isto é, na adesão a vontade de Deus-Amor. Ao lado do Evangelho da missão, a tríplice abertura do missal de São Nicolau é o momento decisivo do seguimento, agora para Francisco e toda a sua ordem, exatamente neste momento Francisco diz a Bernardo e a Pedro: “Eis a nossa vida e regra, e de todos aqueles que se unirem a nós”, isto compreende: despojamento de todos os bens, sair a anunciar a penitência a todos os homens sem levar nada consigo para a viagem, renegar a si mesmo e seguir Cristo carregando a sua cruz; — Francisco completará o seu seguimento na conformação também física do amor-dor de Cristo na Cruz para a salvação das Almas, conforme seu pedido no Alverne, tendo para isto recebido ainda a inspiração da Palavra de Deus. Tal seguimento exige a observância total do evangelho. A pobreza integral e a Caridade da comunhão fraterna que os frades manifestaram também no apostolado, enquanto Clara manifestá-lo-á no seu aspecto contemplativo-adorante-sacrificial (CAROLI, 1999, p. 931).

Portanto, percebe-se que no seguimento de Cristo pobre e crucificado resposta e dom ao mesmo tempo, Francisco encontra elementos que o levam a trilhar o caminho da salvação que ao estar neste processo de encontro com Deus, consigo mesmo e o próximo, se dá um caminho de “discernimento” de vida e conversão, de busca da plena e perfeita alegria. Concluindo:

A essência do seguimento franciscano é, portanto, a observância do Evangelho e significa “*observar a humildade e a pobreza de Cristo*”; não busca tanto, virtudes abstratas, mas uma pessoa que chama a partilhar aquele que, em referência à eucaristia é chamado de “a humildade de Deus”. É a contemplação e partilha da humildade-pobreza-caridade de Cristo que se refletem na encarnação-paixão-eucaristia. Clara, exprime a mesma fé ardente e doçura de contemplação através da imagem do espelho do Cristo crucificado. “Também o sair a pedir esmola”, o recorrer à “mesa do Senhor”, é, para Francisco, um modo de seguir Cristo, a sua humilhação, pois ele viveu de esmolas juntamente com seus discípulos (CAROLI, 1999, p. 931-932)

Desta maneira, como dizem as primeiras biografias, Francisco não tem fé, mas se deixa possuir por ela, e ao estar possuído por algo, você está à sua mercê se torna um com ela. Sendo assim, vemos neste seguimento o contemplar da fé que é a exteriorização da experiência de Deus na vida todos os dias, de forma tão natural que se configura como parte de quem somos. Assim, a Espiritualidade Franciscana conseguiu orientar e incitar tantos outros ao caminho do seguimento e no serviço de despojado, definitivamente escolhendo viver de acordo com o projeto evangélico expressando toda a plenitude do Evangelho para viver na Perfeita Alegria, que discorreremos a seguir.

## 2.2 A VERDADEIRA E PERFEITA ALEGRIA

Como vimos, Francisco de Assis fez um longo caminho de compreensão e aceitação da condição humana e frágil, fez o caminho de sair dela, saindo da devoção a cruz a Paixão do Senhor. Desta maneira acaba sendo:

Na Igreja de seu tempo e ainda o é em nossos dias, um exemplo profético da atitude essencial que leva à união de todos os cristãos numa única Igreja, numa Igreja católica: o incansável seguimento de Cristo, da perfeição do Evangelho, conforme foi vivida por Cristo, que revela ao mundo aquilo que é verdadeiramente o cristianismo (CAROLI, 1999, p. 932).

E aqui começamos a reconhecer o caminho feito e compreender a essência deste caminho que até hoje é essencial para nós que nos mostra como ser incansáveis no seguimento de Cristo na perfeição evangélica e de nos conformar a viver como Cristo. Isto tudo para nos levar a sermos cristãos ao modelo do mestre Jesus, assim é o caminho que traçaremos para compreender o que é a perfeita e a verdadeira Alegria que vem do Senhor. É nessa experiência que vemos Francisco que se mantém mais profundamente na busca de ser um seguidor de Jesus Cristo numa autêntica busca pela essência de Deus.

E Francisco se fez “como a pobreza e na pobreza, a alegria (*letízia*) [...] a expressão da concepção franciscana da vida [...]; algo de [...] diferente, da [...] alegria banal, bem mais profundo e duradouro” (CAROLI, 1999, p. 803). Sempre corre o risco de confundir a alegria e a leveza da vida que buscamos que nasce da pobreza e do despojamento, que muitos chamam felicidade com uma felicidade fragilizada,

banalizada e ligada a bens supérfluos e passageiros. Aí a dificuldade, que muitos confundem com ausência de felicidade, com desespero e desesperança como fim da vida, mas para Francisco e cada um de nós deve nos proporcionar amadurecimento, enriquecimento, qualidade de vida e conseqüentemente abraçar a verdadeira e perfeita Alegria.

Percebe-se uma apreensão que sempre acontece, conscientemente ou inconscientemente. Francisco percebe que as questões que muitas vezes são chamadas experiências negativas, de tristeza na verdade não são negativas e não determina uma vida de tristeza lembremos de quando foi considerado “como a um louco, porque, mesmo lançado no cárcere, se alegrava” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 792), assim se vê que é apenas a forma que nos relacionamos com elas que dá aquela conotação, pois não se tem os elementos necessários para enfrentar a situação para extrair sua essência. Aqui podemos reconhecer a origem e causa da Alegria Franciscana que nasce da:

Virtude proclamada, juntamente com a afabilidade e cortesia, pela cultura cortês, para Francisco, ela tem certamente a sua fonte no seu caráter: emotividade, homem de ação, de ambição, do “concreto” e que personaliza todas as relações. A conversão questiona todos esses valores, sem destruí-los, e lhes oferece um centro que unifica: Cristo, que é o verdadeiro bem; — desde a conversão até o fim da sua vida, se percebe um crescimento progressivo dessa alegria: cavalaria, serviço aos leprosos, revelação da vontade divina, nome de Deus; ela se apresenta ainda maior por estar unida à pobreza, sofrimentos, tristezas, partilha com os pobres, e atinge os seus momentos mais intensos quando, o homem novo, escuta a cítara evangélica, empenha-se totalmente em concretizar esta vontade divina, experimentando alegrias e tristezas, como se fossem uma só coisa, na contemplação do Serafim crucificado, abandona-se na criação artística (CAROLI, 1999, p. 803).

O que vale ressaltar é a forma como são realizados estes atos humanos concretos. Que ao serem questionados por Francisco de Assis se tornam alimento de conversão, pois se não nos conhecemos, somos aprisionados por nós mesmos. Por detrás de tudo, vemos que para concretizar o encontro da perfeita alegria está em algo a ser visto de perto, olhado com carinho, trabalhado com atenção. Se não fizermos isto corremos o risco de usar máscaras para cada situação. A bondade e esse ideal de inocência são algumas destas máscaras. E foi no despojamento e no encontro da vontade de Deus consumada na visão do Serafim que Francisco se libertou de todas as máscaras.

Mas, em determinado momento de sua história bem antes da consumação do amor no Monte Alverne, Francisco foi capaz de abraçar o leproso, neste encontro vemos um jovem que consegue se reconciliar com tudo aquilo que traz em si e que na verdade não era capaz de aceitar. O encontro com o pobre, o leproso é, na verdade, o encontro com o que somos. O ser humano não foi feito para o ter. Um arbusto não precisa ser, enquanto fim ele já é. Enquanto fim, uma pedra é. Enquanto não somos, não nos realizamos. E qual o melhor exemplo senão o próprio que foi dado por Francisco a frei Leão<sup>5</sup>:

Cai a tarde de inverno impiedoso, Francisco e Leão sob a neve caminham. Vão voltando à Santa Maria, com fome e com frio, ao final de outro dia. Frei Leão vai à frente ligeiro. Frei Francisco o chama e lhe diz. Frei Leão toma nota se queres saber o que é a perfeita alegria. Se nós tivéssemos a graça de Deus de pregar o Evangelho e a Cruz. E por obras e exemplos pudermos levar a Jesus. E convertermos os homens à Fé, até mesmo os de mal coração. Frei Leão isto ainda não é a perfeita alegria. Imagine Leão que Deus tenha nos dado a graça de a todos curar. De fazer ver a cegos, a coxos, andar, surdos, ouvir e mudos, falar. E que até os demônios fugissem ao comando de nosso olhar. E que os mortos nós ressuscitássemos, isto não é a perfeita alegria. E se falássemos todas as línguas com o dom de bem comunicar. Transformando os reinos da terra em reinos de paz. E se soubéssemos toda a ciência, e os segredos da terra e do mar. Frei Leão isto ainda não é a perfeita alegria. Mas, então, Pai Francisco, o que é a perfeita alegria? Se chegarmos ao nosso convento e batermos depressa esperando entrar. E o porteiro do lado de dentro ao invés de abrir põe-se assim a falar. Quem sois vós que assim importunos nesta hora nos incomodais? Somos nós, teus irmãos, Frei Leão e Francisco que chegam e querem entrar. E Frei Leão, se o porteiro disser que é mentira e que não abrirá. Que encontremos um outro lugar em um canto qualquer. E se nós diante da porta fechada, sob a noite e a neve que cai. Conservarmos a paz, isto é, a perfeita alegria. Mas se nós insistirmos em pranto que abra e que tenha piedade de nós. Pois com fome e tão necessitados na noite, não temos consolo e lugar. E se então o porteiro sair, empunhando o bastão e gritar. E bater em você e em mim, muito mais, nos deixando no chão a chorar. E Frei Leão, se for Deus quem tal faz, que nos deixa na noite e na cruz. Se entendermos que este abandono imita Jesus. E se nós diante da porta fechada, sob a noite e a neve que cai. Conservarmos a paz, isto é a perfeita alegria<sup>6</sup>.

Com esta narrativa verificamos que a perfeita alegria, se constitui no ponto de chegada no processo de asceticismo de Francisco. Seja porque esta terminologia representa a alegria franciscana, pois representa cada passo de sua conquista no caminho de Assis em busca do reino. Verifica-se a tomada de consciência da

---

<sup>5</sup> (Cf. AtF VII,1-20)

<sup>6</sup> SUSIN, Luís Carlos. Perfeita Alegria. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/jufra-do-brasil/perfeita-alegria/letra/>. Acesso em: 02 agosto 2022.

amplitude da vontade de Deus, e sua grande resposta ao Amor que o chamou. Mais ainda onde Francisco vê a realização de sua vida senão em “gloriar-nos na cruz da tribulação e da aflição, porque isso é nosso. Por isso, diz o apóstolo: Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (Cf. Gl 6,14)” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 1134). Como percebemos a perfeita Alegria que Francisco anuncia, nada mais é do que querer apreciar a doçura da cruz, doçura esta, que é júbilo do coração, transforma e unge no espírito com o bálsamo da Alegria. Para tanto:

Quando o coração está transbordante dela, canta em francês. Para conservá-la intacta, Francisco sabe que deve trazê-la sempre unida à pobreza, pois “pobreza com alegria afugenta toda avareza e ambição”, que são as fontes da angústia do querer possuir, e por isso, ele e os seus seguidores tornam-se homens verdadeiramente livres, e se satisfazem só com Deus, e querem conquistar os outros homens com o seu canto jubiloso [...]. A Alegria de Francisco é espontânea, contrária a toda forma de melancolia ou tristeza, que Francisco considera “hipocrisia” para o servo de Deus, que é possuído por Deus. Não encontra obstáculo na natureza da qual reconhece Deus como seu único criador e a sua alegria abraça toda a criação, e exatamente no momento em que os seus sofrimentos chegam ao cume, encontra a inspiração para compor o Cântico: — Isto é a maior prova de que o manancial, de onde retira sua força é a íntegra e autêntica pobreza, que é a plena posse de Deus, ele desvela no mundo a presença de Deus, da qual goza livre de todo o desejo de domínio: e ele na alegria, pobreza e simplicidade se funde com Deus (CAROLI, 1999, p. 803).

O que podemos tirar de lição desta, que a alegria anunciada é que se observamos com fidelidade o que nos ensinou Cristo e somente com Cristo viver e seguir seus ensinamentos. Podemos como Francisco a partir de uma vida de penitência ter a certeza de orientar-nos para um único movimento que é mergulhar na caridade de Deus, que toma posse de tudo e de todos. Pois este que dá a nós um sentido perfeito e uma alegria duradoura que transforma a vida que é jubilosa cheia de graça e que torna as dificuldades fonte de salvação, queremos, pois, submeter-nos a esta perfeita alegria. A alegria de Francisco vai além de tudo da humilhação, da pobreza, da tribulação, do sofrimento e da morte. A alegria de Francisco é se colocar cada vez mais na experiência de viver na paz e no amor de Cristo, pela necessidade de estar com Ele, tendo a consciência de que nesta imitação fazemos o seguimento perfeito de Cristo.



Portanto, para Francisco, a alegria perfeita é aquela que através do sofrimento, nós sofremos com Cristo, e este sofrimento nos torna participantes de sua Glória, que é a revelação suprema do amor de Deus. É também a pura felicidade na fé, antes de fazer parte na alegria de Jesus. Nos levando a receber o fruto mais bonito da espiritualidade que é a Alegria perfeita estendida a toda a criação por Cristo. Assim, perfizemos o caminho do seguimento em Cristo por Francisco que nos dá o caminho seguro e acabamos de compreender como a partir da verdadeira e perfeita alegria Francisco se encontrou plenamente o Cristo crucificado e este se tornou fonte de vida. agora veremos como todo este caminho culmina na vida de oração que leva ao lugar do coração.

### 2.3 DA ORAÇÃO AO SENHOR

Verificando como foi o caminho de seguimento de Cristo trilhado por São Francisco de Assis. Percebemos que o eixo central da sua existência é a oração. Em sua experiência com Deus este foi tão transfigurado que nada em sua vida foi desconectado dessa verdade. Francisco busca encontrar-se com o outro em sua essência, não para na superficialidade, mas toca a alma das pessoas porque elas são tocadas pelo Deus Altíssimo e Glorioso, como mesmo diz em suas orações. Vemos isto na sua oração diante do crucifixo de São Damião:

Altíssimo e Glorioso Deus, Iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, uma esperança certa e caridade perfeita, Sensibilidade e conhecimento, ó Senhor a fim de que eu cumpra o vosso santo e veraz mandamento (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 157).

Sua experiência de oração é feita a partir da referência ao Deus Altíssimo, conceito da cosmovisão de sua época, mas aponta especialmente para a descida de Deus, na realidade imediata, na apresentação humildade de Deus, presente na encarnação, eis aqui o grande presente de sua descida. Ao mesmo tempo Francisco apresenta a imagem do Deus glorioso, pois para Francisco, este atributo, a glória de Deus, é a manifestação e irradiação da divindade, de sua beleza de sua bondade em toda obra criada, especialmente nas criaturas mais humildes que a partir da fé, esperança e caridade se põe a fazer a vontade do Senhor.

Percebe-se que Francisco pede ao “onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus” a graça de “seguir os passos” de Jesus Cristo, indicando a importância do segmento de Cristo na sua espiritualidade, pois, para ele, o evangelho não significa simplesmente um livro, um conjunto de doutrinas ou um código moral, mas, o testemunho da própria vida de Jesus, uma pessoa com a qual ele se relaciona, convive e caminha. De fato, enquanto a maioria dos autores medievais fala mais de imitação, Francisco prefere a linguagem do segmento, uma vez que o termo imitação possui, quase sempre, um significado mais estático, ou seja, um sentido de reprodução externa de gestos e falas que podem, muitas vezes, não afetar a pessoa na sua interioridade. Já o termo segmento, por sua vez, tem um significado mais dinâmico, incidindo na profundidade do ser humano, enquanto procede de convicções e opções livremente realizadas. Além disso, o conceito de segmento relacionado a Jesus Cristo, implica um sentido ainda mais dinâmico, enquanto cria uma tensão positiva entre o(a) discípulo(a) e um mestre que se autodefiniu como “o Caminho” (Jo 14,6), como bem o compreendeu, Claro, em seu testamento, quando afirma que “o filho de Deus fez-se para nós o Caminho. Que nosso bem-aventurado o pai Francisco, que o amor e seguiu de verdade, nos mostrou e ensinou por palavra e exemplo” (TestC 5) (GOMES, 2022, p. 37).

Encontrar-se com o Senhor é para Francisco a maior de todas as buscas, o maior feito, a maior alegria e saber que se tem em ver na “*Lex orandi*” ou seja na lei da oração que para a Espiritualidade Cristã e Franciscana se dá no presépio, na cruz e a Eucaristia que se tornam os lugares privilegiados do encontro de Francisco com Cristo. E qual Cristo senão, o Cristo Pobre ou o Pobre Cristo, que despojado de tudo, nu e na cruz, se torna a lente através do qual o mundo, o homem e Deus são contemplados e compreendidos, e nestes lugares se revelam a importância de reconhecer o rosto pobre de Jesus nos pobres. A partir desta reflexão se vê claramente a sequela Christi, centro de toda a vida de oração, que conduz o orante a uma atitude e um jeito de vida que se apoia na absorção ou identificação com a pessoa de Cristo. Por isto:

Francisco não usa o substantivo seguimento nos seus *Escritos*, nem conformidade ou imitação. Aos substantivos ele prefere os verbos, o que revela o seu forte senso prático, o seu modo muito concreto de pensar. Francisco usa bastante o verbo “seguir”, por dezenove vezes, quase sempre num sentido cristológico. Por exemplo, logo no início da *Regra não Bulada*, o *Poverello* afirma que a forma de vida dos Frades Menores consiste em “viver em obediência, em castidade e sem propriedade e em *seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo*” (RnB 1,1), como que sugerindo que toda regra deve ser interpretada na perspectiva do seguimento de Jesus Cristo enquanto proposta de diferentes concretizações do mesmo. Em outras palavras, o que a *Regra* prescreve sobre a oração, o trabalho, o relacionamento entre os irmãos, a missão e tudo mais tem sempre como razão de ser e finalidade última o seguimento de Jesus Cristo, visto uma vez que tudo deve ser observado por causa e em vista dele (GOMES, 2022, p. 38).

O que podemos aprender senão que seguimento é uma atitude da mesma forma que a oração de ser, porque a sensibilidade que Francisco teve, produz a capacidade de compaixão, empatia e misericórdia que o leva a estar no lugar do outro e que a fé profunda produz esses frutos. Logo, toda a oração de Francisco tem o Pai como o centro, Cristo é o irmão e, conseqüentemente, Deus é Pai de todos. Portanto, o Deus de Francisco é a imagem de um Pai amoroso e presente. Para tanto, Francisco dá testemunho do Cristo encarnado, pobre e sofredor, revelando-O a todos. E em Cristo se dá a fonte de toda a nossa dignidade, conforme aponta na Admoestação 5: “Preste atenção, ó homem, à grande excelência em que te colocou o Senhor Deus, porque te criou e te formou à imagem de seu dileto Filho e à sua semelhança, segundo o Espírito” (cf. Gn 1,26) (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 98).

O Poverello percorreu um longo e maravilhoso itinerário em seu relacionamento com Deus: há os suspiros profundos de insatisfação com a sua vida quando é chamado a dirigir-se a novos horizontes; percorre as planícies onde estão seus irmãos os homens, mormente seus irmãos na vocação de seguimento do senhor e da forma do santo Evangelho a essa comunhão constante amorosa com o senhor Jesus passa pela exaltação da bondade do criador [...] que atinge o pícaro mais solene da configuração do Santo a Cristo Jesus no alto do Tabor franciscano que é o Alverne. Ali Francisco poderia efetivamente dizer com Paulo: “já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20) (CEFEPAL DO BRASIL, 1993, p. 11).

Foi no caminho de uma vida de oração e contemplação que Francisco consumou o amor e a experiência em Deus que traz a ele a compaixão e a misericórdia de encontrar no outro o Deus Altíssimo o Sumo Bem. A notável experiência da espiritualidade de Francisco de Assis está em seu amor por toda a criação, assim, a experiência de encontro com Deus em que Deus é o princípio fundador da mudança de vida de Francisco humano e necessitado de Deus. E o que vemos na vida de configuração de Francisco em Cristo senão, uma vida dinâmica nascida da oração, não uma oração mecânica, mas aquela que brota da experiência mais profunda do seu ser. O mistério da oração do Poverello se dá na:

Oração trinitária, oração cristocêntrica, oração diante da eucaristia e do crucificado, prece de união, oração no meio do mundo, exaltação do Senhor com e pela criatura, desejo de habitar no silêncio dos montes e nas fendas das montanhas, oração na fraternidade, oração com o corpo, zelo em não se perder o espírito da oração e da devoção (CEFEPAL DO BRASIL, 1993, p. 7).

Mas por que vemos o mistério da oração de Francisco a partir destes modelos citados acima, porque vemos em Francisco aquilo que Tomás de Celano diz: “Transformado não só em orante, mas na própria oração (*totus non tam orans quam oratio factus*), unia a atenção e o afeto num único desejo que dirigia ao Senhor” (2Cel 95). É neste homem feito oração que vemos o caminho, é que Francisco começa a despojar-se das glórias mundanas e de desejar aquilo que vem de Deus satisfazer-se na profundidade do amar assim vemos em Francisco que reencontra o caminho do coração e se dirige às regiões mais profundas do seu ser, buscando refazer o caminho buscando tornar-se solo fecundo aqui vemos o mistério de Deus em Francisco que se coloca nas mãos e no coração do Senhor certamente maravilhas foram feitas na vida de Francisco que teve a coragem de despojar-se de si mesmo, de toda a sua vida dos seus projetos e planos à vista de abraçar o inesperado de Deus.

Francisco experimentará durante toda a sua vida uma imperiosa necessidade da oração silenciosa e de espaços de recolhimento. A vida e a trajetória de Francisco são pontilhadas de lugares ermos e de eremitérios. Descobre o gosto pelo silêncio na vetusta e arruinada capela de São Damião. Mais tarde as Clarissas viveriam ali intensíssima contemplação silenciosa [...]. Lugar de silêncio e de oração era o Alverne, pícaro de sua vida de união com Deus monte da transfiguração dolorosa desse amante de Deus. Desejou sempre com grande intensidade a vida eremítica. Queria o retiro exterior nos bosques nas fendas dos rochedos e nas capelas abandonadas. “Quando rezava nos matos e nos lugares desertos, enchia os bosques de gemidos, derramava lágrimas por toda a parte, batia no peito e, achando-se mais escondido que num esconderijo, conversava muitas vezes em voz alta com o seu Deus. Respondia ao juiz, fazia perguntas ao pai conversava com o amigo brincava com o esposo” (2Cel 95) (CEFEPAL DO BRASIL, 1993, p. 13-14).

Vemos na experiência de vida de oração de Francisco as longas intermináveis jornadas do se encontrar com o Senhor. São Francisco foi acolhendo a visita do espírito, aquele que vem falar, que toca sua vida, assim Francisco acolhe este mesmo espírito que dá forças e se torna sustento aos que necessitavam. A oração não é o que fazemos, mas uma acolhida do que damos ao Senhor, pois o orante é aquele que permite que Deus se aposses de sua vida e faça nela a sua vontade. Sendo o juiz, o esposo, o amigo, o pai, o caminhante, aquele que aconselha tornando um para com o outro. Por isso, Francisco não é mais o dono de sua história, mas o próprio Senhor que caminha com ele e o ensina a trilhar o caminho do Alverne, da expropriação, do amor-doação da oração que nasce do movimento e do ser relação com Deus Trindade comunidade de amor.

Logo, vemos nos escritos do próprio Francisco, algumas orações por ele elevada ao Altíssimo e glorioso Deus, a saber: Oração diante do crucifixo de São Damião (OC), adoramos-te (Test 5), Louvores Ao Deus Altíssimo (LD), Bênção a Frei Leão (BnL), Benção a Frei Bernardo (BnB), Exortação ao Louvor de Deus (ExL), Paráfrase ao Pai Nosso (PN), Louvores de Deus nas Horas Canônicas (LH), Cântico do Irmão Sol (CC), Ofício da Paixão (OP), Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria (SM) e Saudação às Virtudes (SV). Todas estas orações nasceram da íntima relação de Francisco, de todos os momentos de introspecção, contemplação, horas de meditação e escuta da vontade de Deus, sendo fonte da espiritualidade franciscana nos dias hodiernos.

A pouco contemplamos o mistério da bondade de Deus que toca a vida de Francisco através do crucificado na oração diante do crucificado de São Damião. Agora falaremos um pouco sobre a oração “Nós vos adoramos” (Adoramos-te) que se encontra no Testamento de São Francisco, onde ela nasce da experiência espiritual de Francisco.

A oração de Francisco é o lugar onde se revela o seu modo de ser mais autêntico, mais límpido, menos traído. É em suas orações que aparece o seu lado místico e missionário. Não existe um contemplativo sem uma missão específica; e Francisco sempre reza uma prática, um projeto de vida [...]. Francisco consegue como ninguém harmonizar o lado contemplativo, o lado prático, a pregação [...]. Em Francisco andam juntas oração, ação, contemplação, apostolado, missionariedade, mística [...]. Suas orações devem ser lidas refletidas e rezadas sob a ótica do apostolado e da contemplação. Buscar a força de Deus encher-se de fervor e depois expor-se (CEFEPAL DO BRASIL, 1993, p. 53).

E partindo do pressuposto que Francisco se torna homem de oração e na oração, busca-se ver em sua vida, o esforço de ultrapassar seus limites, experimentando as verdades e exemplo da vida de Jesus tornando-se um com Ele de força física e mística, isto é, transpassado na oração da adoração universal. O “Nós vos Adoramos” se encontra no testamento de São Francisco e demonstra toda a intimidade de Francisco com o Senhor. Porque no recordar, no ver e observar, nascem as imagens e as convicções deste homem que é sensível às coisas que se coloca na disposição de viver e de estar com o senhor. Vejamos: “Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo o mundo, e vos bendizemos, porque, pela vossa santa cruz, remistes o mundo” (Test 5). Como não

mergulhar nesta simples oração em que Francisco demonstra a sua íntima relação de mudança de vida. Vemos nesta oração um homem que prostrado e devoto, nos momentos de impacto e de renovação, momento de crise e de decisão, transparece a fala da Cruz. É o próprio Senhor que lhe convoca para a reconstrução da igreja e de sua própria vida.

Nesta oração percebemos a certeza de seu despojamento e expropriação, ali Francisco se encontra como o Senhor que torna possível uma vida de simplicidade e humildade. De acordo com Beckhäuser (BECKHÄUSER, 2015) citando Celano, ele não era simplesmente um orante, mas um homem feito oração, aqui compreendemos a realização da maior expressão da vocação última do homem já iniciada neste mundo a da comunhão de vida, de amor e de felicidade em Deus. Esta comunhão não é meramente uma união ou mesmo uma relação, mas constitui-se uma unidade entre Deus e o homem, já não são dois, mas “uno” não há perda de identidade, mas uma só unidade.

Deus é sempre o criador que em sua infinita bondade se torna agente de amor, o puro amor para com aquela criatura que ele gerou limitada, mas que se põe totalmente aberta a uma relação de unidade de amor. Por isso, todas as formas de oração devem constituir verdadeiramente de uma saída de oração-resposta para oração-comunhão. Aqui percebe-se o agir de Deus na vida de Francisco e sua resposta na relação do olhar a Igreja e a cruz, sendo o lugar onde o se encontra com o crucificado e ali ver sua infinita bondade o “Sumo Bem”, Todo o Bem e naquele lugar se ajoelhar se pôr na humildade do servo que ausculta o chamado e de coração aberto se põem a servi-lo. Logo, a grandeza do amor a Deus e ao próximo vibra em Francisco celebrado a todo momento com reverência e devoção.

Para concluir Francisco é aquele homem que encontra na cruz a motivação e aos seus pés, se vê prostrado. Recuperando todo o seu modo de ser e de viver. É esta cruz, o centro das atenções e do afeto de Francisco da mesma forma que a oração, Pois, a partir da contemplação do crucificado temos aqui o Cristo que se torna a força motriz, para a renovação de vida. É nesta força que Francisco encontra o caminho para reconstruir a igreja.

Logo, a oração na vida de Francisco se torna o seu modo de ser, é aqui que se encontra o nascer da vida do Cristo que é o ponto fulcral de Francisco, o novo convertido. É na cruz que vemos a imagem do ser humano redimido, é na cruz que

vemos a força transformadora que levou Francisco a reconstruir, a resgatar e ser instrumento na vida dos irmãos. Por isso, nós vemos na verdadeira devoção o tudo que salva, conserva, fortalece. Que encarna o modo de Francisco de orar, sendo na prece, a forma de uma oração bem simples, descomplicada, pobre, límpida e livre a sua originalidade.

Deste modo, Francisco ensinou um novo modo de “*sequela Christi*”, motivou a viver uma vida de conformação e de abraçar a verdadeira e perfeita Alegria, o Cristo pobre e crucificado, e por fim por meio da oração contribuiu muito para a popularização de tantas formas de religiosidade popular ele ampliou e encarnou o presépio, a eucaristia, a cruz e sacramentos, e nasce desta, uma espiritualidade Cristã/Franciscana como um modo de ser o caminho do cristão redimido e os valores tão caros a vida franciscana entre eles a fraternidade e a minoridade que serão apresentados no próximo capítulo.

### **3 A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA DA CRUZ FONTE PARA A VIDA DE MINORIDADE E FRATERNIDADE NA VOCAÇÃO E MISSÃO FRANCISCANA**

Havendo trilhado as dimensões do escutar e do discernir, principia-se o momento de oferecer algumas proposições no que diz respeito aos encontros de Francisco de Assis com a cruz nasce a Espiritualidade Franciscana e desta brota as fontes da vida de minoridade e fraternidade no coração da Ordem. Como referido, anteriormente a vida de Francisco de Assis e vocação é feita dos seus encontros como Aquele que o chamou e se fez caminho. Todavia estes encontros ocasionam implicações para a vida e mais, e como trabalhar com estes estímulos descobrir a graça e o dom dos valores franciscanos.

Neste último capítulo nos propomos a elaborar alguns elementos que são relevantes para os enunciados, nesta perspectiva do encontrar-se consigo mesmo a partir dos encontros que forma o seguimento de Cristo e dá a perfeita alegria. Para tanto, responderemos o seguinte questionamento: como a cruz se torna símbolo da vocação e missão evangelizadora da Ordem Franciscana no mundo, e conseqüentemente o nascimento dos valores franciscanos de minoridade e fraternidade suscitados a partir da vivência da cruz na vida franciscana? Pois:

Ao contemplar Deus e sentir seu coração arder de amor, nasceu nele o desejo de participar na e da história de Jesus, tanto em sua humildade quanto em sua pobreza renunciando ao desejo insano de estar por cima das pessoas e querendo se tornar não apenas um deles, mas o menor de todos: seu irmão. E, afinal, se todos são irmãos já não haveria necessidade de maiores nem menores. O que existiria seria, de fato, a mais genuína fraternidade e comunhão entre iguais (ROSSI, 2017, p. 25).

Logo, compreender a profundidade destes encontros e suas reverberações a partir do seguimento e de sua vida de despojamento e da alteridade, conceitos muito pertinentes a vida franciscana que leva a um querer, pois com os encontros com a cruz, fonte que culmina na perfeita alegria do seguimento do Cristo pobre e crucificado que se dá no despojamento, que se compreende a dimensão da alteridade, o outro é simplesmente o outro. Seguida desta apresentação se concentrará na cultura do encontro sob a ótica franciscana, como o franciscanismo compreende esta cultura em tempos hodiernos. E com isto, da cruz que abraça o universo, que nasce da cruz, nos



dá um novo jeito de vivenciar e cultivar os encontros nas relações humanas. E esta cultura do encontro, de forma muito sucinta e breve, terá como embasamento para dois grandes valores franciscanos o ser menor (minoridade) e a fraternidade, que assentados no seguimento de Francisco ao Cristo pobre e crucificado da cruz, norteia a vocação e missão da família franciscana.

Logo este caminho levou Francisco a abraçar o Cristo pobre e crucificado, um Deus que se despoja para nos dar uma nova vida, sendo esta, uma das formas mais eficazes de anúncio do Reino de Deus e de sua justiça. Tendo o Evangelho como força vital que ontem deu sentido à vocação de São Francisco e hoje dinamiza e revigora a própria essência do Carisma Franciscano. Do evangelho e da cruz, nasce a vocação e a missão Evangelizadora, e Francisco “com o sinal da sinal-da-cruz enviou os seus frades por todas as partes a pregar o Evangelho a todas as nações, nas quatro direções dos braços da cruz” (ERNESTO, 1999, p. 131).

Sem a imitação que deve se converter em seguimento de Cristo, os cristãos podem seguir um Jesus que não é do Evangelho, e sem seguimento os discípulos poderiam imitar a Cristo, sem criatividade, como que sem Espírito e vida (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014). Para que não nos ensoberbeça, mas que se glorie na cruz do Senhor, onde Francisco conseguiu aprender de Cristo e se tornou mestre da virtude da humildade evangélica, que depois dele ficou conhecida como “humildade franciscana”, antes de ignorância, fraqueza, timidez, inferioridade, subserviência, significa ser tomado, se vê o vigor que nasce da gratuidade do encontro, do amor, alegria, minoridade e fraternidade valores e virtudes tão caras a Francisco e posteriormente a todos os seus.

E por fim, tudo deve culminar na vida de minoridade e fraternidade que compreende um conjunto de componentes ou forças que solidificam a caminhada pessoal e comunitária, sendo percebidos como dom e graça de Deus. Para tanto, faz-se necessária a participação, o compromisso e a colaboração de cada um e de todos para a eficácia da minoridade e fraternidade na vocação e missão franciscana. Servindo ao Evangelho e à Fraternidade, na minoridade, na vida de oração, vida fraterna e na convivência contemplamos a realidade escatológica da vida religiosa de viver no hoje e no aqui a realidade dos novos céus e da nova terra sendo sal, luz e fermento neste mundo, onde com o “Salvador siga só a cruz desnuda com virtude desnuda” (SÃO BOAVENTURA, 2008, p. 78). Francisco revela que o novo está dentro

de nós mesmos. Nestes tempos em que se vive se é incitado de forma contínua a buscar sempre fora deixando aquilo que há dentro de si adormecido, aquilo que traz uma gama de virtudes para vida com ricos significados e sentidos.

Para encontrar o que há dentro de si, é necessário despertar o que adormeceu, requer fazer como o Poverello, tem que transpor a superfície e adentrar no autoconhecimento, pela reflexão, e desta forma, encarnando e vivendo o seguimento do Cristo, pelo Evangelho se encontrando na perfeita alegria e na oração, ir para a profundidade da Cruz, minoridade e fraternidade em seus vários âmbitos. Indubitavelmente vemos no santo de Assis, aquele que soube nas experimentações de seus encontros, fazer seu encontro consigo mesmo, sobretudo, fazer misericórdia com o próximo, tudo isto, foi tornando possível os valores e vocação franciscana.

### 3.1 A CRUZ QUE ABRAÇA O UNIVERSO

Iniciemos considerando que o apelo à conversão é um projeto permanente que implica numa decisão constante de se comprometer totalmente com Deus, de fato, envolve entregar toda a vida e segurança pessoal a Ele, e colocar o futuro em suas mãos, nunca deixando a presença de Deus. Da mesma forma, quando dizemos arrependimento, é preciso pensar no amor incondicional de Deus, que nos convida a experimentar a novidade de vida no mundo em que vivemos. Nesse caso, o arrependimento exige sair de nós mesmos e quebrar todo tipo de egoísmo e até mesmo nos libertando de toda idolatria. é aqui que nós vemos o seguimento de Cristo que Francisco fez como tornar tudo isso possível nos dias de hoje este homem que abraçou a Cruz que deu sentido aquele sofrimento que ele viu com aquele que o chamou como esse abraçar a Cruz é abraçar o universo abraçar a plenitude da vida como ser sinal da presença e da transformação para os irmãos fazer-nos um para o outro.

Ao entender já no século primeiro a cruz cada vez mais como distintivo e sinal da fé em Jesus Cristo, os cristãos relacionaram com a cruz duas ideias principais. Uma era transformação, a valoração nova e diferente de todos os valores por Jesus Cristo: sendo o filho de Deus morreu na cruz, então ele derrubou todos os valores humanos e transformou o sinal da mais profunda vergonha em sinal de vitória para os cristãos, a cruz é um sinal de esperança não há sofrimento que não possa ser superado ver não há desespero que não possa ser convertido não há trevas que não possam ser transformadas em luz nem sofrimento que não possa ser transformado em nova vida.

Portanto a cruz era um sinal de Esperança justamente no mundo ameaçado por sofrimento e aflição além disso, os cristãos adotaram as ideias de outras religiões que viram na cruz um sinal de salvação céu e Terra luz e trevas, Deus e ser humano são vinculados entre si (GRÜN, 2009, p. 8).

O que os cristãos veem, não é a cruz como instrumento de suplício, não é a Cruz como aquele instrumento que levou o fim da vida de seu mestre senhor o que se vê aqui é o sinal de uma fé Redentora e transformadora que muda os valores e que dá sentido a morte de Jesus na Cruz esta Cruz que derrubou todos os valores humanos e transcendeu as novas aos novos pécáros tornou-se sinal de salvação que uniu céus e Terra tornou sinal de vida nova aos que seguiam, é assim que podemos perceber a pessoa de Cristo, o vivente entre nós aquele que busca nos dá vida nova e nos retorna a cada dia ao grande e único bem o sumo bem nosso senhor e Salvador.

E como não compreender o sentido da Cruz que cada vez mais nos mostra diante de nós a imagem do verdadeiro ser humano, aquele que unem-se os opostos àquele que é nas suas diferenças um no de Deus o Salvador é pela Cruz sinal do amor de Deus a todos nós também se vê o protesto contra todo tipo de sofrimento, de instrumentos de dores que tornam pesado fardo. Renova-se a Esperança a cada dia por causa dos valores que o próprio Cristo nos ensina a sermos experimentados na Cruz, é ser agraciado pelo amor redentor que o Senhor nos deu. E qual é este sinal? Senão uma Cruz que abraça os céus e a Terra.

Não é de se admirar que Francisco seja visto e considerado como um homem marcado pela Cruz de maneira especial tanto por seus companheiros como pelos biógrafos, por autores de hinos, sequências e antífonas que se cantam em sua honra a começar pelo ofício ritmado de frei Juliano de espira [...]. A Cruz que frei Silvestre viu saía da boca de Francisco abraçava admiravelmente com seus braços todo universo realmente o Santo meditava constantemente no fato de Jesus ter sido crucificado por todos os homens e muito lamentável ver que o amor não era conhecido por todos e por todos amado e com o sinal da Cruz enviou os seus frases por todas as partes a pregar o evangelho a todas as na ações nas 4 direções dos braços da Cruz (CAROLI, 1999, p. 131).

Parece-me que não é indigno mencionar como este Irmão Silvestre foi convertido e como ele foi conduzido pelo Espírito Santo para entrar na Ordem. Ao ver que o irmão Bernardo, germe da Ordem dos Menores depois do santo de ter abandonado perfeitamente tudo o que lhe pertencia e dado aos pobres, incendiou-se numa ganância voraz reclamou ao homem de Deus que ele não tinha propriamente as pedras que havia recebido. Ele mostrou, por uma visão, quão eminentes eram aos

seus olhos as obras de Francisco, o quanto elas enchiam o mundo inteiro. E como ele tinha essa cruz maravilhosa sempre dentro de seu interior, ele também não é de admirar que ele tenha feito as flores da boa terra florescerem e produzirem ramos e frutos tão vistosos (Cf. 2Cel 109,1-15).

Nesta visão de frei Silvestre podemos perceber numa palavra a conformidade com Cristo onde esses seus membros se faziam pertencer a cruz, e que a partir da cruz se dava a evangelização, a partir disso tudo Francisco se mostra como um verdadeiro convertido aquele que se põe inteiramente ao serviço do Senhor e aos irmãos. É perfeitamente compreensível essa disposição de quem não somente deixou se encontrar pela cruz com o crucificado, mas também se deixou ser transpassado por ela, no corpo e no coração estas rosas de sangue floresceram e deram vida a missão da Família Franciscana.

Mas também compreendemos este sinal da cruz como aquele sinal de bênção e de persignação que dos quatro pontos do corpo, cardeais e do mundo compreendemos a imensidão de nossa fragilidade e pela cruz que abraçamos somos aceitos e amados por Deus, pertencemos a Ele e não ao mundo e que estamos protegidos contra todas as influências perniciosas quando somos tocados e nos deixamos ser protegidos, de modo tem-se uma experiência de proteção de Liberdade de aceitação e amor incondicional. Uma fórmula da Igreja Siríaca liga o sinal da cruz à seguinte oração de bênção: “Em nome do Pai que me pensou e me formou, e do Filho que desceu para a minha humanidade, e do Espírito Santo que volta o direito para o esquerdo” (GRÜN, 2005, p. 25). O cristão apenas não traça cruz sobre si, ele reza também na postura da cruz por isso o gesto mais antigo da oração é o gesto da cruz e com a cruz rezam. Pois:

Conheço o teu mistério, ó cruz, em prol do qual estás também erguida. Pois estás firmemente fincada no mundo, para fixar o inconstante. Que tu te estendas até o céu para indicar o *Logos* que vem do alto. Estás estendida para a direita e para a esquerda, para rechaçar o terrível poder inimigo e reunir o mundo. E estás enraizada nas profundezas da terra, para ligar com o céu aquilo que está na terra e embaixo da terra. Ó cruz instrumento de salvação do Altíssimo! Ó nome da cruz, que abraças em ti todo o universo” Salve a ti, ó cruz, que manténs unido o cosmos em sua extensão (RAHNER, 1957 *apud* GRÜN, 2005, p. 15).

Assim como os cristãos antigos compreenderam o *Logos* de Deus que constrói o mundo e que suspenso na cruz nos reúne ao cosmos, ao todo de Deus.

Sendo assim, Cristo também morreu na cruz para imprimir seu sinal no mundo todo. Santo Irineu (*Ibidem*, p. 15) afirma, “para que recapitulasse em si mesmo universo” que do mistério cósmico se esconde na figura do madeiro da Cruz. E como Francisco percebe na quinta admoestação (Adm 5), onde compreendemos a singularidade da vida de Francisco ao abraçar este Cristo na cruz que abraça o mundo nos ensina que ele sofre por Deus através de Deus e não quer continuar a crucificar o Cristo com nossos erros e pecados, mas quer buscar trilhar o caminho e morrer para nós, enfrentando os sofrimentos. Portanto a graça nos leva a ter intimidade com o Senhor com esta cruz, que abarca toda a nossa existência, todo o nosso mundo, com Cristo nós passamos o sofrimento, lutamos, suportamos e a nossa vida se torna plena porque somos assim invadidos por Jesus.

No dom de si mesmo na cruz, Jesus entrega, por assim dizer, todo o pecado do mundo ao amor de Deus e o funde nele. Aproximar-se da Cruz entrar em comunhão com Cristo significa entrar no espaço da transformação da expiração. Ninguém tira a minha vida, eu a entrego por mim mesmo (Jo 10,18) (TESTUT, 2021, p. 41).

Para concluir, percebemos em Francisco a gratuidade da cruz, esta mesma que vem preencher não pelo impacto do princípio instrumento de sofrimento, dor, ódio e de morte, mas sim, transcender como símbolo da vida, vitória do amor por do mundo. Desde os primórdios do cristianismo no tempo de Francisco e até hoje, somos visitados por esta cruz que abrange o mundo, abrindo-nos os olhos para ver a vitória do amor sobre o ódio, alcançar o efeito, transformador, de cura. A cruz deu-lhes a forças para ver a verdade que brota dela a Vitória de Cristo Ressuscitado, que por seu Evangelho e morte de cruz é visto como loucura e insensatez (1Cor 1,18-25). Mas, é este mesmo Cristo que é loucura é “poder de Deus”, que transformará em vidas, todas trevas e iluminará todos os medos, confiança e todas as paralisias em um novo modo de ser e viver. Com Francisco aprendemos que devemos e podemos nos gloriarmos, de nossas fraquezas e de carregar a santa cruz de nosso Senhor Jesus Cristo todos os dias (Adm 5, 8), eis porque podemos ver a amplitude desta cruz que abarca o mundo e todo o universo.

### 3.2 O HOMEM NOVO QUE NASCE DA CRUZ

Desta Cruz que veio a salvação deste modo compreendemos onde Francisco se torna neste momento primícias da sua devoção e de sua vida devotada ao Cristo crucificado despojado de tudo aberto a tudo e de tudo se doa. Certamente toda a experiência de Francisco lhe ensinou muito sobre o segmento de Jesus Cristo nas suas mais diversas expressões até o fim de sua vida, sempre voltar-se a servir a crescer na disposição de ser um novo homem a cada dia e verdadeiramente vivendo como pobre obediente e casto este processo não foi de um dia para o outro na vida de Francisco como vemos anteriormente. tudo se dá a partir do encontro e dos desencontros com Cristo aqui nasce a Esperança de Francisco, do novo, do redescobrir a originalidade do evangelho.

Assim o descreve Frei Tomás de Celano (3Cel 2): “O homem novo, Francisco, tornou-se famoso por um novo estupendo milagre; por um singular privilégio jamais concedido nos séculos anteriores, ele foi marcado ornado com o sagrado os estigmas ‘tornando-se semelhante em seu corpo mortal ao do crucificado’ [...] O homem de Deus tinha pela cruz do senhor um amor apaixonado, quer em público, quer em particular. Apenas começar a servir sobre a estandarte do crucificado e já a cruz gravava em sua vida as marcas de seu mistério (CAROLI, 1999, p. 131).

À medida que a vida de Francisco se tornava mais difícil a cada dia complicada e por vezes dolorosas tentações, à medida que os méritos aumentavam, também aumentava seu conflito com a antiga serpente (2Cel II,115-118) e nas suas lutas (2Cel II, 119-124), por causa de suas doenças, continuou seguindo os passos de Cristo no meio de trabalhos sem conta e de fortes sofrimentos, nunca se afastou (2Cel II, 210-213), mas continuou firme em seu santo propósito ao ponto de “ouvindo, compreendendo e confiando [...], disse: “É isto que eu desejo, é isto que eu anelo do íntimo do meu coração” (LM III 1,3). Não podia ser diferente, pois ele mantinha ainda mais concentrado não em si, mas no próprio Deus que o chamou, é possível compreender que para Francisco o mais importante era manter-se ligado a Deus e depositar sua esperança. Aqui compreendemos o efeito da *kenosis* de Cristo (Fl 2,5-8) que Francisco tão bem imitou e seguiu, no projeto de morrer o homem velho e nascer o homem novo (Ef 4,22-24), um Francisco totalmente aberto a Deus, ao próximo e aqueles que se faziam menores entre os menores.

Como homem da cruz viam-no também frei Silvestre e frei Monaldo (3Cel 3): “De fato frei Silvestre, um de seus primeiros irmãos, e homem de grande virtude viu sair da boca de Francisco uma cruz dourada, que abrangia, na extensão de seus braços, todo o universo” (Cf. LTC 31). “Este fato nos é atestado por escrito num relato digno de fé. E tal sucedeu durante um sermão de Santo Antônio que estava pregando sobre o tema da cruz” (Cf. 2Cel 109) (ERNESTO, 1999, p. 131).

Francisco tem no coração e na mente o Evangelho e este se torna vivo, por isto vê-se nesta visão o compromisso de pregação e da vida. Carolli (ERNESTO, 1999) diz que como vemos no hábito o sinal da cruz, este deveria também estar em conformidade com sua vocação, este respondia à sua pobreza e o Santo, assim nos dá aquele que o mistério da cruz revestiu em sua alma, o Senhor crucificado da mesma forma que cobriu interiormente agora reveste exteriormente do mesmo como seu corpo cobriu a cruz. Esta mesma cruz, escolhe para si e para os seus, se torna seu distintivo, na forma de tau sinal de conversão pessoal à Cristo testemunho visível para si e para os outros, de sua fé e da esperança na salvação operada pela cruz do Senhor.

Constituiu um pequeno significativo aspecto da vasta interpretação do significado espiritual da vida deste Santo porque foi a partir do tau e da sua eleição que Francisco abraçou a vida evangélica. Tornando a imagem de Francisco um novo homem o “*alter Christus*” aquele que é o outro como Cristo, que se faz como que imagem da legitimidade da vida da devoção que Francisco tinha ao crucificado.

O Tau assume um tríplice significado para o Santo de Assis. Em primeiro lugar o tal é *símbolo da vida nova* que nasce da conversão à Cristo e ao seu Evangelho; é o emblema da penitência, redescoberta e compreendida biblicamente como profunda mudança interior, e ao mesmo tempo, é sinal exterior de uma busca que caracterizou toda a existência de Francisco. Visto que a conversão do coração não é um fato concluído em si mesmo, mas dinamismo espiritual inquietante que opera continuamente na pessoa, o Tau aparece também como um convite a uma constante auto-renovação. Em segundo lugar, o Tau é *símbolo da cruz*, herança simbólica que Francisco buscou na interpretação alegórica do “sinal”. Se o Santo carrega este sinal exterior, o faz para testemunhar que antes da Cruz ter sido impressa em sua carne, foi gravada em seu coração. Neste aspecto vale lembrar o que escreveu Tomás de Celano, depois de ter narrado como Francisco recebeu do Crucificado em São Damião o mandato de reconstruir a sua casa: A partir daquele momento se fixou em sua alma santa a compaixão pelo Crucificado e podemos julgar piedosamente que os estigmas da paixão deste então Ihe foram gravados não no corpo, mas no coração (Cf. 2Cel, 10). Enfim o Tau também é símbolo de diligência espiritual, de consolação e de bênção para os irmãos. É com este significado que Francisco usa o Tau com frei Leão (BIGI, 2004, p. 75-76).

Neste relato compreendemos bem a experiência de Francisco, foram nestes momentos que ele se fez renovado pela cruz vivendo a abraçando-a e caminhando com ela o que podemos seguramente dizer que para Francisco a cruz e o Tau não são símbolo de nenhuma cruzada, nem mesmo de caráter espiritual, mas é testemunho da conversão à Cristo e anúncio visível da salvação que nasce da novidade de vida. Vemos todo o dom partilhado pelo Senhor, no corpo, na alma e no espírito, sinal da conformação de vida da imitação e do seguimento de Francisco à Cristo. Nenhum sinal foi maior do que o Tau como distintivo da cruz na vida de Francisco, pois ele tornou Francisco o portador e arauto, que pelos estigmas, se uniu intimamente com Aquele que o escolheu como servo, sendo um humilde ministro das necessidades espirituais e materiais de seus irmãos, abandonou-se totalmente a realidade do Cristo pobre e crucificado.

Conclui-se que o novo homem de Francisco é aquele se faz convertido da Cruz, que vive uma experiência total de vida evangélica projetado sempre na busca assídua do equilíbrio entre a fidelidade ao carisma pessoal vivido por si e pelos seus companheiros e as exigências dadas pela vida fraterna e evangelizadora. O novo homem Francisco assumiu a convocação e o envio de Cristo “se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga” (Mt 16,24-28). A cruz é compreendida como de vida doada e partilhada para nossa salvação e redenção. Para ele a cruz se tornou caminho de perfeição, pois não há santidade sem renúncia e de luta espiritual e por vezes corporal, assim seu progresso espiritual implicou ascetismo e mortificação, que gradualmente para viver na paz e na alegria das bem-aventuranças (Mt 5, 3-12) esta, centro da pregação de Jesus, que retrata sua face e demonstra sua caridade, aqueles que se associam a glória de sua Paixão e Ressurreição, por meio dele e dos seus atos e as atitudes inerentes a vida cristã.

Nas bem-aventuranças vemos as promessas que balizam a esperança nas tribulações e aos que abraçam a cruz e o segue recebem as bênçãos e recompensas anunciadas e vividas. Assim Francisco, um menino, um verdadeiro homem que conseguiu encontrar e abraçar aquele que tanto escutava a religião se uniu a Francisco, o filho de Assis, a Jesus Cristo, o filho do homem. Este mesmo Francisco é de Assis é sobretudo de Jesus e pela relação com Jesus crucificado que este filho da comuna de Assis nasceu para a humanidade plena um homem novo, um homem transfigurado pela cruz um homem que na sua vida viveu a grande bem-aventurança



do amor e do serviço ao próximo através do Cristo pobre e crucificado, pois a este ele ouviu de todo o coração e o atendeu no seu chamado.

Vemos aqui a imagem de Francisco o penitente, o crucificado que através de sua conversão à Cristo e da graça da conversão, anuncia a penitência e salvação como que pregado na cruz com Cristo a todo o homem de boa vontade. Como um homem novo, deixou-se fazer um com a dama pobreza tão amada por ele e pelo próprio Cristo, que totalmente despojado desde a sua encarnação até a cruz não quis mais nada do que cumprir a vontade do pai que o chamou. Por fim, a cruz na espiritualidade franciscana é expressão de três sinais conversão, salvação na cruz e pobreza. É saindo de um destes três sinais que balizam a vida franciscana, corremos o risco de levar-nos há uma perigosa deformação ou obscurecimento do seguimento de Cristo, a partir do qual Francisco fez sua experiência pessoal e pela qual abriu o caminho para todos os seus que vieram depois. Portanto, devemos redescobrir as fontes dos valores franciscanos autênticos que talvez nenhuma geração antes a nossa viva com tanta integridade, no centro da relação entre Francisco e Cristo e há valores essenciais que fundaram conversão e pobreza. Portanto, o sinal do Tau não pode ser reduzido a um simples elemento externo ou decorativo, trazê-lo sobre si mesmo, mostrá-lo, indica uma escolha espiritual e testemunho de vida.

### 3.3 A FRATERNIDADE E A MINORIDADE FRANCISCANAS: EIS QUE SE FEZ CAMINHO

Em seu Testamento Francisco afirma: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer”, (Test 14), aqui começa uma nova jornada. Pelo seu testemunho, se achega outras pessoas que tem o desejo viver como ele. Começa a se desenvolver as dimensões de minoridade e fraternidade anunciada por Deus na vida de Francisco, “uma das formas concretas pelas quais Francisco vivenciou o seguimento de Jesus Cristo foi a vida de e em fraternidade” (GOMES, 2022, p. 97). Previamente, partiremos da vida de Fraternidade onde com a chegada dos primeiros companheiros, se vê a relação do *Poverello*, com toda a criação, pois está relacionado à sua forma de ser e agir. Assim como, compreender que a dimensão da fraternidade está diretamente correlacionada com o crucificado, pois:

O emprego sempre mais frequente do termo “fraternidade” tanto nas mídias quanto na política ou em outros domínios, é um fato incontestado. Cada domínio, no entanto, o emprega segundo os seus próprios interesses ou finalidades. Desta forma, assim como a palavra “amor” o conceito de fraternidade se torna desgastado e até mesmo banalizado. Mas aos poucos ele também vai se impondo de uma forma diferente nas mentes e nas conversações. O termo fraternidade não surgiu em nossa sociedade totalmente por acaso. Todos compreendemos sua emergência não somente em nosso entorno direto, mas também em escala mundial. Diante das consequências deste mundo globalizado elas se impõem como força como uma necessidade vital o mundo não será salvo sem a fraternidade (TESTUT, 2021, p. 24-25)

Por isso urge neste momento falar dos valores de minoridade e fraternidade, especialmente porque se vê banalização da sociedade e do mundo, mas como apresentar se não buscando nas fontes franciscanas a origem destes valores inegociáveis para a vida franciscana. Nas fontes, temos vários relatos de como chegaram os primeiros: Bernardo de Quintavalle, um nobre e rico amigo de Francisco e depois Pedro Cattani, do encontro com o Evangelho e os irmãos, para descobrir e cumprir a vontade de Deus. Buscamos ver como os primeiros companheiros de missão de Francisco fizeram a experiência para depois ter uma teoria a qual senão será a Regra e a Vida aprovada pela Igreja, fundamentada no Evangelho e na vida. São Boaventura descreve que Francisco, ao ouvir o Evangelho, tem por inspiração divina, o “tornar-se imitador da perfeição evangélica e a convidar outros à penitência” (LM 3,2,1), que como fazer senão pelo anúncio da paz e pregação da salvação, a partir daí, apresenta-se aos outros homens e estes se sentiram inspirados a abraçar essa nova proposta de vida. Caroli nos apresenta que:

A fraternidade franciscana não se caracteriza por conteúdos novos, mas como testemunho ao mundo de que a fraternidade cristã pode ser vivida concretamente por todo batizado [...], isto é, em função da evangelização restituir em toda criatura o amor ao amor paterno de Deus. Francisco vive e convida todos a acolher o amor paterno de Deus, o amor fraterno de Cristo, a comunhão do Espírito, enfim, toda esta realidade divina que nos constitui “filhos de Deus” e Irmãos de Cristo [...]. Por isso mostra que seu canto de louvor de ação de graças é o modo mais adequado e mais verdadeiro de acolhida e resposta a Deus [...], que só tem sentido para aqueles que se reconhecem Irmãos acima de tudo, pois são filhos do mesmo Deus [...]. Os frades menores devem se considerar os Irmãos menores na família de Deus [...], não devem julgar ninguém, nem os pecadores, viver na obediência a Deus, como filhos, e anunciar a todos que só Deus é o Senhor e Pai, cuidar de todos: de Clara, dos seguidores, dos penitentes, de todos aqueles que se convertem [...] e dado que a origem de todas as coisas é somente a própria paternidade de Deus, fraternizar-se com elas, sobretudo com os homens e entre os frades, com as disposições de amor e compaixão que teve Cristo [...]. Francisco demonstra a sua fraternidade na caridade disposta a tudo,

inclusive a perdoar colocando nas mãos de Deus Pai toda ofensa que lhe era dirigida (CAROLI, 1999, p. 851).

É por isso que em sua luta pela fraternidade, tanto dentro de seu movimento como no mundo que o cerca, Francisco sempre se refere a Deus, que por seu sacrifício na cruz realiza com a misericórdia do Senhor. Sua força está em Deus e vem de Deus para viver a fraternidade com os irmãos que chegam e com os que irão chegar até o fim dos tempos. Francisco se esforça para compreender a relação entre o homem e Deus, a partir da experiência concreta une a alma ao seu princípio. E ao interagir com seus irmãos, ele está simplesmente se dirigindo a homens de diferentes condições, mas cada um com suas próprias lutas individuais. Isso leva em conta o fato de Francisco, estar sempre procurando sua identidade. Ele não está procurando formar um grupo de pessoas e nem ser seu líder.

Sua “*fraternitas*” deve estar em um mundo diferente, deve estar presente entre os pobres, leprosos de sua sociedade e, ao mesmo tempo, como um homem de fé, seguir a Cristo da maneira mais desprezível na vida de “*minoritas*”. No entanto, essa loucura reúne outras pessoas, inclusive a nobreza querendo fazer o mesmo. Os irmãos trocam intercâmbios, se encontram e se esforçam para manter abertos os vínculos comunicacionais. A chegada destes, “es importante resaltar que Francisco no sale buscar a los hermanos, sino que estos llegan, enviados por el Señor” (URIBE, 2001, p. 66). E pensar o porquê de irmãos e não filhos, discípulos, senão por ter encontro no Senhor e nos leprosos e nos menores de seu tempo sua identificação de irmão, por isso os que vem a ele se tornam seus irmãos. É da própria boca de Francisco na Regra não Bulada que compreendemos o porquê dos irmãos, pois se encontra no Santo Evangelho: “Todos vós sois irmãos; e a ninguém chameis de pai para vós sobre a terra, pois um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Não vos chameis de mestres; pois um só é o vosso mestre, aquele que está nos céus” (RnB 22,33-35) (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 182).

Não há fraternidade sem irmãos e tampouco irmãos sem fraternidade. Ambos estão implicados na mesma dinâmica. São Francisco e Santa Clara apreenderam o verdadeiro sentido da fraternidade e, principalmente, aprenderam a ser irmão e irmã no relacionamento fraterno e na dedicação de si mesmos ao outro, à outra. O itinerário de ambos compreendia as diferentes dimensões da vida religiosa: oração, formação, relação fraterna, trabalho manual, cuidado dos irmãos e irmãs sadios e doentes, comunhão eclesial, missão etc. Assim, a fraternidade primitiva franciscana pode ser vista e

entendida sob vários ângulos: reconhecimento e valorização das qualidades uns dos outros, intensidade das relações afetivas, interesse e cuidado uns com os outros, disponibilidade para os trabalhos internos e externos e, naturalmente, os enfrentamentos e partilhas de desafios e dificuldades (SAMPAIO, 2019, p. 47).

Aqui Francisco vê no outro, não seu inimigo, o doente o destituído de bens ou seu oponente, mas um irmão que pode ser instrumento de mudança e transformação mútua relação para promover o bem-estar e a vida de comunidade em minoridade. Portanto Francisco vê se desvelando a sua frente um Deus, um Pai comum e em Jesus Cristo, o irmão, aqui não há mais estratos sociais, ideológicos, mas uma relação de iguais, sem diferenças e sem status na relação. Porque a fraternidade está alicerçada como o lugar do encontro dos filhos e filhas por meio do sacrifício de Cristo, acolhem-se mutuamente pela fé e vivem a comunhão em Deus e entre si, é a “realidade do Corpo místico de Cristo” (ERNESTO, 1999, p. 851).

Ao percebermos a importância da fraternidade para Francisco reconhecemos na sua relação com o outro e a criação a compreensão da “minoridade”, como ato basilar de Francisco.

Não por acaso, Francisco escolheu, para identificar o grupo de irmãos que se formou ao seu redor, o nome de Ordem dos Frades Menores, pois quis que fossem reconhecidos não tanto pela atividade que realizam - como por exemplo a Ordem dos Pregadores ou a dos Hospitaleiros -, nem pelo lugar de origem - como os Cistercienses ou os Camaldulenses -, mas, pelo modo de viverem e de se relacionarem [...]. A escolha do nome da Ordem foi, sobretudo, de caráter cristológico, uma vez que ele se fundamentou na advertência de Jesus aos apóstolos para que fossem menores (Cf. Lc 22,25; Mt 20,26-28) e no exemplo de minoridade dado pelo mesmo através do gesto do lava-pés (Cf. Jo 13,4-15). (GOMES, 2022, p. 115).

Para tanto, os frades e Francisco abandonaram um mundo em que a resistência aos imprevistos da vida, se tornarem irmãos contando um com as necessidades do outro. Sendo solícitos como uma mãe pelo filho, esta é a singularidade do ideal franciscano. Abandonando seus hábitos ou concepções de vida, experimentando o mesmo desapego. Enfim vivendo a fraternidade e a minoridade o modo de viver e relacionar (TESTUT, 2021).

Quando se fala em minoridade corremos o risco de entender como atitude de desvalorização ou de simples submissão, porém antes de uma atitude, ela revela a condição de que o outro é alguém muito importante, especialmente na conexão com Deus. Assim sendo o ser “menor”, para Francisco liga sempre o encontro com o outro,

como irmão e irmã, isto é, em pé de igualdade formando e gerando uma fraternidade universal com todas as criaturas.

Mas é principalmente urgente uma palavra sobre a Ordem que ele assumiu e manteve por amor e pela profissão. O que dizer? Ele próprio plantou no início a Ordem dos Frades Menores e naquela ocasião lhe impôs este nome. Realmente, quando assim na regra: "E sejam menores", ao proferir essa palavra, naquela mesma hora, disse: "Quero que esta fraternidade se chame Ordem dos Frades Menores". E eram verdadeiramente menores os que, sendo submissos a todos, sempre buscavam os lugares desprezados e exercer o ofício em que parecesse haver alguma desonra, para que assim merecessem fundar-se no sólido fundamento da verdadeira humildade e neles, pela feliz disposição, se erguesse a construção espiritual de todas as virtudes (1 Cel 38, 1-4) (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 223).

Destarte, Gomes (GOMES, 2022) propõe que podemos ver, que a minoridade é antes de tudo, uma prerrogativa do próprio Deus que, em Jesus Cristo, manifesta com humildade a sua encarnação, da qual a Eucaristia representa uma continuidade. No entanto, o Poverello não se contenta em fazer uma observação, ele também tira as consequências práticas, pois a grandeza de Deus consiste em tornar a pessoa de Jesus Cristo menor, o seguir necessariamente implica seguir o caminho da minoridade. Mas também dissemos que o termo expressa uma relação que, para a pessoa de fé, antes de tudo com o mistério divino. Assim, a minoria em nosso relacionamento com Deus se transforma em minoria em nosso relacionamento com nós mesmos, ou seja, no sentido profundo da realidade de nossa própria condição.

Portanto é na vida de fraternidade e minoridade que o homem fica ontologicamente agraciado e preparado para a consumação no céu e na glória. Pois, na graça há a vontade de comunicação divina, sendo esta comunicação, desvinculada de condicionamentos para que ocorra, Ela se dá por pura graça. A gratuidade se situa num outro nível do que o da natureza. Graça fundamentalmente consiste num novo relacionamento do homem com Deus, possibilitado e atualizado por Jesus Cristo e por mediação dele.

Não é, portanto, num primeiro momento, uma realidade, uma entidade nova criada no homem. Esta é já consequência de algo anterior: a justificação por Jesus Cristo no qual somos incorporados. Na medida desta incorporação nos tornamos também novas criaturas. Ao apresentar um pouco da visão franciscana da graça a partir de São Boaventura e Duns Scotus, reconhecemos o exemplo de seu fundador

Francisco de Assis em suas reflexões. Este não escreveu nada, em si sobre ela, mas pode ser percebida na sua forma de vida. Ficando implícita nos seus ensinamentos, nos exemplos, na vida e nos gestos proféticos, explícita em seus escritos, revelando um conhecimento das coisas de Deus extraordinariamente iluminado, adquirido graças a uma experiência vivida intensamente (ERNESTO, 1999, p. 280-281). Daqui podemos entender a fraternidade perfeita dada por Francisco:

De certo modo transformado nos santos frades pelo ardor do amor e pelo fervor do zelo que tinha pela perfeição deles, o muito bem-aventurado pai refletia muitas vezes dentro de si sobre as qualidades e virtudes de que devia ser ornado um bom frade menor. E dizia que seria bom frade menor aquele que tivesse a vida e as qualidades destes santos frades: isto é: a fé de Frei Bernardo, que a teve de forma perfeita com o amor à pobreza; a simplicidade e a pureza de Frei Leão, que foi realmente de uma pureza santíssima; a cortesia de Frei Ângelo, que foi o primeiro cavaleiro que veio para a ordem e que era ornado de toda a cortesia e bondade; o aspecto gracioso e o senso natural com a fala bonita e devota de Frei Masseu; a mente elevada em contemplação que Frei Egídio teve até a máxima perfeição; a virtuosa e constante oração de Frei Rufino, que rezava sempre, sem interrupção: mesmo dormindo ou fazendo alguma coisa tinha sempre seu espírito com o Senhor; a paciência de Frei Junípero, que atingiu um estado perfeito de paciência, por causa da perfeita verdade da própria vileza, que tinha continuamente diante dos olhos, e um ardente desejo de imitar a Cristo no caminho da cruz; o vigor corporal e espiritual de Frei João das Laudes, que, naquele tempo, ultrapassou todos os homens em força física; a caridade de Frei Rogério, cuja vida inteira e comportamento estavam no fervor da caridade; e a solícitude de Frei Lúcido, que teve grandíssima solícitude e não queria morar quase um mês no mesmo lugar, mas quando lhe agradava ficar num lugar, imediatamente se afastava e dizia: “Não temos morada aqui (Cf. Hb 13,14), mas no céu” (1EP 85,1-13) (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. APRES. SERGIO M. DAL MORO, 2014).

Como não compreender a explanação de Francisco, não citando o frade perfeito, mas as qualidades de cada um aqui ficam explícito que a Fraternidade é o frade perfeito, é o coração da Ordem e o Cristo pobre e crucificado, está sempre no centro da Ordem Franciscana. Pois no Evangelho e suas bem-aventuranças a fraternidade descobre a pessoa de Cristo em suas Palavras e atos, assim com todas as virtudes inerentes a fraternidade vive a forma visível do Evangelho para a vida e vice-versa. E como se percebe isso na fraternidade, vivendo em minoridade, humildade e podemos citar tantos outros valores caros a espiritualidade franciscana, pois tudo é graça e dom do Pai.

Logo este caminho levou Francisco a abraçar o Cristo pobre e crucificado, um Deus que se despoja para nos dar uma nova vida, sendo esta, uma das formas mais eficazes anúncio do Reino de Deus e de sua justiça. Tendo o Evangelho como força

vital que ontem deu sentido à vocação de São Francisco e hoje dinamiza e revigora a própria essência do Carisma Franciscano. Do evangelho e da cruz, nasce a vocação e a missão Evangelizadora. Sem esta imitação de Cristo, os cristãos podem seguir um Jesus que não é do Evangelho e sem o seguimento, os discípulos poderiam imitar a Cristo, sem criatividade, como desprovidos de vida e do espírito que vivifica. Para que não nos ensoberbeça, mas que se glorie na cruz do Senhor, onde São Francisco conseguiu aprender de Cristo e se tornou mestre da virtude da humildade evangélica, que depois dele ficou conhecida como humildade franciscana, antes de ignorância, fraqueza, timidez, inferioridade, subserviência, significa ser tomado, se vê o vigor que nasce da gratuidade do encontro, do amor, alegria, minoridade e fraternidade valores e virtudes tão caras a São Francisco.

E tudo culmina na vida fraterna, que compreende um conjunto de componentes ou forças que solidificam a caminhada pessoal e comunitária. Para tanto, faz-se necessária a participação, o compromisso e a colaboração de cada um e de todos para a eficácia da minoridade e fraternidade na vocação e missão franciscana. Servindo ao Evangelho e à Fraternidade, na minoridade, na vida de oração, vida fraterna e na convivência contemplamos a realidade escatológica da vida religiosa de viver no hoje e no aqui a realidade dos novos céus e da nova terra sendo sal, luz e fermento neste mundo, onde com o “Salvador siga só a cruz desnuda com virtude desnuda” (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 98)

Portanto o “mistério da cruz vivido intensamente por Francisco, se tornou força da pregação de seus filhos e fonte de renovação para a Igreja” (CAROLI, 1999, p. 131), que a se dá na fidelidade ao Evangelho que alcançará a sua significação à medida que forem considerados os diversos elementos que assinala o caminho traçado por São Francisco enquanto realidade dinâmica e geradora de vitalidade evangélica. Temos em Francisco, um convertido, que nasce e floresce da alegria do encontro com a Boa Nova de Jesus Cristo crucificado, que aprendamos a ser como ele “arauto da cruz de Cristo” (CAROLI, 1999, p. 131), fortalecendo a minoridade e a fraternidade na caminhada todos os tempos e lugares, sendo força geradora de comunhão entre a Ordem e a Igreja de Cristo pobre e crucificado.

E assim concluir o último capítulo sob a ótica franciscana, a implicação do seguimento de uma proposta de vida, obediência a princípios fundamentais, vivência de valores essenciais, comprometimento com as situações concretas da comunidade

e ou fraternidade, inserção no mundo e no serviço à vida dos seres humanos e de todas as criaturas através do anúncio de Jesus Cristo e pelo testemunho do amor fraterno. Espera-se poder demonstrar no desenrolar deste trabalho a importância dos encontros nas vocações de Francisco e de seus irmãos formando uma rica rede de relações Divinas e humanas, não só, na descoberta de si, e para melhor viver unidos a criação pelo seguimento perfeito do Cristo pobre e crucificado. Tendo como finalidade primeira o encontro primeiro com o “Amor que precisa ser amado”, em seu total despojamento que pelos valores de minoridade e fraternidade nos leva em direção aos outros, os menores e necessitados em direção ao encontro futuro no reino de Deus que começa no hoje de nossa existência.

Portanto, pela graça podemos compreender em São Francisco a vida de fraternidade e minoridade sempre a partir de sua relação com Deus, e esta relação foi mudando e transformando sua vida, a partir do encontro fundamental que fizera com o Cristo, como ele mesmo dizia: conheço o Cristo pobre e crucificado e isso me basta (Cf. 2Cel. 105,5), tudo isto tornou experiência primordial do amor e da graça em sua vida que transmitia cotidianamente. Isto nos dá um vislumbre de como era o Cristo de São Francisco não como um outro, mas o Cristo da fé cristã, o Cristo todo.

Há em Cristo possibilidades de se separar apenas elementos que satisfaçam os interesses de um determinado grupo, como aqueles que se identificam com o “Cristo-Sacerdote”, outros com o “Cristo-Pregador”, outros ainda com o “Cristo-Bom-Samaritano”. Mas, para São Francisco, todos esses elementos são importantes, como o Cristo do presépio (Cf. LM X, 7), o Cristo da cruz (Cf. 1Cel 90,6-7) e o Cristo glorioso (Cf. 2Fi 4), todos estes têm igual importância para Francisco e a espiritualidade franciscana. Desta maneira os mestres franciscanos desenvolveram seu pensamento, a partir deste modo de Francisco se relacionar com Deus, com Cristo e com os outros elementos existenciais em sua vida de conversão, fundamentando o pensamento e a espiritualidade franciscana.

Por fim podemos compreender que a experiência de Cristo como revelação do Pai no Espírito Santo, que leva Francisco a viver sua experiência cristã como comunhão com a vida trinitária. E sua maneira de ser e de viver se modela no Verbo encarnado, Jesus que lhe apareceu no leproso, que lhe falou em São Damião e que o chamou a viver a vida evangélica, tudo isto permeia a experiência da fraternidade e da minoridade tão presente no pensamento e na espiritualidade franciscana. Sendo,



uma realidade do amor infinito de Deus que se dá e, correlativamente, a realidade da indigência absoluta do homem que se enche desse amor divino. E a graça, enquanto gratuidade absoluta da parte Deus, não é dada ao homem porque é digno ou merecedor, mas, simplesmente porque ele se abre para acolhê-la dentro de uma reciprocidade amorosa.

Finalizamos dizendo que a experiência da graça ocorre na fraternidade e na minoridade como o lugar do cuidado, da ternura, da criação do abrigo e da segurança. Para São Francisco o cuidado tem um significado de humanização da existência, como recorda Papa Francisco, São Francisco de Assis, “explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da [...] proximidade física [...], da terra onde [...] nasceu ou habita” (PAPA FRANCISCO, 2020, p. 11). Por isso, são todos irmãos e irmãs”. São Francisco descobrira que o amor de Deus abraça toda criatura e daí nasce a sua comunhão universal com todo ser criado. É neste sentido que nasce a consciência de uma fraternidade universal, tão pedida nos dias de hoje pelo Papa Francisco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo geral apresentar os encontros de Francisco com a cruz, e de como se desenvolveu a Espiritualidade Franciscana da cruz norteando a vocação e missão da Família Franciscana pelos valores da minoridade e fraternidade. Para tanto, se balizou a partir da hipótese principal analisou os encontros de Francisco de Assis com a cruz a partir do caminho de Apúlia, com o crucificado de São Damião, na vontade de Deus, no Santo Evangelho e culminando em sua estigmatização no Monte Alverne. Estes encontros fizeram um caminho de imitação chegando à forma de seguimento perfeito fazer e Cristo, no decorrer de sua vida, já que este caminho culmina num modo de viver a Espiritualidade aberta ao encontro de Deus e do próximo, por meio da cruz. Durante todo o processo de desenvolvimento, podemos redescobrir na história de vida de Francisco, um homem que foi marcado e assinalado pela cruz, e assim por sua vida de seguimento e santidade, deu-nos a compreender uma vida doada, para ir encontrar o Senhor no outro e na criação. Com efeito, é um estímulo e uma instigação para dar continuidade em contextos tão atuais a forma que ele se deixou se tocar e foi tocado pelo crucificado, mais do que nunca é atual este caminho feito por Francisco.

Tendo em vista os aspectos apresentados, e identificando os encontros, podemos perceber que Francisco desde o início de sua jornada já possuía naturalmente um modo nobre de portar-se e ser, em muito tinha atitudes cavaleirescas, mas a partir destes e de todos os seus encontros, o levaram a perceber a necessidade de uma conversão diária para compreender o que o Senhor lhe pedia, o retornar o caminho e buscar o verdadeiro Senhor e sua altíssima dama Pobreza, e do tornar-se verdadeiramente nobre. Logo, atendendo o chamado, ele se põe na disposição de reconstruir a casa do Senhor, sua vida e configurar e reconfigurar sua existência com o Cristo de São Damião e do Monte Alverne. Levando-se em conta o que foi observado, percebe-se que a devoção à cruz e a Paixão de Cristo se dá em consequência destes encontros e foram formando o seguimento do Cristo pobre e crucificado, que vai norteando a verdadeira e perfeita alegria na vida franciscana. É nesta experiência que vemos Francisco, como um mestre de espiritualidade

procurando ser discípulo numa autêntica busca da essência de Deus, para reconhecer a perfeita alegria comunicada pelo seguimento de Cristo.

Diante dos argumentos expostos, estes encontros foram extremamente importantes para mudar sua visão de vida, aprender a ouvir mais, inspirar a mudar e encontrar-se com a alegria perfeita. Para tanto, todos esses encontros ensinaram Francisco a sair do barulho do mundo, procurar entender e buscar a viver uma vida como a dos Apóstolos, viver em comum, dividir tudo, buscar estar no mundo, sem ser do mundo, como fraternidade, retornando sempre ao seio desta mesma fraternidade para reencontrar na vida em comum e na oração o alimento do viver a vocação, aqui nasce um novo homem pautado pelo abraçar e viver a cruz em todas as suas dimensões. Pela espiritualidade franciscana, aprende-se que estes encontros se deram a partir do abandono de todo um conjunto de hábitos com valores e princípios. Porque nas suas origens ela é missionária, uma espiritualidade do encontro, do mover-se no caminho do abandonar todo espírito mundano, para se revestir do espírito evangélico, caracterizado como um seguimento do Cristo pobre e crucificado. No modo de vida dos enviados para pregar a penitência evangélica, e viver numa vida de fraternidade e minoridade pontos centrais da vida franciscana, tudo dom do Senhor. Francisco desta forma, não propõe uma mudança do outro ou das estruturas inicialmente, pois esta servia para seu próprio caminho.

Em virtude do que foi mencionado, observa-se que o seu jeito de abraçar com radicalidade a cruz, o despojamento, a humildade, a caridade começaram a mudar não somente seu caminho, mas dos outros que se achegavam a vida partilhada em comunidade, não de hierarquia, mas de fraternidade de irmãos, aos que se achegara começa o desprender de sua vontade e nasce os valores de minoridade e fraternidade, intimamente unidos, nestes se vê a graça dom de Deus. E é assim, percorrendo um caminho do Evangelho e do seguimento a Cristo, que o Santo de Assis descobriu como ser um irmão menor. No entanto, não foi um processo simples ou fácil. Foi doloroso, desconfortável, conflituoso, de renúncia e de uma busca verdadeiramente de despojamento. Neste aspecto, a espiritualidade franciscana da cruz, a partir dos encontros de Francisco, nos mostrou que ela é altamente cristológica e humana, tão atual nos dias hodiernos. Pois, o homem é dotado de sonhos, de utopias, de contradições e que só desta forma podemos abraçar a proposta do Reino de Deus, compreendendo e amando Cristo o outro e a nós mesmos. E nesta relação

de amor criar fraternidade, pois não há fraternidade ou minoridade sem Cristo, o outro e nós mesmos, eles se complementam.

Por todos esses aspectos, fazemos o caminho da Apúlia para Assis, da imitação para a *sequela Christi*. Tendo feito todo este percurso no esforço de demonstrar este caminho. Pela observação dos aspectos analisados, assim se concebe a espiritualidade franciscana, que se completa na vivência do ser franciscano e na relação com Cristo, a partir da encarnação, da cruz e eucaristia. Tendo a limitação de material impresso e de estudos na área de espiritualidade franciscana traduzidos ou feitos na língua portuguesa, percebe-se que foi necessário um mergulho nas fontes originárias do franciscanismo, a saber as Fontes Franciscanas e Clarianas, sendo balizado por outros tantas biografias e documentos da Igreja e da Ordem dos Frades Menores, tem-se ainda muito a ser estudado sobre a temática dos encontros com o crucificado e até mesmo dos valores franciscanos que nascem dele.

Como vemos, a espiritualidade é viva, partindo sempre da relação, do viver e da experiência. Logo, para a espiritualidade Franciscana não é diferente, ela vem da experiência de Francisco e de seus encontros, e pode-se estudar cada encontro e suas reverberações, pois eles desdobram-se no seguimento, na vida franciscana e nos valores franciscanos de fraternidade e minoridade. E nestes tempos tão complexos, se tornam elo do reencontrar Deus e o próximo, este objeto de estudo vai de encontro com a proposta da teologia e da espiritualidade um dos muitos ramos desta. Pois, no estudo da teologia podemos compreender e dar razão de nossa fé e tendo Deus com seu fim último, torna-nos portadores de uma mensagem evangélica e de encantamento pela vida, não é para isso que podemos e devemos estudar senão para alimentar a fé e nunca perder de vista, o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar.

Quando iniciamos este caminho de elaboração, tinha-se em mente fazer uma exposição dos quatro encontros de Francisco com a cruz e como destes nasce o que chamamos de espiritualidade franciscana da cruz e de sua importância na constituição da perfeita alegria no seguimento de Cristo, na vida de oração e na fraternidade e minoridade. Percebemos que muito se tem a aprender neste mundo, onde se busca o barulho, que não ouve ou não se encontra Deus no outro. A cada leitura, a cada reflexão se percebe o ponto fulcral do buscar Deus, do estar com Deus. Especialmente percebe-se na espiritualidade franciscana parafraseando

Gomes (GOMES, 2022) que ela é extremamente atual, sobretudo pela força irresistível que a figura de São Francisco de Assis e seu poder de atrair os mais diversos tipos de pessoas. Isto acontece porque Francisco fala da essência humana que, apesar dos tempos, permanece inalterada.

Portanto, todo o caminho feito respondeu a hipótese levantada e norteou nosso objetivo, pois como a experiência humana e religiosa do *Poverello* baseia-se numa doutrina espiritual coerente e profunda e como esta tem as reflexões e práticas de muitos homens, de seu encontro e de seu abandonar-se no seguimento de Cristo, buscando realizar a vontade de Deus, sendo portador da cruz e da minoridade e fraternidade, não teríamos hoje as reverberações de sua espiritualidade no mundo e de sua vocação, pois seus filhos e filhas são irmãos e irmãs menores vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade. Papa Francisco nos pede que sejamos uma fraternidade aberta, que reconhece, valoriza e ama a todos sem exceção e onde aprendemos senão de Francisco e de seu amor por Cristo. Logo, mesmo respondendo percebe-se que esta pesquisa, ainda é um pequeno adendo a todo arcabouço espiritual e teórico que nasce dos encontros de Francisco com o Senhor na cruz e se frutifica na vida da Família Franciscana e naqueles que se apaixonam pelo modo de seguimento apresentado por São Francisco de Assis, tem-se muito o que pesquisar e estudar.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª ed. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

BECKHÄUSER, Alberto. **A espiritualidade do franciscano secular: exemplo e proposta de Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 2015. 263 p.

BENTO XVI, Papa. **Homiliário: um caminho de fé antigo e sempre novo, solenidades, festas; memórias da Virgem Maria e dos Santos; missas votivas**. Tradução de Santa Sé. 2ª ed. ed. São Paulo: Editora Molokai, v. IV, 2020. 623 p.

BIGI, Mariano. **O Tau: um sinal, uma espiritualidade**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2004. 94 p.

CAROLI, Ernesto (org.). **Dicionário Franciscano**. Tradução de Almir Ribeiro Guimarães e Edinei da Rosa Cândido. 2ª ed. ed. Petrópolis: Vozes-Cefepal, 1999. 952 p.

CARRETTO, Carlo. **Eu, Francisco**. Tradução de Álvaro Cunha. 2ª ed. ed. São Paulo: Paulus, 2018. 166 p.

CEFEPAL DO BRASIL. **Cardernos Franciscanos: São Francisco de Assis e a oração**. Petrópolis: Vozes, v. 5, 1993.

CFFB. **Liturgia das Horas: próprio da Família Franciscana do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2022. 1230 p.

CHESTERTON, G.K. **São Francisco de Assis e Santo Tomás de Aquino**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 3ªed. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 378 p.

FASSINI, Dorvalino F. **São Francisco de Assis: Juventude e Conversão**. Porto Alegre: Província São Francisco de Assis, 2009. 234 p.

\_\_\_\_\_, Dorvalino F. **São Francisco de Assis: chamado e resposta.** Porto Alegre: Província São Francisco de Assis, 2016. 199 p.

FERREIRA LEITE, Deodato. **Francisco cantor da paz e da alegria.** 2ª edição. ed. São Paulo: Edicoes Paulinas, 1976. 296 p.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. **Fontes Franciscanas e Clarianas.** Tradução de Celso Márcio. [et al.] Teixeira. 3ª ed. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 1996 p.

FORTE, Bruno. **Seguir Jesus com Francisco de Assis: um itinerário espiritual.** Tradução de Orlando Moreira Soares. São Paulo: Edições Loyola, 2018. 57 p.

GOMES, Fábio C. **Introdução à Espiritualidade Franciscana: Textos, contextos, atualidade, testemunhos.** Petrópolis: Vozes, 2022. 189 p.

GRÜN, Anselm. **Dimensões da fé.** Tradução de Carlos Almeida Pereira. 1ª ed. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 86 p.

\_\_\_\_\_, Anselm. **A cruz: a imagem do ser humano redimido.** Tradução de Monika Otterman. 1ª ed. ed. São Paulo: Paulus, 2009. 123 p.

KEMPIS, Tomás; BOFF, Leonardo. **Imitação de Cristo e Seguimento de Jesus.** Petrópolis: Vozes, 2016. 297 p.

LARRAÑAGA, Ignácio. **O irmão de Assis.** Tradução de José Carlos Pedroso Corrêa. 20ª ed. ed. São Paulo: Paulina, 2012. 496 p.

LECLERC, Eloi. **O cântico das criaturas ou os símbolos da união.** Petrópolis : Vozes, 1977.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **O Senhor me dá irmãos.** Santiago de Compostela: Conferência dos Frades Menores do Brasil, 2001.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social.** São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_; PRADO, Fernando. **A força da vocação:** a vida consagrada hoje. Tradução de Danilo Mondoni. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

ROSSI, Luiz A. S. Nos passos de São Francisco de Assis. 1ª ed. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 76.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco.** Tradução de José Carlos Corrêa Pedroso. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2011.

SAMORA, Guilherme. **Francisco.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. 150 p.

SAMPAIO, Luiz P. **Horizontes franciscanos:** janelas para um mundo novo. 1ª ed. ed. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2019. 140 p.

SANTANER, Marie-Abdon. **Francisco de Assis e de Jesus.** Tradução de Maria Anita Mcdowell dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 242 p.

SÃO BOAVENTURA. **Exposição sobre a Regra dos Frades Menores.** Tradução de Plácido Robaert e Dorvalino Fassini. 1ª ed. ed. Petrópolis: Província São Francisco de Assis, OFM, 2008.

SCHENAIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática.** Tradução de Ilson Kayse; Luís Marcos Sander e Walter Schlupp. 4ª ed. ed. Petrópolis: Vozes, v. I, 2012. 558 p.

TESTUT, Suzane G. **O combate espiritual:** à luz de Francisco de Assis e de seus irmãos. Tradução de Francisco Morás. 1ª ed. ed. Petrópolis: Vozes, 2021. 157 p.

URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida. **Selecciones de Franciscanismo,** Madrid, 30, 2001. 44-69.